

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel
Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial e Sistemas
Agroindustriais



Dissertação

CAPITAL SOCIAL E EMPREENDIMENTOS DE ECONOMIA SOLIDÁRIA:
A EXPERIÊNCIA DOS CONSUMIDORES DA FEIRA VIRTUAL DA REDE BEM DA
TERRA

Retiele Vellar

Pelotas, Setembro de 2019

Retiele Vellar

**CAPITAL SOCIAL E EMPREENDIMENTOS DE ECONOMIA SOLIDÁRIA: A
EXPERIÊNCIA DOS CONSUMIDORES DA FEIRA VIRTUAL DA REDE BEM DA
TERRA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Territorial e Sistemas Agroindustriais da Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Territorial e Sistemas Agroindustriais.

Orientador: Prof. Dr. Décio Cotrim

Coorientador: Prof. Dr. Lúcio André O. Fernandes

Pelotas, Setembro de 2019

Retiele Vellar

CAPITAL SOCIAL E EMPREENDIMENTOS DE ECONOMIA SOLIDÁRIA: A
EXPERIÊNCIA DOS CONSUMIDORES DA FEIRA VIRTUAL NA REDE BEM DA
TERRA

Dissertação aprovada, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em
Desenvolvimento Territorial e Sistemas Agroindustriais, Programa de Pós-
Graduação em Desenvolvimento Territorial e Sistemas Agroindustriais, Faculdade de
Agronomia Eliseu Maciel, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 09/09/2019

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Décio Cotrim (Orientador)

Doutor em Desenvolvimento Rural pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof^a. Dr^a. Rosana da Rosa Portella Tondolo

Doutor em Administração pela Universidade Vale do Rio dos Sinos

Prof. Dr. Marcelo Fernandes Pacheco Dias

Doutor em Agronegócios pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof^a. Dr^a. Patrícia Martins da Silva

Doutor em Agronomia pela Universidade Federal de Pelotas

Agradecimentos

Quando comecei este novo caminho, não imaginava à proporção que teria para o meu amadurecimento profissional e pessoal, além do título, o curso de mestrado me proporcionou uma lição de vida, me ensinando a ser forte diante dos caminhos sinuosos que a vida nos impõem, sendo necessário manter o equilíbrio para seguir firme, pensar de forma multidisciplinar, e não somente através da linearidade sobre os fatos.

Entendi que o tempo é algo extremamente significativo, e que embora passamos administrando exaustivamente as suas frações, há momentos que ele se impõem e determina tudo, sendo necessário buscar aquilo que se quer, que faz sentido pra si, precisando saber se impor.

A necessidade de seguir na busca pelo conhecimento é além de um sonho, um caminho libertador que te possibilita não só dignidade, mas a construção do bem mais valioso que existe, potencializando seu efeito quando é possível ser compartilhado.

Com isso, gostaria de agradecer primeiramente, à minha filha, pela sua existência e, pelo seu amor diário, tornando mais leve e significativa a minha jornada, mesmo com o desafio e a responsabilidade de possibilitar que ela chegue mais longe do que eu, mas sem deixar de ser humana.

À Universidade Federal de Pelotas por existir e disponibilizar uma estrutura agradável que possibilitou trilhar este caminho.

Aos meus pais e irmãos por respeitarem minhas escolhas, compreendendo desde cedo o meu desbravamento.

Aos amigos que fiz no mestrado, especialmente aqueles que tive a oportunidade de desenvolver um convívio maior, Taíne Camargo, Stefanie Herbsthofer, Marina Danelux, Ana Barcelo, Cecília Dachery e William Aldrighi, obrigado por dividirem as angústias, as madrugadas e finais de semanas empenhados nos estudos, os momentos divertidos, por partilharem de suas vidas comigo, espero que possamos continuar sempre amigos.

Ao grupo de estudos do NEA, por partilhar de bons momentos e fazer valer o trabalho em equipe.

À todos os integrantes da rede Bem da Terra, pela sua recepção e oportunidade a mim concedida.

À todos os professores do programa, especialmente aqueles a que tive a satisfação de ter sido aluna.

Ao professor Décio por ter aceitado ser meu orientador, mesmo com nossas diferenças metodológicas, por ter acreditado em mim, ser amigo e me cobrar produção e empenho, estou na torcida para volte logo ao convívio diário do Departamento de Ciências Sociais Agrárias.

Aos professores Lúcio André de Oliveira Fernandes e Mario Duarte Canevar, meus coorientadores que souberam me encorajar serenamente para finalizar essa jornada quando as coisas ficaram difíceis.

Iniciar um novo caminho assusta!!! Mas depois de um tempo percebe-se que era mais perigoso permanecer parado, nesta trajetória, “se não puder voar, corra. Se não puder correr, ande. Se não puder andar, rasteje, mas continue em frente de qualquer jeito”.

Martin Luther King Jr.

Resumo

VELLAR, Retiele. **Capital social e Empreendimentos de Economia Solidária: A experiência dos consumidores da Feira Virtual da Rede Bem da Terra.** Orientador: Décio Cotrim. 2019. 106f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Territorial e Sistemas Agroindustriais) - Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019.

O presente estudo buscou aproximar os princípios da economia solidária à ideia de capital social, salientando que o capital social não se localiza nas pessoas, mas nas relações entre elas, e que a sua existência aumenta os recursos à disposição dos indivíduos que se encontram imersos em tais relações, formando diferentes arranjos entre os indivíduos e associações com interesses comuns. Reconhecendo o capital social como um atributo de valor não tangível que se encontra imerso nas relações sociais, e, em vista de que este só pode ser verificado pelas suas funções e resultados, este estudo se ocupou em estudá-lo no contexto dos empreendimentos de economia solidária, como no caso da Rede Bem da Terra. Neste sentido como objetivo central, o estudo buscou mensurar os níveis de capital social na associação de consumidores da rede Bem da Terra, verificando se os elementos do capital social estão presentes no contexto do estudo e, se contribuem para a sustentabilidade econômica da Feira Virtual da rede Bem da Terra. Para atingir tais objetivos, adotou-se uma metodologia mista, com a abordagem quantitativa ocupada na mensuração do capital social e, a abordagem qualitativa ocupada em levantar informações que visam aprofundar e compreender os resultados da análise quantitativa. Os dados levantados foram submetidos, a análise descritiva, análise fatorial exploratória e teste t de student. Como principais conclusões encontradas, destaca-se que o nível de capital social existente no grupo de consumo responsável (GCR) da rede Bem da Terra, pode ser considerado suficiente para garantir o funcionamento da Feira Virtual. Para futuros estudos, sugere-se adaptação do instrumento utilizado na abordagem quantitativa.

Palavras-chave: capital social, feira virtual, grupos de consumo responsável, rede Bem da Terra

Abstract

VELLAR, Retiele. **Social Capital and Solidarity Economy Enterprises:** The Consumer Experience of Rede Bem da Terra Virtual Fair. Advisor: Décio Cotrim 2019.106f. Dissertation (Master's degree in Territorial Development and Agroindustrial Systems) - Faculty of Agronomy Eliseu Maciel, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2019.

This study aimed to approximate the principles of solidarity economy to the idea of social capital, emphasizing that social capital is not located in people, but in relationships between them, and that its existence increases the resources available to individuals who are involved in such relationships, forming different arrangements between individuals and associations with common interests. Recognizing social capital as an attribute of non-tangible value that is immersed in social relations, and, since it can only be verified by its functions and results, this research was concerned with studying it in the context of solidarity economic enterprises, as in the case of Bem da Terra network. In this sense, as a central objective, this study sought to measure the levels of social capital in the consumers' association of the Bem da Terra network, verifying if the elements of social capital are present in the context of the study and if they contribute to the economic sustainability of the Virtual Fair of Bem da Terra network. To achieve these objectives, a mixed methodology was adopted, with the quantitative approach occupied in the measurement of social capital and the qualitative approach occupied in gathering information that aims to deepen and understand to aid the quantitative analysis. The data collected were submitted to descriptive analysis, exploratory factor analysis and student t test. As main conclusions, it is noteworthy that the level of social capital existing in the responsible consumption group (GCR) of the Bem da Terra network can be considered sufficient to guarantee the functioning of the Virtual Fair. For future studies, it is suggested to adapt the instrument used in the quantitative approach.

Keywords: social capital, virtual fair, responsible consumption groups, Bem da Terra network

Lista de Figuras

Figura 1	Definições do capital social	37
Figura 2	Framework metodológico	40
Figura 3	Desenho da pesquisa.....	41
Figura 4	Quadro com os elementos constituintes dos fatores do capital social	44
Figura 5	Ilustração da Rede Bem da Terra	50
Figura 6	Sistema organizacional do Grupo de GCR Rede bem da Terra que mantém o funcionamento da Feira Virtual	56

Lista de Tabelas

Tabela 1	Dados descritivos dos consumidores ativos e inativos da Feira Virtual.....	60
Tabela 2	Resultados dos testes de KMO, Bartlett e alfa de Cronbach.....	62
Tabela 3	Número de fatores obtidos, autovalores e suas variâncias após rotação varimáx	64
Tabela 4	Variáveis agrupadas nos fatores, communalidades e cargas fatoriais.	65
Tabela 5	Alfa dos fatores, médias das variáveis individuais e dos fatores.....	66
Tabela 6	Teste t de student entre médias dos fatores para consumidores ativos e inativos.....	76

Sumário

1. Introdução	1
1.1. Objetivo Geral e Objetivos específicos	8
1.2. Justificativa	8
2. Referencial Teórico	11
3. Metodologia	38
3.1. Classificação da Pesquisa	38
3.2. Desenho da Pesquisa	41
3.3. Técnica de Coleta dos Dados	42
3.3.1. Instrumento de Coleta e Seleção da Amostra Quantitativa	42
3.3.2. Instrumento de Coleta e Seleção da Amostra Qualitativa	45
3.4. Análise dos Dados	47
4. Resultados e Discussões	49
4.1. Contextualização da Feira Virtual na Rede Bem da Terra	49
4.2. Análise Descritiva dos Dados	59
4.3. Análise da Estrutura Fatorial do Capital Social dos Consumidores da Rede Bem da Terra	62
4.4. O Capital Social difere entre os membros ativos e inativos?	75
5. Considerações Finais	79
6. Referências Bibliográficas	83
Apêndices	89

1. Introdução

A sociedade brasileira vem passando por um período de recesso econômico, muito reflexo da crise político-institucional instalada no país nos últimos anos. Entre os muitos desafios enfrentados pela população, se encontra a falta de ocupação laboral e justa, observada pela alta taxa de desemprego, que saiu de aproximadamente 7% em 2014, atingindo o patamar de 12,3 % em janeiro de 2019 (IPEA, 2019).

Diante deste cenário, a economia solidária tem sido uma alternativa de organização associativa do trabalho e suas relações de produção em busca de novas estratégias de inclusão social (IPEA, 2016). Inúmeras publicações recentes, dentre as quais, destaca-se Oliveira (2018), Silva et al. (2018), Balthazar e Cardoso (2017), Ribeiro e Oliveira (2017), Maia (2014), Cruz (2014), Santos et al. (2013), debatem a temática da economia solidária no Brasil, enfatizando suas mais diversas dimensões analíticas, e quais são as variáveis determinantes de sucesso ou fracasso dessas formas distintas de organização social de trabalhadores e lideranças populares na criação e manutenção de iniciativas coletivas de geração de trabalho e renda (IPEA, 2016).

A trajetória deste estudo desenvolve-se a partir de uma análise do capital social em uma experiência de economia solidária que vem se desenvolvendo nos últimos quatro anos na região de Pelotas no estado do Rio Grande do Sul, gerando trabalho e renda para famílias de Empreendimentos de Economia Solidária¹, por meio de iniciativas baseadas no consumo consciente de um grupo de pessoas que adquire os produtos de forma inovadora através de uma feira virtual.

Através de uma dimensão analítica, a economia solidária se difere da economia capitalista enfatizando a integração de grupos com comprometimento social de forma que resulte em conquistas para todos os diretamente envolvidos, assim como para a sociedade em geral (GAIGER; GRUPO ECOSOL, 2014). A construção desta nova realidade, a economia solidária, implica em focalizar nas

¹ Definição Empreendimento Econômico Solidário: organizações: coletivas – organizações suprafamiliares, singulares e complexas (tais como: associações, cooperativas, empresas autogestionárias, grupos de produção, clubes de troca, redes etc.) cujos participantes ou sócios exercem coletivamente a gestão das atividades, assim como a alocação dos resultados; permanentes – que disponham ou não de registro legal, prevalecendo a existência real; e que realizam atividades econômicas de produção de bens, de prestação de serviços, de fundos de crédito (cooperativas de crédito e os fundos rotativos populares), de comercialização e de consumo solidário (SIES, 2005).

vinculações entre organizações e pessoas que atuam nas esferas da produção, da distribuição e do intercâmbio de bens e serviços em que o objetivo é promover alternativas de trabalho e de renda e não apenas o lucro.

Para a existência deste novo formato de economia, é necessário uma série de requisitos, entre eles a cooperação entre instituições e pessoas, conforme analisa Coleman (1990) e Putnam (1996). Esta cooperação é obtida quando o capital social, cujo conceito amplo refere-se aos fatores que fazem os grupos sociais funcionarem mais ativamente, está presente em níveis adequados. Putnam (1966, p. 177) define o capital social como “as características da organização social, como confiança, normas e sistemas, que contribuem para aumentar a eficiência da sociedade, facilitando ações coordenadas”.

Para Putnam (2000, p. 19) “enquanto capital físico refere-se aos objetos físicos e capital humano refere-se às propriedades dos indivíduos, capital social refere-se às conexões entre os indivíduos-redes sociais e normas de reciprocidade e confiança que aumentam a produção de capital físico e capital humano”, no entanto, por ser visto como um atributo das relações sociais, o capital social constitui-se um bem público, ao contrário do capital econômico, que é geralmente um bem privado.

Logo Fukuyama (2000, p. 28) compreende o capital social como sendo “um conjunto de valores ou normas informais, comuns aos membros de um grupo, que permite a cooperação entre eles”, ressaltando o comprometimento social e, a confiança como elementos essenciais para o bom funcionamento e eficiência de qualquer grupo ou organização.

Assim a cooperação voluntária depende do capital social, sendo ele composto pelo compartilhamento de regras, confiança e redes sociais atuando de forma dinâmica (PUTNAM, 1996). Neste sentido, o capital social não pode ser isolado do seu contexto e construído artificialmente, pois está fundamentado nas relações sociais devidamente contextualizadas e refere-se à habilidade das pessoas de conectarem-se e através desta, permitir o fluxo de informações que resultam em benefícios para todos (MILANI, 2003).

Portanto, são as características da organização social amalgamada por confiança, normas e relações que proporcionam melhorias na eficiência do viver em sociedade. São estas características que facilitam as ações coordenadas que levam ao desenvolvimento econômico, sustentável e social. Estas características que, no seu todo, são também conhecidas como capital social, representam um “valor

produtivo”, que igualmente a outras formas de capital, levam “a realização de certos objetivos que seriam inalcançáveis se não existissem” (PUTNAM, 1996, p.177).

Similarmente a conotação de “valor produtivo” adotada por Putnam (1996), Bourdieu (1980) reconhece a existência de diferentes formas de capital, citando o capital humano, o capital cultural e o capital instrumental. Todos são convertidos em capital econômico, inclusive o capital social que como um atributo acumulável por uma pessoa ou instituição, pode conferir vantagens também convertidas em capital econômico.

Percebe-se, portanto, que das relações e estruturas sociais surgem diferentes arranjos entre os indivíduos e associações com interesses comuns, de modo que o capital social presente possa ser caracterizado como um atributo de uma comunidade e até mesmo de uma organização. Neste ponto, Fukuyama (2000) destaca “a confiança”, como um dos principais atributos do capital social, pois segundo ele a necessidade de confiar é tão fundamental quanto à satisfação de ser igualmente confiável. Para o autor, sem confiança não existe cooperação entre as pessoas.

Dada à importância do capital social no contexto cotidiano da sociedade, Putnam (2000) e Fukuyama (2000) apontam as mudanças ocasionadas na sociedade moderna, “apanhadas na escada rolante do progresso tecnológico”. Para eles a crescente urbanização, a globalização, a introdução da internet e as inovações “aumentam a produtividade” e ao mesmo tempo solapam comunidades e os modos de vidas existentes, forçando que as regras sociais evoluam e as pessoas se adaptem para satisfazer as condições econômicas mudadas. De certa forma, isto causa um descompasso grande entre a evolução tecnológica e a social, visto que as mudanças não evoluem na mesma medida, e, embora o estoque de capital social “esteja constantemente sendo repostado, o processo não é automático, fácil ou barato” (FUKUYAMA, 2000, p. 289).

Com isso, as relações sociais estão passando por uma revolução, ocasionada pelo conflito entre as imposições das grandes corporações, resultando em transformações de hábitos e valores, especialmente na forma de consumo, que se configura atualmente de forma extremamente acumulativa e descartável (TONINI; MACKE, 2007).

É diante desta realidade que surgem os empreendimentos de economia solidária, os quais buscam iniciativas e estratégias pautadas na associação, na

solidariedade e no cooperativismo. Eles propõem novos formatos produtivos e novos hábitos de consumo, através do associativismo com frentes econômicas e sociais. A ideia destes empreendimentos teve origem na instauração da revolução industrial, no começo do século XIX, na Europa, onde se buscava alternativas ao desemprego em massa, a precarização das relações de trabalho e à pobreza (SINGER, 2002; GAIGER, 2003; KOCHHANN, 2017).

No Brasil a economia solidária ganhou relevância a partir de 1990, por meio de estudos de Paul Singer, quando o capitalismo globalizado precarizou as relações de trabalho, o desemprego e a exclusão social. A globalização ao invés de equilibrar o planeta exacerbou o capitalismo em proporções inestimáveis, ocasionando uma desestruturação em diversos países e cidades locais, “tornando o desemprego crescente e presente, sendo necessária à abertura de novas formas econômicas” (SANTOS, 2001, p.19).

Os empreendimentos da Economia Solidária são grupos de pessoas que produzem e comercializam seus produtos, caracterizam-se pelo seu caráter coletivo, englobando associações, cooperativas, redes entre outras conformações. Desempenham suas atividades econômicas tanto no ambiente rural como no urbano, através da prestação de serviços, produção e comercialização de produtos fundamentados nos princípios da autogestão², realizando as atividades necessárias de forma coletiva e democrática, estimulando um comércio justo e solidário (SIES, 2015).

No contexto nacional de forma pioneira, destaca-se o ECOSOL, um projeto econômico, político e social em que o modo de organização do trabalho é pautado pela parceria de pessoas, divisão justa do trabalho e das responsabilidades individuais, sendo uma importante alternativa no cenário brasileiro, pois a colaboração, entre as pessoas de um grupo, proporciona o acesso coletivo aos meios de produção (SINGER, 2002, 2008).

Pelas últimas informações existem 19.708 Empreendimentos de Economia Solidária (EES) no Brasil, organizados e distribuídos entre 2.713 municípios brasileiros. Desse montante, 3.292 estão localizados na região sul do país e 1.697 no estado do Rio Grande do Sul, abrangendo 281 municípios (SIES, 2016).

² A autogestão pode ser entendida como um exercício de poder compartilhado, por meio de um “conjunto de práticas sociais que se caracterizam pela natureza democrática das tomadas de decisão, que propicia a autonomia de um ‘coletivo’”. Sua adoção implica no equilíbrio de forças entre os atores dentro da organização (ALBUQUERQUE, 2003, p.20).

Há uma série de configurações organizacionais que formam os empreendimentos de Economia Solidária, desde os mais tradicionais, como as feiras livres, as lojas de oferta coletiva, até a recente modalidade dos Grupos de Consumo Responsáveis (GCRs). Estas são iniciativas de pessoas organizadas que buscam acessar produtos alinhados com seus valores, preferencialmente alimentos saudáveis (entre outros itens) a preços acessíveis, produzidos por pequenos produtores³ (CALABRÓ, 2016).

Os Grupos de Consumo Responsáveis (GCR) usualmente baseiam-se na autogestão e em diversas atuações voluntárias que não visam somente o lucro, diferenciando-se de lojas convencionais e empreendimentos comerciais (CALABRÓ, 2016). As escolhas de consumo desses grupos são pautadas em atitudes sustentáveis, onde atributos como as consequências para a saúde, o meio ambiente, a sociedade, a cultura, a economia e o mundo são de grande relevância na hora da escolha (KAIRÓS, 2017).

Atualmente existem 25 GCR em atividade no Brasil e, entre estes, encontra-se o GCR da Associação de Consumidores Bem da Terra, estando vinculado à Rede Bem da Terra - Comércio Justo e Solidário, localizada em Pelotas no Rio Grande do Sul (KAIRÓS, 2017).

A Rede Bem da Terra, integra da produção (Associação de Produtores do Bem da Terra), ao consumo, por meio de feiras livres, uma banca no mercado público do município e a Feira Virtual (plataforma digital pelo qual os membros do Grupo de Consumo Responsável da Associação de Consumidores Bem da Terra adquirem os produtos da rede), todas localizadas no extremo-sul do Estado do Rio Grande do Sul.

Atualmente a Rede Bem da Terra, integra do lado produtivo 27 empreendimentos solidários, estes empreendimentos englobam grupos informais, associações e cooperativas de pequenos produtores agroecológicos⁴, orgânicos⁵, artesanatos,

³ Pode ser caracterizado como pequeno produtor todos os sistemas produtivos que se enquadram dentro das características da Agricultura Familiar (AF) – considera-se agricultor familiar aquele que pratica atividades no meio rural de acordo com determinado limite de área, utilização de mão-de-obra da própria família, renda familiar originada de atividades econômicas do estabelecimento, direção do estabelecimento com sua família (Lei Federal no 11.326/06) (KAIRÓS, 2011).

⁴ Agroecologia – é uma ciência holística e interdisciplinar que objetiva o desenvolvimento sustentável da agricultura. Segue as normas da produção orgânica, e leva em conta os seguintes aspectos: ambiental (utilização dos recursos naturais disponíveis com o mínimo de impacto na natureza e em sua biodiversidade, buscando criar ecossistemas mais equilibrados); social (promove a valorização da agricultura familiar e da qualidade de vida de todos os atores da cadeia 'do produtor ao consumidor' no campo e na cidade); econômico (tem como base estimular uma comercialização justa e solidária); cultural (valoriza o conhecimento e a experiência de cada agricultor e a cultura local) (KAIRÓS, 2011).

⁵ Agricultura Orgânica – é um conjunto de sistemas de produção agrícola que, entre outras coisas, não permite o uso de substâncias que coloquem em risco a saúde de consumidores e trabalhadores

pescadores e costureiras (NESIC, 2019). O GCR do Bem da Terra originou-se conjuntamente com a Feira Virtual no final de 2014, com a perspectiva de inserir pessoas que buscassem inicialmente produtos saudáveis, mas também abertos a ingressar numa organização com uma relação diferenciada entre a produção e o consumo.

Atualmente a Feira Virtual Bem da Terra consta com 213 consumidores ativos organizados em 13 núcleos de consumo, abrangendo os municípios de Pelotas, Jaguarão e São Lourenço do Sul. Esta vem sendo um mecanismo de comercialização dos produtos, de empreendimentos da economia solidária, para consumidores do GCR Bem da Terra, previamente organizados em núcleos de consumo responsável, de forma inovadora, através da plataforma virtual (www.cirandas.net). No entanto, para a realização dos pedidos e vinculação aos núcleos de consumo é necessário um certo grau de comprometimento, e o ponto inicial é a participação na acolhida, a qual consiste numa manhã de formação onde são explicados os princípios centrais da Feira (NESIC, 2019).

Neste estudo, nosso objeto de investigação, o Grupo de Consumidores Responsáveis Bem da Terra, está vinculado a Associação de Produtores Bem da Terra, localizada na região Sul do estado do Rio Grande do Sul. Este grupo de consumidores através do apoio de incubadoras da Universidade Católica de Pelotas (UCPel), da Universidade Federal de Pelotas (UFPeI) e do Instituto Federal Sul-riograndense de Pelotas (IFSul) dão sustentação a feira virtual Bem da Terra, fazendo a sua gestão e um trabalho de extensão aos produtores vinculados aos empreendimentos solidários da região.

Buscando aproximar os princípios da economia solidária à ideia de capital social, salienta-se que conforme Coleman (1988) e Putnam (1996) o capital social não se localiza nos indivíduos, mas nas relações entre eles. A existência de capital social aumenta os recursos à disposição dos indivíduos que se encontram imersos em tais relações e, formam diferentes arranjos entre os indivíduos e associações com interesses comuns, de modo que o capital social presente possa ser caracterizado como um atributo de uma associação, ou comunidade, conferindo-lhe valor não tangível, mas altamente valioso num contexto econômico.

Estando a Feira Virtual, instituída nos princípios da economia solidária, mas inserida num ambiente onde o lucro é o motor do sistema, a competitividade é

e o meio ambiente, respeitam às leis ambientais, e não utilizam substâncias proibidas pela legislação de orgânicos, como agrotóxicos, fertilizantes minerais solúveis, hormônios, antibióticos e outros medicamentos, além dos produtos geneticamente modificados (KAIRÓS, 2011).

premissa básica para a sustentação dos empreendimentos e o individualismo é um fator fundamental do pensamento moderno, surge uma série de questionamentos relevantes sobre a interação da Economia Solidária e Capital Social. Entre os quais, cito: a) Se é o lucro que mantém os empreendimentos de uma economia de mercado, como a Feira Virtual da Rede Bem da Terra permanece atuante de forma sustentável economicamente ao longo tempo, visto que sua premissa de sustentação não visa o lucro, mas o bem estar social? b) Diante da imensa oferta de produtos disponibilizados nas mais diversas formas de comercialização, o quê motiva um indivíduo a ser consumidor da Feira Virtual e, logo, membro do Grupo de Consumo Responsável da Associação de Consumidores Bem da Terra? c) Existe ou não capital social no GCR da Associação de Consumidores da Rede Bem da Terra? d) Os níveis desse capital podem ser considerados um potencial produtivo para a sustentabilidade econômica da Feira Virtual?

A partir destes questionamentos, reconhecendo o capital social como um atributo de valor não tangível que se encontra imerso nas relações sociais e em vista de que este só pode ser verificado pelas suas funções e resultados, nos propusemos em estudá-lo no contexto dos empreendimentos de economia solidária. Outros estudos buscaram mensurar os níveis de capital social e identificaram seus elementos em diferentes contextos, entre estes citamos Onyx e Bullen (2000) e Woodhouse (2006), Esperanza et al. (2012), os quais reconhecem que a mensuração do capital social é essencial para o debate sobre o desenvolvimento local e comunitário. Outros autores, como Macke, Sarate e Damacena (2010) o estudaram no ambiente universitário enquanto Genari, Macke e Faccin (2012) por outro lado, examinaram o capital social no contexto organizacional, na criação de vantagens competitivas.

Portanto, parece haver uma legitimação da importância do capital social em contextos colaborativos, como no caso da Rede Bem da Terra. A questão que embasa este estudo é: “Existe capital social no Grupo de Consumo Responsável da Associação de Consumidores Bem da Terra? Encadeada dedutivamente a esta questão, tem-se duas hipóteses centrais neste estudo: (01) O Nível de capital social existente no GCR da rede Bem da Terra apresenta níveis suficientes para garantir o funcionamento da Feira Virtual; (02) O nível de capital social dos membros ativos do GCR é significativamente maior do que dos membros inativos. Esta última hipótese fundamenta-se na racionalidade de que os elementos que compõem o capital social

(identificação, confiança, senso de pertencimento, entre outras) é o que enlaça os membros a permanecerem engajados atualmente no projeto.

A estrutura do estudo apresenta: a) uma introdução onde é inserido pontos importantes sobre a economia solidária, como ela surge no Brasil, dados recentes dessa economia no país, como ela se relaciona com o capital social, os questionamentos que embasam os objetivos do estudo; b) uma justificativa evidenciando a relevância da investigação para a teoria e para a realidade empírica; c) um referencial teórico, centrado nos autores que disseminaram esse conceito, entre outras pesquisas; d) uma metodologia que aborda as técnicas, instrumentos, amostragens na qual o estudo desenvolve-se; e) uma seção de resultados, composta inicialmente pela descrição do contexto da realidade investigada, seguida da descrição dos dados, testes estatísticos e discussões; e f) considerações finais.

1.1. Objetivo Geral e Objetivos específicos

Para responder a questão de pesquisa, este estudo apresenta como objetivo geral mensurar os níveis de capital social na associação de consumidores da rede Bem da Terra, verificando se os elementos do capital social estão presentes no contexto do estudo e, se contribuem para a sustentabilidade econômica da Feira Virtual do Bem da Terra.

Como objetivos específicos, o estudo visa especificamente:

- (i) Descrever o modo organizacional da Rede Bem da Terra, caracterizando sua estrutura e funcionamento;
- (ii) Descrever o perfil dos membros do GCR Bem da Terra, identificando se eles são consumidores ativos ou inativos;
- (iii) Verificar se existem diferenças significativas entre consumidores ativos e inativos, a partir dos resultados dos níveis de capital social.

1.2. Justificativa

A relevância do tema desta pesquisa se justifica a partir de um paralelo traçado entre, a situação atual observada no país, de permanência da elevada taxa de desocupação e, uma retrospectiva histórica vivenciada no início dos anos 90,

momento em que a economia solidária se constituiu na região Sul do Rio Grande do Sul.

No início dos anos 90, a reestruturação produtiva (globalização, políticas neoliberais, revolução tecnológica e flexibilização do trabalho) atingiu fortemente a região Sul do Rio Grande do Sul, introduzindo as culturas agrícolas de grande escala e ocasionando uma forte desindustrialização nas cidades (Pelotas e Rio Grande). Neste momento, enquanto nas zonas urbanas, ocorria um aumento do desemprego, da precarização e o rebaixamento dos salários, passando o setor de serviços a ocupar a maior parte do PIB local, nas zonas rurais, se observava a grande migração da juventude das zonas rurais para as cidades da região sul, permanecendo no campo as pessoas com mais idade, inviabilizando a agricultura familiar (REDE-RIZOMA⁶, 2017).

Aliada a estes fatos, por volta de 2005, também impactou na região a expansão das universidades, elevando o contingente universitário para algo em torno de 10% da população dos grandes centros, pois a região conta com a presença de três universidades federais (UFPel, FURG e Unipampa), de um instituto federal (IFSul) e de uma universidade privada (UCPel), neste contexto que as incubadoras universitárias de cooperativas populares se desenvolveram (REDE-RIZOMA⁷, 2017).

Em decorrência dessa soma de fatores, a economia solidária foi constituída na região, como uma resposta conjunta entre, a classe trabalhadora urbana, os agricultores familiares, que buscaram uma saída no esforço coletivo para construir postos de trabalho apostando em formas diferenciadas de produção e comercialização, que por consequência originaram as incubadoras de cooperativas populares para atender as crescentes demandas. (REDE-RIZOMA⁸, 2017).

Observando o atual cenário nacional, verifica-se que a taxa de desocupação vem se atenuado ao longo dos últimos anos, onde a partir de 2014 se encontrava próximo aos 7%, até chegar ao nível de 12.3% registrado no início de 2019, destacando, que além de fraco, o pouco de aumento da ocupação que aconteceu, foi basicamente nos setores informais da economia (IPEA, 2019).

⁶ Documento interno.

⁷ Documento interno.

⁸ Documento interno.

Diante deste paralelo, entre cenário atual vivenciado no país e a retrospectiva histórica, contextualizando o momento de crise vivenciado na região Sul-RS naquele momento, evidencia-se que a economia solidária tem sido uma alternativa importante de organização associativa em busca de novas estratégias para geração de trabalho e renda (IPEA, 2016).

Portanto, a contribuição da abordagem teórica selecionada traz para este estudo, está na possibilidade de identificar particularidades em iniciativas originárias da perspectiva do consumo, como o GCR da Rede Bem da Terra, que venham a contribuir para manter e ampliar o bom funcionamento da Feira Virtual e, por consequência manter um mercado alinhado com a Rede de Empreendimentos de Economia Solidária em âmbito regional, e contribuindo para a sustentabilidade econômica desses empreendimentos.

2. Referencial Teórico

Diante de inúmeros estudos apresentados no desenvolvimento deste capítulo, muitas são as definições de capital social que apresentadas pelos cientistas sociais, mesmo que cada definição apresente particularidades significantes nos desdobramentos sociais, para uma melhor compreensão do que esse termo represente é necessário recorrer às teorias clássicas de capital.

A definição do termo “capital” segundo Marx (1981), é mais ampla do que a simples receita advinda da venda de uma mercadoria, compreendendo também o paradigma social, político e econômico.

Portanto, reconhecendo a existência um sistema produtivo vigente, os proprietários da força de trabalho que executam um trabalho excedente ao valor necessário para a confecção de uma determinada mercadoria geram um ganho excessivo aos proprietários dos meios de produção. Esse valor de trabalho excedente é denominado por Marx (1981) de mais-valia, sendo ela a fonte do lucro e por consequência de capital, mesmo que o tempo de trabalho seja de propriedade do trabalhador que vende a sua força de trabalho, o capital segue de posse dos proprietários dos meios de produção, ocasionando um ciclo onde a mais-valia é fonte geradora de capital e, esse é acumulado pelos proprietários dos meios de produção “donos do capital” (MARX, 1981).

Para Hunt (1985), “quando o trabalho de um trabalhador passou a ser encarado simplesmente como uma mercadoria, com valor de troca igual ao de qualquer outra mercadoria, todas as distinções econômicas, sociais e políticas entre os indivíduos desapareceram” (HUNT, 1985 p. 299). Nesse sentido o autor esclarece que “o trabalho é um elemento universal de toda a produção social e não algo específico às relações sociais capitalistas, pois é o tempo de trabalho necessário para a produção o único elemento comum a todas as mercadorias e diretamente comparável em termos quantitativos” (HUNT, 1985, p. 302).

Na perspectiva de Lin (1999) a classe de trabalhadores vende a sua força de trabalho, denominada proletária, é explorada, contrapondo a classe dominante, que acumula cada vez mais capital permanecendo ao longo do tempo os “proprietários dos meios de produção e donos do capital”, nessa lógica, Lin (1999) resalta que a teoria clássica do capital fundamenta-se na exploração das relações sociais.

Lachmann (1978) esclarece que o conceito de capital vai muito além do que a apenas a quantificação de valor que a força de trabalho expressa, podendo ser entendido como algo mais profundo, composto por inúmeras possibilidades com diversas funções, percebendo que os meios de produção são apenas instrumentos que se modificam com as diferentes aplicações dadas à eles pelos indivíduos, sendo essa diversificação da função que dará uma heterogeneidade ao capital (LACHMANN, 1978).

Validando a contribuição apresentada por Lachmann (1978) sobre a heterogeneidade do capital, Bourdieu na década de 80, em seus manuscritos "*The forms of capital*" explica a existência do mundo social como se fosse "história acumulada" e que é impossível explicar a estrutura do funcionamento desse mundo sem que seja reintroduzida a noção do capital em todas as suas formas e não a somente a reconhecida pela teoria econômica. Nesse sentido estabelece o "capital" como sendo o trabalho humano acumulado (tanto na sua forma materializada como na incorporada) e identifica três tipos de capital; econômico, cultural e social. Em suas formas objetivadas ou incorporadas esse capital leva tempo para se acumular, e está inscrito na objetividade das coisas na própria realidade desse mundo (BOURDIEU, 1986).

Das três formas de capital apresentadas pelo francês, em aspectos fundamentais, temos o capital econômico, como sendo imediatamente e diretamente conversível em dinheiro de modo que pode ser institucionalizado nas formas de direitos de propriedade; o capital cultural também conversível em certas condições em capital econômico e institucionalizado nas formas de qualificação educacional; e o capital social, constituído por obrigações sociais "conexões" e também convertível, em certas condições, em capital econômico sendo institucionalizado como um status de nobreza (BOURDIEU, 1986).

Mesmo que o conhecimento dessas diferentes formas de capital não seja o foco desse estudo sua compreensão fornece mais subsídios para um melhor entendimento e estruturação sobre o tema desse estudo "capital social" e como essa forma de capital se insere na sociedade contemporânea.

Pierre Bourdieu não foi um dos pioneiros a mencionar a terminologia "capital social", essa foi primeiramente utilizada por Hanifan (1916 apud MELO et al. 2015) que observando os resultados efetivos obtidos pela reunião dos membros com um

propósito comum, para solucionar os problemas do centro comunitário rural no estado da Virginia, Estados Unidos.

Posteriormente, Loury (1977) utiliza o termo capital social com uma abordagem diferente à utilizada por Hanifan (1916 apud MELO et al. 2015). Em seus estudos Loury (1977 apud MELO et al. 2015) aborda o sucesso de indivíduo no mercado, onde a quantidade de recurso que é investida na sua qualificação não é a única condição para o seu sucesso no mercado, esse sofre as influencias da sua origem, família e da comunidade em que vive, suas observações baseavam-se na análise de jovens negros no mercado.

Assim como Loury (1977) o sociólogo francês Pierre Bourdieu (1979) faz considerações sobre, desempenho econômico e social que um título escolar pode conferir a um indivíduo, onde, seu sucesso vem a depender também do capital social que ele herdou, através do sobrenome familiar e da rede de relações que a família possui, sendo essa forma uma forma específica de capital social o “capital cultural”, a sua contribuição é importante para resaltar que tais recursos advindos do capital social acumulado por um indivíduo podem ser convertidos em recursos econômicos e sociais (BOURDIEU, 1979).

Bourdieu em 1986, elaborando com precisão as suas considerações sobre o capital social, define como sendo “o agregado dos recursos reais ou potenciais ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de conhecimento ou reconhecimento mútuo” (BOURDIEU, 1986, p. 248).

Para o sociólogo o capital social é propriedade do indivíduo ou de um grupo que mobilizando o conjunto de relações ou redes pode obter muitos benefícios nos vários sentidos oriundos das relações de troca, nos relacionamentos que existem entre famílias, escolas, associações. A participação dessas organizações ocorre seguindo as condutas instituídas pelos seus membros, nessas participações os relacionamentos são reforçados mutuamente e o volume de capital social que um agente possui está diretamente relacionado ao tamanho de sua rede de relacionamentos.

Nessas redes é onde existe intercâmbio de conhecimento mútuo e reconhecimento mínimo de objetivos comuns, gerando um efeito multiplicador que resulta em benefícios simbólicos e até mesmo materiais, reforçando análise do autor ressalta; todas as formas de capital social se reduzem a uma única, o capital econômico. Porém, a aquisição de capital social requer deliberado investimento de

recursos tanto cultural quanto econômico. Não havendo um processo específico para a conquista de capital social, pois cada lugar, rede, associação desenvolve uma dinâmica própria para desenvolvimento do mesmo (BOURDIEU, 1986).

Para Bourdieu (1986) o conceito retoma ao “caráter” e centra-se nos benefícios que os indivíduos produzem da participação em grupos, em suas afirmações ele coloca “os benefícios angariados por virtude da presença a um grupo são a própria base em que assenta a solidariedade que os torna possíveis”. Dessa forma as redes sociais não ocorrem naturalmente, mas devem ser construídas e embora isso leve tempo a institucionalização das relações em grupo podem se beneficiar através da confiança então adquirida (BOURDIEU, 1986, p. 249).

Coleman (1990) assim como Bourdieu (1986) centrou suas análises no capital social dos atributos de grupos sociais, coletivos e comunitários, no entanto os estudos destes autores originaram duas direções distintas sobre o conceito de capital social.

Porem para James Coleman (1990), também sociólogo, o capital social está imerso em uma comunidade como se fosse um valor desta, sendo capaz de gerar bens públicos beneficiando a todos não sendo propriedade de ninguém, distanciando o capital físico e capital humano. Estando o capital social incorporado à estrutura das relações existentes entre as pessoas, não estando alojado, nem nas pessoas nem nos instrumentos de produção, diferentemente de Bourdieu (1986) que compreendia o capital social podia ser acumulado por determinadas pessoas ou instituições de modo que essas possam obter certas vantagens “poder” em relação a um grupo.

Coleman (1990) aborda a sua teoria social no contexto norte-americano, de forma que percebe a presença de três elementos básicos nas redes de relacionamentos sociais: os atores e seus interesses, os recursos necessários para satisfazer esses interesses e o controle sobre os recursos, considerando os sistemas sociais mais simples, onde engloba apenas dois atores, identificando neles a existência de duas distintas relações, de autoridade ou de confiança. Nesses dois tipos de relações verifica as normas sociais e a sua efetividade construindo uma teoria de capital social.

Após elaborar a sua teoria ele aplica ela à ação de atores corporativos (governos, sindicatos, etc.), analisando as relações entre os atores corporativos e os atores individuais.

Segundo o Coleman (1990) quando se verifica como um fenômeno ganha consistência, é necessário sair de uma análise macro-social para uma análise micro (onde se encontra os atores). Nesse sentido a teoria apresentada por Coleman (1990) destaca três situações: i) Micro, onde se verifica as ações praticadas pelos indivíduos; ii) transição micro-macro, onde as ações individuais resultam em mudanças sociais e iii) transição macro-micro, onde a sociedade influencia os indivíduos.

Para Coleman uma abordagem somente em uma situação micro estaria incompleta, devido ao fato da influência coercitiva dos fenômenos da situação macro, como as normas sociais, sobre os indivíduos. Procurando compreender como as normas emergem, e são mantidas entre um conjunto de indivíduos racionais, o autor de forma contestatória, não compreende como indivíduos racionais, obedecem às normas, deixando de beneficiar-se voluntariamente em determinadas situações para beneficiar outros indivíduos. Abordando o clássico problema de produção de bens coletivos. (COLEMAN, 1990 p. 242).

Para ele “as normas são construtos situados no macro, baseadas em ações racionais no micro, mas criadas sob certas condições através de uma transição micro-para-macro” (COLEMAN, 1990, p. 244).

Para fazer essa transição do micro para o macro o mais adequado é examinar os tipos de relações existentes entre os indivíduos.

Mesmo que em alguns casos os fenômenos sociais originam-se da somatória de comportamentos individuais, o mais comum que isto não ocorra, pois em suas conclusões o autor entende que os acontecimentos sociais resultam não da simples soma de indivíduos, mas da inter-relação entre eles (COLEMAN, 1990).

Salienta a forma racional dos indivíduos para a produção de bens coletivos, destacando como ocorrem as relações de confiança, favoráveis à ação coletiva que existe entre os participantes de grupos sociais. Considerando que os atores sociais somente conseguem satisfazer seus interesses agindo conjuntamente, mesmo que se utiliza de máquinas, ferramentas, instalações físicas (capital físico) e de suas habilidades e conhecimentos pessoais (capital humano) para atingir seus objetivos. Para tanto, é preciso haver relações sociais que tornem possível a ação conjunta (COLEMAN, 1990).

O sociólogo define o capital social como sendo o conjunto de relações sociais em que um indivíduo está inserido e que facilitam a atingir objetivos que, sem tais

relações, seriam inalcançáveis ou alcançáveis a um custo mais elevado (COLEMAN, 1990).

Diante dos muitos tipos de relações sociais geradoras de capital social, citadas por Coleman (1990), pode-se identificar em todos os casos, como fator importante a confiança mútua existente entre os indivíduos. Por exemplo, quando indivíduos se associam para atingir fins comuns envolvendo-se em alguma organização social, desenvolvem relações de confiança mútua no seu trabalho em busca dos objetivos da organização.

As relações de confiança, advindas como uma consequência da ação organizada, poderão eventualmente vir a ser utilizadas pelos atores sociais envolvidos com outros objetivos que estejam para além dos fins da organização. O capital social não se desgasta com o uso, pelo contrário, as relações sociais que o constituem tornam-se mais densas quando são continuamente ativadas (COLEMAN, 1990).

Outro autor de destaque na década de 90 ao lidar com capital social foi o cientista político Robert Putnam (1996), reunindo considerações feitas por Bourdieu (1986) e Coleman (1990), ele realiza um estudo durante mais de vinte anos em diferentes regiões da Itália, resultando no seu livro “Comunidade e Democracia”.

Em seus estudos, Putnam (1996) observou regiões da Itália na década de 70 onde foram criados governos regionais, buscando encontrar elementos nas estratégias de reprodução social que resultam no desenvolvimento desigual de determinadas regiões italianas. Contrasta as comunidades do norte de Itália (próspero), com um Sul italiano (pobre), procurando entender por que determinadas regiões se desenvolveram significativamente e outras não, observando que algumas regiões eram mais bem governadas que outras, ainda que tivessem estruturas, recursos jurídicos e financeiros semelhantes. O que era diferente de uma região para outra era a eficácia institucional.

Relaciona a eficácia institucional, diretamente ao conceito de comunidade cívica, destacando que não era a questão gerencial o único fator determinante para o desenvolvimento local.

Numa comunidade cívica, os cidadãos buscam o que Tocqueville chamava de o “interesse próprio corretamente entendido”, sendo ele um interesse definido a partir do contexto das necessidades públicas gerais, um interesse próprio que é esclarecido e sensível aos interesses dos outros (apud PUTNAM, 1996, p. 102).

Assinala que numa comunidade cívica, a cidadania implica direitos e deveres iguais a todos, a união da comunidade se mantém por relações horizontais de reciprocidade e cooperação, e não por relações verticais de autoridade e dependência. Uma comunidade que apresenta um estoque abundante de capital social, o trabalho em conjunto é facilitado, pois através da confiança adquirida nas relações à cooperação é fomentada, não sendo uma confiança cega, mas sim baseada na previsão de comportamento de um ator (entidade), nem tão logo uma confiança irrestrita (convívio íntimo), mas uma confiança dentro de um sistema mais complexo de relações como é uma comunidade, onde a confiança pessoal tem que ser transformada em confiança social (PUTNAM, 1996).

Dentro desse contexto o autor conceitua o capital social de modo similarmente a Coleman (1990):

Assim como outras formas de capital, o capital social é produtivo, possibilitando a realização de certos objetivos que seriam inalcançáveis se ele não existisse [...]. Por exemplo, um grupo cujos membros demonstrem confiabilidade e que depositem confiança uns nos outros é capaz de realizar muito mais do que outro grupo que careça de confiabilidade e confiança [...] (PUTNAM, 1996, p.177).

Adicionalmente o cientista político Putnam (1996) coloca que essa transformação da confiança pessoal para social ocorre por meio das regras de reciprocidade e dos sistemas de participação cívica. As regras de reciprocidade “são incutidas e sustentadas tanto por meio de condicionamento e socialização, quanto por meio de sanções”.

Como exemplo, podemos citar uma localidade onde venta muito e cada morador precisa manter seus jardins bem varridos para que as suas folhas não voem para a casa de seu vizinho, fazendo com que o vizinho venha varrer as folhas do seu jardim. Desse modo, cada dono de jardim precisa dar o exemplo, a fim de que ninguém tenha que varrer as folhas dos jardins dos outros. Mesmo que para muitos isso pareça ser um exemplo bobo, ele destaca valores como reciprocidade e espírito comunitário, de forma que regras como essas “fortaleçam a confiança, e vingam porque reduzem os custos de transação e facilitam a cooperação”. Mesmo que a regra não tenha força legal (formal) e para os indivíduos seja mais cômodo não segui-la, costuma-se acatar a regra, pois ela coíbe o oportunismo e soluciona problemas de ação coletiva (PUTNAM, 1996, p. 181).

Assim como as regras de reciprocidade, os sistemas de participação cívica promovem crescimento econômico e estão diretamente relacionados aos sistemas

de relações horizontais ou verticais de participação cívica. As relações verticais são menos úteis do que as horizontais para solucionar os problemas de ação coletiva, pois os cidadãos de “comunidades cívicas vão buscar no seu passado, na sua história exemplos de relações horizontais bem-sucedidas para solucionar os seus dilemas, ao mesmo tempo, que as menos cívicas encontram apenas suplicação vertical” (PUTNAM, 1996, p. 184).

Nas comunidades cívicas os estoques de capital social como confiança, normas e sistemas de participação criam círculos virtuosos que resultam em equilíbrios sociais com elevados níveis de cooperação, confiança e reciprocidade, civismo e bem-estar coletivo, tendendo a ser cumulativos e reforçar-se mutuamente, permitindo que essas regiões cresçam mais rápido do que as regiões com menos associações e mais hierarquia (PUTNAM, 1996).

Os estudos de Putnam confirmam a forte correlação entre associações cívicas e instituições públicas eficazes, de modo que o capital social através dos sistemas horizontais de participação cívica favorece o desempenho do governo e da economia, pois nessas regiões existem associações locais fortes, com ativa participação das pessoas nos negócios comunitários, observância da lei e confiança. Em contrapartida, as comunidades menos cívicas, as relações sociais e políticas ocorrem verticalmente, se caracterizando pela ilegalidade, desconfiança mútua nas relações, altos índices de corrupção, como que tal fosse normal. Portanto quanto mais cívico o contexto, melhor o governo salientando que o “fundamental numa comunidade cívica é a capacidade social de colaborar visando a interesses comuns” (PUTNAM, 1996).

Posterior à experiência Italiana Putnam (2000) analisa a sociedade norte-americana, apresentando em seus estudos no livro *Bowling Alone*, publicado em 2000. Neste livro ele tenta mostrar o declínio nas últimas três décadas do engajamento cívico (capital social) nos EUA, cria um índice de capital social observando uma série de variáveis que representavam para ele o conceito de capital social.

As variáveis incluem desde medidas de engajamento político (participação eleitoral, filiação a partidos político), aspectos da vida organizacional da comunidade (associações de pais e mestres, clubes, organizações cívicas em geral), medidas de voluntarismo comunitário (existência de entidades filantrópicas, serviços voluntário entre outros), medidas de sociabilidade informal (número de visitas a amigos ou

número de horas que um indivíduo se entretém em casa sozinho), medidas de confiança social (percepção dos cidadãos quanto à honestidade e a confiança mútua).

O resultado do estudo é obtido, quando ele cruza o índice que desenvolve sobre o capital social, com os dados dos estados americanos, referentes a educação, bem estar das crianças, segurança das vizinhanças, prosperidade econômica, saúde, felicidade, cidadania e desempenho do governo, e, obtém uma forte correlação positiva, entre o capital social e o desempenho destes estados nos indicadores investigados. Este estudo possibilitou ampliar o alcance deste conceito, afirmando que as redes sociais têm valor, uma vez que os contatos sociais aumentam a produtividade de indivíduos e grupos (PUTNAM, 2000).

No contexto americano, o autor destaca a dualidade do capital social, sendo ele público, quando os benefícios ocorrem em prol do coletivo e privado quando os benefícios satisfazem os interesses pessoais de determinado indivíduo. O autor ainda esclarece a existência de duas formas distintas de capital social, de ponte e de união. Como o próprio nome expressa, capital social de ponte, consiste no tipo de capital social que realiza ou promove ligações através de conexões com diferentes contextos sociais, sendo de grande importância para disseminar informações e gerar reciprocidades amplas, enquanto que capital social de união, busca trazer considerações internas à grupos homogêneos de afinidades específicas, motiva a solidariedade, promove reciprocidade reforçando a interação entre as pessoas, resultando na identificação das similaridades (PUTNAM, 2000).

Francis Fukuyama, é outro cientista político que aborda extensivamente o tema capital social, embasa a importância do capital social destacando o papel da confiança em uma sociedade no processo de desenvolvimento de um país. Neste momento, entende o capital social como uma capacidade de manter a confiança em uma sociedade, ou, em parte dela, estando presente em grupos sociais, desde um pequeno núcleo familiar, até ao nível de uma nação. Para o autor são os aspectos culturais geralmente responsáveis por criar e transmitir o capital social (FUKUYAMA, 1996).

Fukuyama (1996) compreende que o capital social mais útil é aquele, baseado no predomínio de virtudes sociais, como honestidade, lealdade e confiabilidade onde essas possibilitam as formações associativas e cooperativas, mas, considera que a sua aquisição também resulta de hábitos às normas morais.

No entanto reconhece a capacidade do capital social de realizar atividades que beneficiam os indivíduos que se encontram em associações sociais e de cooperação.

Fukuyama (1996) entende que sociedades com abundância de associações voluntárias, são marcadas por altos níveis de capital social, sendo este um elemento importante para a manutenção do sistema econômico vigente, pois favorece o surgimento de organizações privadas lucrativas, fazendo considerações sobre as mudanças tecnológicas e os mercados que são impostos às sociedades. Destaca também a vantagem adaptativa conferida as sociedades com altos níveis de capital social, visto que ela pode ser entendida como um recurso das nações, onde estes distintos recursos trazem implicações para a divisão global do trabalho, e torna as organizações mais eficientes (FUKUYAMA, 1996).

Fukuyama (1995) também evidência a diferença que o capital social desempenha nas organizações econômicas, sendo estas, desde uma estrutura industrial, negócios familiares ou arranjos flexíveis de organizações baseadas na sociabilidade espontânea que surgem da confiança recíproca entre pessoas estranhas, tomando o capital humano, como fator determinante para haver confiança, possibilitar cooperação e o surgimento de novos grupos, ou, associações de negócios. No entanto, destaca que culturas com fortes laços familiares essas possibilidades são demasiadamente mais difíceis de acontecer, e em sociedades onde não existe nem laços familiares e nem associações voluntárias, sendo deficiente de capital social, há possibilidades de desenvolver organizações criminosas como a principal forma de organização social.

Destaca ainda que o capital social precisa constantemente ser renovado, para não ser extinto, e faz associações entre o capital social e o desenvolvimento econômico, onde entende que o capital social é pré-condição para formar empreendimentos em grupos em uma sociedade moderna, permitindo a produção de riqueza, pois beneficia os indivíduos e logo contribui para a economia nacional (FUKUYAMA, 2000).

Em seu livro “A grande ruptura”, publicado no ano de 2000, ele conceitua o capital social como sendo “um conjunto de valores ou normas informais, comuns aos membros de um grupo, que permitem a cooperação entre eles” (FUKUYAMA, 2000, p.28). Nesta obra, aborda as consequências da falta de capital social para as sociedades modernas, destacando essencialmente o aumento de organizações

criminosas, a necessidade de mecanismos de coordenação formais, como contratos, hierarquias, constituições e leis, para o sucesso dos grupos formais.

Na sua visão, uma democracia bem evoluída, depende da sociedade civil, e esta necessariamente precisa de capital social, facilitando o sucesso de um grupo social, pois permite a união e associação na busca de seus interesses, gerando inovação e adaptação (FUKUYAMA, 2000).

Da mesma forma como Putnam (1996) aborda o civismo, Peter Evans (1996) reforça esse conceito salientando que a "sinergia estado-sociedade pode ser um catalisador para o desenvolvimento". Onde as instituições públicas podem promover normas de cooperação e redes civis reforçando o compromisso entre os cidadãos comuns para fins de desenvolvimento. Em seus estudos investigam inicialmente a estrutura das relações sinérgicas entre ações complementares do governo e cidadãos, e entre o público e o privado, na forma de divisão de ações. Num segundo momento explora as circunstâncias sociais e políticas que facilitam o surgimento de sinergias e proporciona que os atores cívicos possam se envolver mais frutíferamente com o público e instituições em busca de fins de desenvolvimento (EVANS, 1996).

Nahapiet e Goshal (1998) desenvolveram seus estudos acerca do capital social com foco no desenvolvimento do capital humano, destacando a importância da criação de capital intelectual e a natureza das vantagens organizacionais. Seus estudos não foram empíricos, mas possibilitaram contribuições teóricas importantes, quando definem o capital social a partir de três dimensões distintas e interrelacionadas: a estrutural, a cognitiva e a relacional. Segundo os autores, cada dimensão absorve parte dos elementos do capital social, sendo elas altamente relacionadas entre si.

Nas dimensões propostas, a dimensão estrutural observa a presença, ou não de ligações entre as pessoas através das conexões sociais e da densidade; na dimensão relacional, observam-se os ativos criados e impulsionados pelos tipos de relacionamentos estabelecidos entre as pessoas e como ocorre a confiança nesses relacionamentos; na dimensão cognitiva, são observadas as visões compartilhadas, as normas e os sistemas de significado (NAHAPIET; GOSHAL, 1998).

Estes autores argumentam que a teoria do capital social fornece uma base poderosa para compreender a criação de capital intelectual e a natureza de vantagens organizacionais, visto que suas consequências aumentam a eficiência da

ação e diminui a probabilidade de oportunismo, reduzindo a necessidade de custear processos de monitoramento (NAHAPIET; GOSHAL, 1998). Mesmo que seus estudos não tivessem o foco do desenvolvimento de comunidades, suas contribuições foram significativas, pois forneceram um construto com as dimensões e evidenciaram a ligação existente entre elas.

Tsai e Ghoshal (1998), constroem hipóteses baseadas no modelo desenvolvido por Nahapiet e Ghoshal (1998), e submetem a teste empírico, por meio de aplicação de questionário em uma empresa de produtos eletrônicos de porte multinacional. Seus resultados reforçam o modelo apresentado por Nahapiet e Ghoshal (1998) além de destacar que entre os inúmeros aspectos apresentados pelo capital social, são os laços sociais, as relações de confiança e os sistemas de valores que facilitam as ações coordenadas (TSAI; GOSHAL, 1998).

John Durston (2000), embora crítico de muitos clássicos autores que abordam o capital social faz algumas contribuições importantes quando salienta que, mesmo o capital social sendo baseado na confiança e na cooperação, necessariamente ele por si só não leva a altos níveis de participação cívica e nem a um incremento de desempenho econômico. Nas comunidades atuam muitos atores e fatores que podem não partilhar dos mesmos objetivos. Somente quando uma determinada comunidade tiver objetivos em comum é que o capital social presente nela será efetivo para gerar desenvolvimento.

Para o autor, primeiramente é necessário chegar a um consenso acerca da definição de capital social. Para ele o capital social faz referência “às normas e instituições, organizações que promovem a confiança, reciprocidade e cooperação”, sendo uma teoria unificada de vários elementos que proporcionam benefícios a comunidade, como redução dos custos de transação e produção de benefícios públicos, que facilitam o gerenciamento de sociedades (DURSTON, 2000, p. 7).

Para tal, o autor explica a existência de duas formas diferentes de capital social; o individual (vinculada as pessoas) e o comunitário (se encontra nas relações estabelecidas entre as pessoas). O capital social individual se refere às relações de confiança e reciprocidade e se estende a várias redes pessoais. Nessa situação o recurso está nas relações que a pessoa possui através de crédito acumulado de reciprocidade, que ela pode solicitar quando necessário. Já o capital social comunitário seria referente às normas e estruturas que formam as instituições de cooperação de um grupo, residindo nas relações interpessoais que ocorrem dentro

do contexto institucional: as redes. Mas a grande riqueza do capital social encontra-se “nas interações das estratégias individuais e nas instituições e interesses da comunidade” (DURSTON, 2000, p. 19).

As instituições, segundo o mesmo autor, podem ser consideradas como o conjunto de relações bem estabelecidas utilizadas socialmente, que ao longo do tempo passam a incorporar suas características na comunidade onde estão. Ou seja, as instituições são sistemas de normas que resultam das interações de um grupo de pessoas que tendem a produzir benefícios de forma coletiva a um custo menor que de forma individual. Sendo o capital social individual “propriedade de quem pode se beneficiar disso” e o capital social comunitário “propriedade de ninguém, mas contribui ao benefício do grupo” (DURSTON, 2000).

Explorando mais a ideia de capital social comunitário, ressalta-se que este está diretamente relacionado ao enriquecimento de políticas públicas para setores excluídos ou onde existe pobreza. A sinergia do capital social com o Estado influencia de forma singular a comunidade local, visto que em alguns casos as políticas públicas acabam por criar capital social, afinal o compromisso pessoal do servidor é associativo com a comunidade como um todo e não individual ou para com pessoas específicas (DURSTON, 2000).

Nesse sentido, os incentivos por parte do estado são muito importantes para incentivar a confiança, onde ela não existe e, fortalecer hábitos de colaboração, associação assim como fortalecer ações dos serviços públicos com os indivíduos e seus lares. A detecção do capital social em uma comunidade pode contribuir para a alavancagem econômica tanto de pequenos negócios como dos lares dessa comunidade e, até em associações comunitárias, pois são essas o elo que liga os lares individuais com a institucionalidade pública, independente se essas associações não sejam formais ou jurídicas.

Destaca que a presença do capital social vem sendo um ponto chave na presença de novos arranjos entre Estado, setor privado e sociedade civil, a existência de relações de confiança e normas de cooperação favorece a identificação entre os serviços públicos e as necessidades da realidade local. Para Durston (2000), gerenciar uma empresa comunitária requer conhecer e se identificar com os problemas humanos de um grupo e programar normas de conduta em prol do bem social.

O autor também acrescenta que a construção de capital social numa comunidade passa por etapas que correspondem aos diferentes níveis e tipos de capital social, identificando comunidades que apresentam capital social individual, mas sem instituições e sistemas comunitários, conforme observou em seus estudos na comunidade Chiquimula na Guatemala (DURSTON, 1999).

Para o autor, assim como para Putnam (1996), o capital social também pode ser visto como uma estratégia de superação da pobreza de comunidades ou setores sociais excluídos, nelas ocorre a nivelação dos atores sociais fracos, criando ações que façam eles desenvolverem suas potencialidades, elencando uma série de requisitos para tanto. Outro acréscimo importante no estudo do capital social apresentado por Durston (2000) é a constatação da existência de uma grande diferença no capital social em contextos urbanos e rurais. Ele usa especificamente em seus estudos comunidades camponesas da América Latina e apresenta,

“[...] a pobreza em termos estritamente econômicos pode não ser tão intensa no campo como na cidade, a presença no primeiro contexto de redes comunitárias mais estreitas e duradouras previne muitas manifestações da pobreza associadas a grandes cidades[...]” (Durston, 2000, p. 27).

O autor salienta que o ambiente rural não apresenta características ideais para o surgimento ou a criação do capital social, pois o espaço social é afetado pelo espaço geográfico, a distância entre vizinhos é dispersa, os meios de transporte são limitados e raros, ou seja, há pontos negativos para a formação de capital social tanto individual como em redes ou comunitário em instituições, no entanto, as relações sociais na comunidade rural existem e são múltiplas, não necessariamente densas (DURSTON, 2000).

Uma situação muito importante de ser considerada pelo autor é o fato da existência de comunidades conflitivas e comunidades cooperativas. Porém, comunidades cooperativas muito já foram bastante abordadas até então, com características de parentesco, identidade, ética, prestígio ao serviço comunitário, etc. Assim, o autor aborda as comunidades conflitosas, onde existem disputas entre indivíduos ou entre famílias, utilizando o capital social para a disputa entre os diferentes grupos e, mesmo que a disputa possa motivar a superação de obstáculos em seus grupos na tentativa de um superar o outro, essa concorrência nem sempre é saudável.

O autor acrescenta que uma comunidade com baixo capital social é aquela onde os conflitos nunca se resolvem e vão paralisando o bem-estar coletivo, não

podendo contribuir para desenvolver a comunidade como um todo. (DURSTON, 2000)

Assim como alguns estudos teóricos proporcionam contribuições importantes para o avanço da teoria, outros através de investigações empíricas também possibilitam contribuições importantes como Onyx e Bullen (2000) ao realizar seus estudos, desenvolvem um instrumento para medir o capital social em cinco comunidades diferentes da Austrália. O estudo correu em duas áreas rurais, duas áreas metropolitanas externas a Sydney, e uma no centro da cidade de Sydney.

Para Onyx e Bullen (2000) o capital social é a matéria-prima da sociedade civil e ocorre a partir das inúmeras interações diárias entre pessoas, não estando localizado dentro da pessoa individual ou dentro da estrutura social, mas no espaço entre as pessoas, na conexão entre elas. Não é propriedade da organização, do mercado ou do estado, embora todos possam participar da sua produção, segundo eles há evidências crescentes de capital social é um ingrediente essencial no desenvolvimento econômico da sociedade civil e no desenvolvimento da comunidade local.

Segundo os autores o capital social é um fenômeno "bottom-up". Se origina com pessoas que formam conexões sociais e redes baseadas em princípios de confiança, reciprocidade mútua e normas de ação.

Para medir o capital social Onyx e Bullen (2000) criaram um instrumento em forma de questionário, este contém 68 questões relativas ao capital social, das quais 17 questões relativa aos dados demográficos, e 8 questões direcionadas para trabalhadores remunerados. Abrangendo oito elementos, que são: (i) atitudes – valor de si próprio; (ii) confiança - percepção da segurança; (iii) participação na comunidade local; (iv) reciprocidade; (v) empoderamento pessoal-abertura; (vi) relações dentro do local de trabalho; (vii) atitudes em relação ao governo; (viii) informações demográficas. O instrumento foi aplicado em 1 211 moradores das cinco comunidades e os resultados foram submetidos a análises estatísticas, como análise fatorial e equações estruturais.

Como objetivos dos estudos de Onyx e Bullen, pode-se enumerar: (i) quais elementos abordados na literatura estão relacionados de forma empírica ao capital social; (ii) identificar os elementos do capital social e propor que eles sejam testados em outras comunidades; (iii) verificar se os aspectos relacionados as questões

demográficas e de gênero estão relacionados com o capital social; e (iv) descrever as cinco comunidades estudadas conforme os seus níveis de capital social.

Os resultados de seus estudos em síntese mostraram que é possível medir o capital social nas comunidades locais, que o seu conceito é empírico possibilitando identificar diferentes níveis de capital social nas cinco comunidades estudadas, fornecendo descrições detalhadas que configuram essas comunidades.

Após testar o instrumento elaborado para seu estudo, o questionário de 68 questões contemplou novos elementos além daqueles encontrados na literatura e resultou um modelo com 34 perguntas. As análises estatísticas resultaram em oito elementos que definem o capital social, como: (i) participação na comunidade local; (ii) pro atividade em um contexto social; (iii) sentimentos de confiança e segurança; (iv) ligações de vizinhança; (v) ligações familiares e amigos; (vi) tolerância da diversidade; (vii) valor da vida; (viii) conexões de trabalho (ONYX; BULLEN, 2000).

Como outros resultados o estudo também pode observar diferenças na combinação dos oito elementos do capital social nas cinco comunidades estudadas, identificando que as normas e valores, muitas vezes adquiridos através das gerações, criam uma sinergia coletiva, fortalecendo pequenas comunidades rurais que estão parcialmente isoladas de grandes centros urbanos. Esta proporciona efeitos tão positivos que resultam no bom funcionamento de todos os serviços do governo e na prosperidade econômica de todos. Em contraste, grandes centros urbanos e regiões metropolitanas, onde as relações ocorrem estritamente no âmbito profissional, com rotinas corridas e grande diversidade cultural com pessoas de todas as partes do mundo, o capital social quase não existe, pois o compartilhamento de valores e normas sociais não consegue ocorrer (ONYX; BULLEN, 2000).

Dovey e Onyx (2001) admitem que o capital social tornou-se um tema de crescente interesse em todos os setores econômicos por ser cada vez mais reconhecido. O capital social assim como o capital econômico e o capital humano formam uma trindade dos principais ingredientes necessários para o desenvolvimento de um estado democrático economicamente bem-sucedido e estável. Dentro desse contexto os autores deram foco em suas pesquisas para um estudo de caso numa organização industrial sul-africana, onde analisaram o conceito de capital social e sua relação não só para o desenvolvimento de instituições macroeconômicas da sociedade, mas também em organizações de nível

médio e micro, tais como o local de trabalho, a família e organizações comunitárias (DOVEY; ONYX, 2001).

Verificando em seus estudos que o capital social é visto como um "produto" e também como um "agente" de aprendizagem do desenvolvimento. Onde as relações aprendidas no local de trabalho podem ser transferidas com sucesso considerável, para configurações familiares e comunitárias.

No nível micro onde se encontram as famílias, 85% dos trabalhadores entrevistados afirmam ter influenciado a transformação da cultura de suas casas em com maior compartilhamento de poder, mais estratégias construtivas de comunicação e resolução de conflitos, e um aumento de cooperação voluntária em prol do bem comum da família, no entanto transferir algumas das habilidades aprendidas no local de trabalho para um contexto mais amplo como estruturas comunitárias foi mais difícil devido às diferenças culturais e altos graus de formalidade apresentados pela comunidade estuda (DOVEY; ONYX, 2001).

Outro estudo analisando experiências de desenvolvimento local foi realizado no Município de Pintadas (Bahia, Brasil) que fica num território chamado Polígono das Secas, caracterizado por 63 % da sua população pertencer a zona rural, apresentarem um baixo IDH, inferior à 0,499 e, uma migração sazonal de trabalhadores para regiões do Sudeste para trabalhar devido o território sofrer com a falta de oportunidade de trabalho devido concentração fundiária e prática da pecuária extensiva (MILANI, 2003).

O artigo faz uma retomada histórica da trajetória do município e como foi formado o capital social da comunidade ao longo do tempo, como ocorreram ações para solucionar os problemas enfrentados pela localidade e fomentar o desenvolvimento local. Essas ações tiveram início na década 60 com a atuação da igreja Católica, em 1970 através de ações Comunidade Eclesiais de Base, na década de 80 com a pastoral da Terra, em 85 ocorreu a emancipação política do município (desvinculando-se de Ipirá), final da década de 80 a atuação de ONG's internacionais, 1996 vitória das eleições municipais para o candidato que era integrante ativa dos movimentos em prol do desenvolvimento local e logo na década de 2000 uma associação (rede) foi criada (MILANI, 2003).

O autor parte da premissa que o desenvolvimento local não é regulado exclusivamente pelo sistema de mercado, mas envolve os fatores sociais, culturais e políticos de um determinada localidade, portanto, "o crescimento econômico passa a

ser uma variável essencial, no entanto, não suficiente para ensejar o desenvolvimento local” (MILANI, 2003).

No estudo de caso realizado em Pintadas, o capital social foi estudado através de seus significados práticos e suas relações com projetos de transformação social abordando dois aspectos principais: primeiramente que seu conceito tem caráter explicativo e avaliativo que auxiliam na compreensão e avaliação do desenvolvimento local e simultaneamente auxiliar na avaliação da realidade social (avaliação de projetos, novos índices para medir desenvolvimento, políticas públicas de reforço do capital social, intervenções por associações e ONG's); em um segundo momento o estudo tenta articular a dinâmica dos processos (valores e normas de confiança e participação) com a lógica dos resultados econômicos (MILANI, 2003).

Da revisão teórica sobre o capital social o autor faz cinco comentários muito pertinentes: (i) não existe um consenso sobre o conceito de capital social; (ii) que o capital social não pode ser isolado do seu contexto e construído artificialmente, ele está fundado nas relações sociais devidamente contextualizadas, pois refere-se à habilidade das pessoas de conectar-se e que através dessa conexão ocorra fluxo de informações; (iii) é uma categoria de capital (riqueza) bastante particular, que serve para produção de rendas que podem ser auferidas, sendo o capital social um estoque de relações e valores; (iv) pode ser entendido como propriedade de uma sociedade (civismo), essa propriedade possibilita maximizar as capacidades e atingir objetivos comuns; (v) nem sempre o conceito de capital social está conectado a um efeito positivo; (MILANI, 2003).

Como resultado de seu estudo o autor formula um conceito sobre capital social, como sendo “o somatório de recursos inscritos nos modos de organização cultural e política na vida social de uma população”. Também pode ser entendido como “um bem coletivo que garante o respeito de normas de confiança mútua e de compromisso cívico”. O capital social é compartilhado e não pertence a indivíduos, não se gasta com uso e sim se fortalece e faz crescer, é dependente direto das associações horizontais e entre pessoas (redes sociais) das redes verticais entre as pessoas e organizações, do ambiente político em que encontra a estrutura social, sendo uma das formas de operacionalização do desenvolvimento local. (MILANI, 2003).

Assim como Onyx e Bullen (2000), Woodhouse (2006), também realizou um estudo medindo o capital social de duas regiões no interior da Austrália. Shelfton e Greenside foram as cidades selecionadas por apresentarem características sociais, populacionais e econômicas similares, possibilitando a comparação dos resultados. A hipótese proposta no estudo se confirma, pois a região com mais alto índice de capital social, “Greenside” apresentou melhor sinergia nas relações pessoais e ações corporativas que fortalecem o comércio local e resultam no melhor desempenho econômico da pequena cidade (WOODHOUSE, 2006).

Em seus estudos utilizaram uma abordagem metodológica mista para explicar, como o nível de capital social dessas duas cidades está influenciando o seu nível de desenvolvimento econômico. No entanto, a importante contribuição que esse estudo empírico traz para a teoria, foi a diferenciação das ligações existentes dentro da dimensão estrutural. Dividindo elas em dois tipos, Bonding (colagem) e Linking (ponte), salientando como cada atua para o bem sucedido resultado econômico de uma localidade (WOODHOUSE, 2006).

As ligações Bonding, são geradas e compartilhadas por membros de um grupo relativamente homogêneo, como família e o trabalho, já as ligações Linking, são geradas e compartilhadas através de interligações entre grupos heterogêneos, como as existentes entre as entidades entre si, e entre as pessoas e associações.

Destaca a necessidade de haver um equilíbrio na existência dessas duas formas de ligações para o bom desenvolvimento de uma comunidade, onde as ligações Bonding são essenciais para desenvolver a fase inicial de desenvolvimento, mas em altos níveis podem ocasionar no fechamento de grupos não ocasionando a difusão de informações nem cooperação entre os grupos. Já as ligações Linking proporcionam ligações fora da comunidade local, com troca de experiências entre grupos distintos de forma a enriquecer seu conhecimento, essas proporcionam um maior impacto sobre o nível de desenvolvimento econômico dentro da comunidade (WOODHOUSE, 2006).

Em abordagem um pouco diferenciada a análise desenvolvida por Ximenes (2008) utiliza o capital social para observar dois projetos de desenvolvimento no município de Santarém, mesorregião do baixo Amazonas. Nessa região, diversos produtores utilizam as organizações locais e rede de relações sociais, que exercem os princípios do capital social (confiança, reciprocidade e cooperação), para resolver

a carência de serviços básicos na área de infraestrutura, saúde, educação e políticas públicas (linhas de crédito e políticas de apoio a pequena produção).

Os projetos analisados destinavam-se a treinar a população, para que elas tivessem ações organizativas e de gestão comunitária, despertando-lhes a visão institucionalista.

Esta visão permite compreender como os membros de uma comunidade desenvolvem ações proativas, através de soluções conjuntas em conselhos locais, associações, órgãos governamentais, utilizando redes de relacionamentos com vínculos de confiança para proporcionar iniciativas de inovação.

No entanto, essas soluções conjuntas não ocorrem naturalmente na rede de relacionamentos, elas precisam de incentivos externos, esses provem de competência técnico-científica, com diálogos e elementos dinamizadores, agregadores, sendo de extrema importância a construção de relações duradoras para que os empreendimentos inovadores não venham a fracassar no momento em que os agentes externos pararem de atuar (XIMENES, 2008).

Na conclusão de sua análise, interação dos indivíduos entre si e nas redes de relações sociais bem construídas facilita superar as limitações locais, favorecem a criação de estratégias coletivas, aumentando o poder de decisão e escolhas dos indivíduos (XIMENES, 2008).

No estado do Rio Grande do Sul, Brasil, alguns estudos também utilizaram o capital social para relacionar bons níveis de desenvolvimento de regiões, dos quais destaca-se: Monastério (2003) Pase e Santos (2008) e Macke, Sarate e Damacena, (2010).

Monastério (2003) divide o estado nas seguintes regiões: Campanha, Planalto, Serra e Mistos, observando nelas não somente o capital social, mas a colonização predominante de sua população, tamanhos das propriedades rurais e tipos de atividades desenvolvidas economicamente. Identificando na região do Planalto e Serra as de melhor índice, enquanto na região da Campanha há maior diferença na distribuição de renda, menor grau de informação, de leis, de conselhos e consórcios intermunicipais, ou seja, a região com menos acúmulo de capital social onde a estruturação das políticas públicas não é capaz de promover um desenvolvimento regional mais elevado.

Assim como Monastério (2003), Pase e Santos (2008) também divide o estado em regiões, mas somente em Norte e Sul. Observa nessas regiões o capital

social assim como a formação de sua população e aspectos economicos, e identifica na região Norte maior capital social, muito devido a colonização de seu povo ser predominante européia, sentiram a necessidade de cooperação gerando várias associações que proporcionaram um desenvolvimento mais igualitário da região o que contribui para uma melhor qualidade de vida da região. Em contraste, a região Sul, apresentou relações menos recíprocas, com bastante desconfiança social e política, muito devido a situação histórica da formação da região, que teve predomínio de grandes latifúndios onde o que predominava era as relações verticais de subordinação, patrão-empregado (PASE; SANTOS, 2008).

Já Tonini e Macke (2007) realizaram um estudo de caso, por meio de uma metodologia qualitativa, relacionando o capital social, a confiança e o desenvolvimento local no contexto da APROVALE (Associação dos Produtores de Vinhos Finos do Vale dos Vinhedos), uma associação formada por empresas pertencentes ao Vale dos vinhedos, na serra gaúcha. Estes autores, investigaram a existência de capital social e, da confiança entre os membros da APROVALE, aplicando um questionário aos 23 associados produtores de vinhos ou sucos de uvas que estão estabelecidos no vale dos vinhedos, região que compreende três municípios do estado do Rio Grande do Sul, que são Bento Gonçalves, Garibaldi e Monte Belo do Sul.

O questionário aplicado foi construído com base no referencial teórico e, é composto por 62 questões objetivas, divididas em seis blocos; dados dos respondentes, dados da empresa APROVALE, vida social, vida cívica e obrigações, todas buscando mensurar a confiança e o capital social, cruzando os dados obtidos nos questionários, com um levantamento histórico do desenvolvimento da região (TONINI; MACKE, 2007).

Como conclusão estes autores identificaram que a confiança é um elemento fundamental para o desenvolvimento de comunidades locais. Embora a fundação da APROVALE tenha ocorrido por motivação econômica, para permitir a conquista do selo de certificação e alavancar a divulgação do vinho produzido no local, ao longo do tempo, a confiança entre os membros da associação foi sendo reforçada, no entanto, o capital social evidencia-se apenas entre amigos e parentes. Como uma consideração importante, o estudo levantou que diante das características da sociedade atual, onde predomina a padronização e o consumismo, as especificidades de uma localidade pode permitir melhor competitividade, auxiliando

as comunidades rurais a buscar o desenvolvimento e a capacidade de enfrentar constantes transformações do mundo globalizado (TONINI; MACKE, 2007).

Diferentemente a Monatério (2003) e Pase e Santos (2008) Macke et al. (2010), mediram o capital social dos estudantes de Administração de uma instituição de nível superior na cidade de Farroupilha, Rio Grande do Sul. Foi utilizado o modelo desenvolvido por Onyx e Bullen (2000) na Austrália, com o propósito de identificar fatores do capital social relevantes para o desenvolvimento do capital social na comunidade.

Foram entrevistados 210 alunos, mas válidos foram 206 questionários, as respostas foram submetidas a análises: descritiva, fatorial, regressão linear, de variância utilizando o *software* SPSS (*Statistical Package of Social Science*).

Os resultados demonstraram que as variáveis com menores índices estão relacionadas com a participação da comunidade, em contraste com as de maiores índices que estão nas variáveis relacionadas ao ambiente de trabalho, fato que pode ser explicado quando se observa que 96,6% dos respondentes trabalham e estudam restando pouco tempo para desenvolver relações com os vizinhos e com a comunidade local (MACKE; SARATE; DAMACENA, 2010).

Outro estudo relevante medindo o capital social foi realizado em uma região rural no sul da Espanha, denominada Andaluzia. Administrativamente essa região divide-se em oito provincias (Almeria, Cádiz, Córdoba, Granada, Huelva, Jaén, Málaga e Servilha), representando 17,8% da população Espanhola (ESPERANZA et al., 2012).

O estudo propos um método para medir capital social a nível individual, utilizando equações estruturais dentro das três dimensões do capital social (estrutural, relacional e cognitiva) e apresentou um modelo de aplicação do método utilizando um único conjunto de dados sobre os agricultores da Andaluzia. A região ocupa um território 87,5 milhoes de Km² e 7,6 milhões de habitantes, no entanto, um terço dos moradores da Andaluzia vive em áreas rurais, com uma grande variedade de sistemas agrícolas. Esses pesquisadores referem-se ao conceito de capital social, como a coerência cultural e social interna da sociedade, normas e valores que governam as interações entre as pessoas e as instituições em que elas estão inseridas (ESPERANZA et al., 2012).

Concluem o quão importante é compreender os fatores que influenciam direta ou indiretamente a criação do capital social entre os agricultores, reforçando que o

capital social se tornou vital para promover o desenvolvimento sustentável nas zonas rurais da Europa. Como resultados globais das análises estruturais, relações entre as dimensões e elementos, destacam a importância de não serem generalizáveis, pois a articulação que conecta as dimensões e elementos é altamente dependente do contexto no qual o estudo foi desenvolvido (ESPERANZA et al., 2012).

Genari, Macke e Faccin (2012) desenvolveram estudos de capital social no contexto organizacional, avaliando como a existência de tal, pode resultar em vantagens competitivas para as empresas, visto que as variáveis econômicas não tem sido consideradas suficientes para o desenvolvimento social e a construção para o ambiente sustentável. Realizaram uma investigação de caráter quantitativo, com questionários autoadministrados para coleta de dados, com o objetivo de saber como o capital social se manifesta no ambiente interno de organizações em redes, mensurando o capital social nas indústrias vitivinícolas localizadas no vale dos vinhedos (RS-Brasil) e associadas às redes APROVALE e APROBELO (Associação dos Vitivinicultores de Monte Belo do Sul). Utilizando as técnicas estatísticas, análise fatorial, descritiva e de variância, concluíram a existência de altos índices de capital social, principalmente no que tange às dimensões relacional (aceitação e prestígio, confiança, identificação social, interação entre atores, normas e sanções, obrigações e expectativas, participação e sociabilidade) e cognitiva (acesso a pessoas e informações, códigos, cultura, linguagem e narrativas compartilhadas, sistemas de significados e valores) (GENARI; MACKE; FACCIN, 2012).

Na dimensão estrutural do capital social (configuração em rede, cooperação, laços entre os atores, padrões de conectividade e reciprocidade), perceberam que os níveis vão aumentando significativamente em grupos de respondentes com maior idade, maior tempo na empresa e maior renda. Neste sentido, entenderam que a maior participação na comunidade local, está relacionada com a maior maturidade (variável idade), maiores níveis de responsabilidade (gênero masculino, maior tempo de empresa e renda) e o aumento do vínculo com a comunidade por parte dos respondentes (GENARI; MACKE; FACCIN, 2012).

Tondolo, Tondolo e Bitencourt (2013), desenvolvem seus estudos com capital social, na área organizacional, por meio das facetas relacionais do comportamento organizacional, inseridas tanto nos processos gerenciais, industriais como estratégicos. Fazem uma investigação, para verificar se o empreendedorismo e a

orientação empreendedora se relacionam ao capital social, visto que ambas facilitam o trabalho, a renda e a inclusão social.

Portanto, diante desta idéia, através de uma abordagem quantitativa e caráter exploratório, investigam o nível de capital social em 185 alunos oriundos dos cursos de administração e ciências contábeis de uma Instituição de Ensino Superior no Sul do país, com o instrumento desenvolvido por Onyx e Bullen (2000), e aplicada no país por Macke e Sarate (2007). E mediram a orientação empreendedora das organizações, onde estes alunos estavam atuando, por meio de uma escala validada no Brasil por Fernandes e Santos (2008), e verificando o grau de correlação entre estes construtos (TONDOLO; TONDOLO; BITENCOURT, 2013).

Dentre os principais resultados encontrados, destacam-se a fraca correlação entre os construtos do capital social e orientação empreendedora, com o menor índice verificado na dimensão proatividade no contexto local (CS) e proatividade (OE), onde era esperado uma forte ligação. Observaram também a presença de correlações negativas, e ao analisarem os construtos de forma isolada, identificam que os resultados seguem os padrões dos estudos anteriores, apresentando como média geral para o capital social 2.56 e média geral para a orientação empreendedora 3.55, correlacionando as médias destes encontraram um coeficiente de 0.259, que não é considerado um valor elevado de correlação (TONDOLO; TONDOLO; BITENCOURT, 2013).

Melo, Bellen e Zaro (2015) através de um ensaio eminentemente teórico, avaliaram a qualidade do capital social formado entre organizações e *stakeholders*, para fins de desenvolvimento regional. Entendem o capital social como “o conjunto de ativos relacionais que podem afetar a capacidade produtiva de uma entidade social” e, por meio das dimensões estrutural, relacional e cognitiva, que estão inter-relacionadas, discutem como ocorrem os relacionamentos entre as organizações com seus *stakeholders* na constituição do capital social, podendo suas ações refletir no desenvolvimento, sendo ele classificado de acordo com a lógica predominante, em um desenvolvimento espúrio ou sustentável.

Entendem como desenvolvimento espúrio, quando as organizações locais “realizam ações baseadas em uma lógica que coloca em risco a sustentabilidade econômica, social e ambiental”, e por desenvolvimento sustentável quando as organizações locais “promovem a sustentabilidade econômica, social e ambiental” (MELO; BELLEN; ZARO, 2015, p. 3).

O estudo apresenta três hipóteses, sendo a primeira, uma afirmação, que a qualidade do capital social nas relações entre gestores e *stakeholders* esta revelada nas dimensões relacional e cognitiva, e as outras hipóteses afirmam que as relações entre organizações e partes interessadas constituem um capital social que promove um desenvolvimento espúrio ou sustentável.

Por tanto vinculando estas teorias, com foco de análise no nível organizacional, trazem uma contribuição teórica, vinculando fatores concernentes ao capital social e aos *stakeholders* com a compreensão do desenvolvimento sustentável, como sendo um fenômeno social mais amplo (MELO; BELLEN; ZARO, 2015).

As principais conclusões encontradas no estudo confirmam a primeira hipótese, logo as dimensões cognitiva e relacional do capital social em uma região, revelam evidências do potencial de desenvolvimento, pois mostram como os significados compartilhados entre os indivíduos e grupos promovem a sustentabilidade da região, assim como, identifica-se o conteúdo transferido nas suas relações fortalecendo o desenvolvimento sustentável nas suas dimensões econômica, social e ambiental. No entanto, a dimensão estrutural do capital social não apresentou conteúdo suficiente para revelar o potencial de desenvolvimento sustentável, pois existem diversos modelos de relacionamento, que podem ser úteis para fortalecer e promover ações que levam tanto a benefícios quanto a consequências danosas para uma região. E que embora não tenham esgotado a articulação entre as teorias de capital social, *stakeholders* e desenvolvimento regional, o estudo indica que “existe uma condição para o desenvolvimento sustentável que repousa nos propósitos organizacionais que constituem o capital social nas relações com *stakeholders*” (MELO; BELLEN; ZARO, 2015, p.13).

Tondolo, Bitencourt e Vaccaro (2017) desenvolveram um estudo em organizações do terceiro setor, buscando identificar o nível de Capital Social Organizacional (CSO) das organizações sociais participantes de um projeto interorganizacional, desenvolvido no Estado do Rio Grande do Sul, visto que estas são desafiadas à obter a sustentabilidade organizacional e, garantir o funcionamento de suas atividades, exclusivamente por meio recursos de terceiros, captados a partir de doações, parcerias, convênios, entre outros. Neste sentido, o capital social organizacional, pode ser interpretado como importante ponto de alavancagem tanto para a captação de recursos como para o desenvolvimento de projetos.

Através de uma pesquisa quantitativa, uma *survey* investigaram 44 organizações de um total de 76, o que representa 58% da população. O instrumento utilizado apresentava duas secções, sendo a primeira composta por 17 variáveis destinadas a mensurar as 4 dimensões (estrutural, cognitiva, relacional e mobilizadora) do CSO, já a segunda apresentava questões, sobre o perfil e dados gerais da organização e o respondente. Os dados foram analisados por meio da análise de conglomerados e testes não paramétricos de Kruskal-Wallis e Wilcoxon-Mann-Whitney, obtendo como principais contribuições, a classificação de 3 grupos com níveis distintos de capital social organizacional, a reflexão sobre as motivações e razões da existência desses grupos, diferenciando-os em níveis baixo, médio e elevado de CSO. Permitiu a validação do instrumento proposto por Tondolo e Bitencourt (2012), pois obteve um alfa de 0.756, no entanto, identificou como a limitação o viés do respondente. Também, destaca-se os avanços teóricos a partir da dimensão mobilizadora e a sua importância como capacidade organizacional na captação de recursos das organizações sociais (TONDOLO; BITENCOURT; VACCARO, 2017).

Diante do exposto, formulou-se um quadro para expor a contribuição que diferentes autores possuem neste estudo, conforme observado na Figura 1.

Fonte	Conceito
Bourdieu (1986, p. 248)	"O agregado dos recursos reais ou potenciais ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de conhecimento ou reconhecimento mútuo"
Coleman (1988, p. 98)	"O capital social é definido por sua função. Ele não é uma entidade individual, mas uma variedade de diferentes entidades com elementos em comum, como; estarem vinculadas as estruturas sociais e facilitarem ações coordenadas, tanto de pessoas como atores corporativos, dentro de uma estrutura".
Putnam (1996, p.177)	"As características da organização social, como confiança, normas e sistemas, que contribuam para aumentar a eficiência da sociedade, facilitando as ações coordenadas".
Fukuyama (2000, p. 28)	"um conjunto de valores ou normas informais, comuns aos membros de um grupo, que permite cooperação entre eles". Devendo estar presente nas normas virtudes como honestidade, cumprimento de obrigações e reciprocidade".
Nahapiet e Ghoshal (1998, p. 243)	"a soma dos recursos atuais ou potenciais imersos nas, disponíveis pelas, e derivados das redes de relacionamentos pertencentes a um indivíduo ou unidade social".

Durston (2001, p. 2)	“... o conteúdo de certas relações e estruturas sociais, aquelas caracterizadas por atitudes de confiança e comportamentos de reciprocidade e cooperação”.
Milani (2003, p. 28)	“Somatório de recursos inscritos nos modos de organização cultural e política da vida social de uma população”.
Onyx e Bullen (2000)	“é uma força de poder do povo e, portanto, igualmente acessível todos. É matéria bruta da sociedade civil”.

Figura 1 - Definições do capital social

Fonte: Elaborado pelo autor

Diante da figura 1, na qual apresenta um quadro síntese das definições do capital social, salienta-se a escolha das percepções desenvolvidas por Putnam (1996), Coleman (1988), Fukuyama (2000) e Milani (2003) para alinhar as características da análise desenvolvida neste estudo.

3. Metodologia

Este capítulo tem como objetivo detalhar o método e as técnicas de pesquisa, assim como apresentar e descrever os procedimentos adotados para coleta e análise dos dados. Segundo Collis e Hussey (2005), metodologia “é um plano detalhado que servirá como um guia para focar a pesquisa” em estudo, ou seja, a ordem necessária que deve ser seguida nos diferentes processos para atingir um resultado desejado (COLLIS; HUSSEY, 2005, p.113). Um significado mais profundo sobre metodologia é apresentada por Minayo (2006), como sendo “o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade”, se tornando a alma da teoria (MINAYO, 2006, p.14).

3.1. Classificação da Pesquisa

Diante das diversas maneiras de se realizar uma pesquisa, primeiramente faz-se necessário escolher a abordagem em que o estudo será desenvolvido, estando diretamente relacionado à questão da pesquisa que precisa ser respondida. Com esse propósito, definir a abordagem do estudo juntamente com a “teoria” na qual a pesquisa será embasada tem que estar muito claro e definido no trabalho científico (FLICK, 2009).

Embora exista uma intensa discussão em função do uso, pela academia, de pesquisas com abordagem quantitativa ou qualitativa, a diferença entre essas abordagens está na sua natureza e não em uma ordem hierárquica, portanto esses dois tipos de abordagem não são incompatíveis e, entre eles, “há uma oposição complementar que bem trabalhada teórica e praticamente, produz riqueza de informações, profundidade e fidedignidade interpretativa” (MINAYO, 2006).

A partir destas considerações preliminares e, visando os objetivos centrais do estudo, o método de pesquisa adequado é uma abordagem mista, onde a abordagem quantitativa irá versar a mensuração e redução de variáveis por meio de uma análise fatorial e a abordagem qualitativa deverá discorrer uma investigação que possibilite entender e aprofundar aspectos de maior interesse na dinâmica da Feira Virtual da Rede Bem da Terra, destacando-se o universo interno aos núcleos de consumo responsável e grupos de trabalhos vinculados à esta. Neste sentido, a utilização da abordagem mista visou um propósito complementar para produzir

riqueza de informações, profundidade e fidedignidade (CRESWELL, 2010; MINAYO, 2006).

Conforme Creswell (2010), as estratégias de métodos mistos podem ocorrer em tempos concomitantes (coleta de dados ocorre simultaneamente nas duas abordagens) e sequenciais (quando a coleta de dados ocorre de forma sequencialmente no tempo). Neste estudo, a abordagem mista de tipo incorporada concomitante foi a utilizada, configurando-se em um estudo quantitativo incorporando uma análise qualitativa, especificamente um estudo de caso único. Portanto, na fase de interpretação do estudo, o pesquisador reúne as informações obtidas nas duas abordagens apresentando como os dados qualitativos ajudam a elaborar ou ampliar os resultados quantitativos (Figura 2).

A escolha por um estudo misto do tipo incorporado concomitante justifica-se pela disponibilidade de tempo disponível para desenvolver o estudo, visto que apresenta uma forma principal de coleta de dados na parte quantitativa e inclui uma forma secundária e menor de coleta de dados na parte qualitativa, como ambas as formas de coleta de dados são distintas em tamanho e rigor possibilita um escopo reduzido e seja manejável no tempo com os recursos disponíveis (CRESWELL, 2010).

Como estratégia de pesquisa, Yin (2010) salienta que estudo de caso são indicados em estudos de ciência política, administração pública, sociologia, psicologia comunitária, organizações, planejamento regional, entre outros, e permitem que o pesquisador aborde uma variação maior de aspectos históricos e comportamentais, apresentando como vantagem linhas convergentes de investigação que corroboram na acurácia do estudo (YIN, 2010).

Sendo a definição de um estudo de caso, “uma pesquisa empírica que investiga um fenômeno contemporâneo, especialmente quando a fronteira entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos” (Yin, 2001, p.32), e similarmente a investigação central do presente estudo, sendo esta estratégia adequada para a análise do fenômeno que ocorre na Rede Bem da Terra – no caso, o grupo de consumidores da Rede - e interpreta-lo à luz de um referencial teórico proposto – o Capital Social.

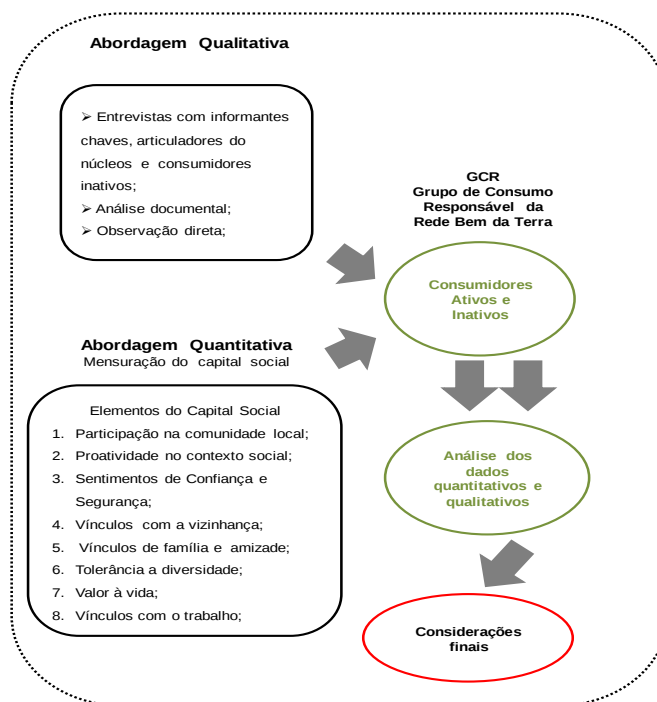


Figura 2 - Framework metodológico
Fonte: Autor

O capital social se mostra um conceito verificado pelas suas funções e resultados, sendo um desafio medir capital social relacionado a um contexto social. Estudos anteriores apontam a necessidade de investigação com variáveis subjetivas para identificar seus elementos como confiança, reciprocidade, participação em contextos sociais, normas, pró-atividade, ligações com amigos e colegas de trabalho (ONYX; BULLEN, 2000).

O estudo, então, classifica-se como de abordagem mista de caráter concomitante incorporado, tendo como propósito explorar e possivelmente descrever o fenômeno investigado. Estudos exploratórios ocupam-se em examinar questões que não foram pesquisadas antes, se restringem a contextos específicos, sugerem afirmações e estabelecem prioridades para estudos posteriores. Já estudos descritivos objetivam especificar as propriedades, características e os perfis de pessoas, grupos, comunidades ou qualquer fenômeno que possa ser submetido à análise.

Diante de tais considerações e estando as análises deste estudo centradas no grupo de consumidores responsáveis da Feira Virtual Bem da Terra, um contexto específico, no qual ainda não foram feitas investigações relativas ao capital social,

apresenta-se adequado o propósito exploratório e descritivo (SAMPIERI et al., 2013).

3.2. Desenho da Pesquisa

Através dos diversos caminhos percorridos nas atividades desenvolvidas ao longo de uma pesquisa, podemos compor um desenho de pesquisa com o objetivo de melhor visualizar todas as etapas que fazem parte do processo. Observa-se na figura 3 que a pesquisa foi dividida em quatro etapas: (i) envolve a questão de pesquisa, a problematização teórica e a elaboração do instrumento; (ii) envolve uma aproximação com o objeto de estudo e coleta de dados quantitativos e qualitativos; (iii) envolve a análise dos dados quantitativos e qualitativos; (iv) aborda a análise dos dados e os resultados finais.

A figura 3 a seguir apresenta o desenho da pesquisa e as etapas realizadas:

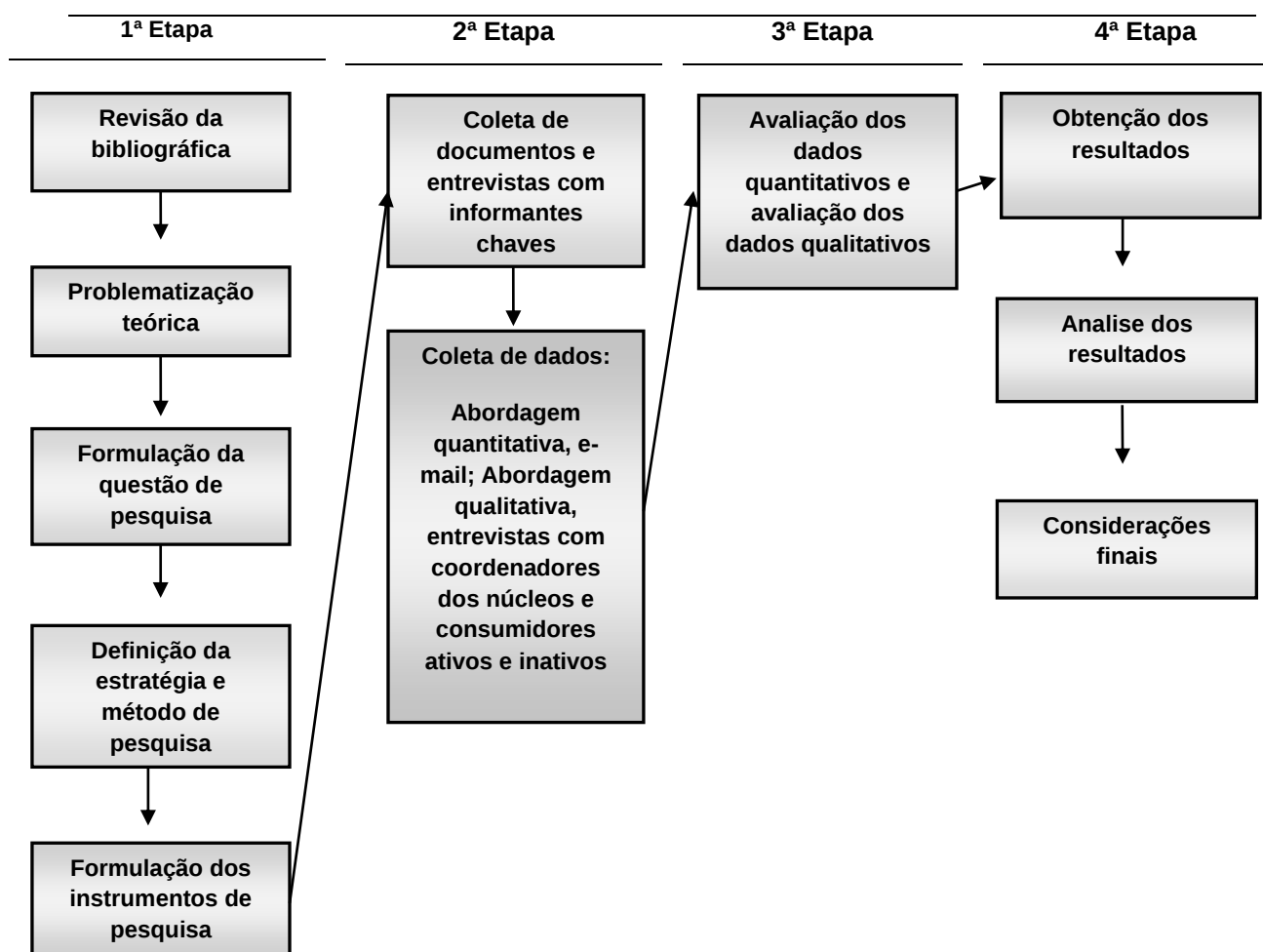


Figura 3 - Desenho da pesquisa
Fonte: Elaborado pelo autor

3.3. Técnica de Coleta dos Dados

A técnica de coleta de dados está diretamente relacionada com o método desenvolvido pelo estudo. O método de abordagem mista apresenta duas técnicas para coletas de dados, sendo a primeira destinada à coleta de dados da abordagem quantitativa e, a segunda, destinada à coleta de dados da abordagem qualitativa. No entanto, ambas se desenvolvem concomitantemente ao longo do tempo e visam atender o foco do estudo, que é compreender como a existência de capital social na associação de consumidores responsáveis da Rede Bem da Terra contribui para a sua sustentabilidade da Feira Virtual.

Seguem nos itens subsequentes 3.3.1 e 3.3.2 uma explicação detalhada da coleta de dados e instrumentos utilizados em cada uma das diferentes abordagens da pesquisa.

3.3.1. Instrumento de Coleta e Seleção da Amostra Quantitativa

Os dados são coletados pelo pesquisador a partir do ambiente de estudo, muitos desses podem ser caracterizados pela sua subjetividade, e por tal não podem ser observados diretamente. O capital social é um conceito verificado pelas suas funções e resultados, portanto, a coleta de dados na abordagem quantitativa utilizará o instrumento baseado em estudos anteriores.

O instrumento que vem sendo utilizado para mensurar o capital social em comunidades é uma adaptação de um estudo desenvolvido primeiramente pelos pesquisadores australianos Onyx e Bullen (2000) e, posteriormente, utilizado por Macke, Sarate e Damacena (2010). Estes últimos autores traduziram e validaram o presente instrumento no idioma no qual a pesquisa será redigida, utilizando-o para mensurar o capital social dos estudantes do curso superior de administração na cidade de Farroupinha-RS. Posterior a eles Tondolo et al. (2013) também utilizou o instrumento para mensurar capital social em estudantes de uma Instituição de Ensino Superior no sul do Brasil .

A escolha por utilizar o instrumento desenvolvido por Onyx e Bullen (2000), justifica-se: a) pelo instrumento já ter sido testado empiricamente em diferentes lugares e regiões; b) por sua construção ter sido embasada nas contribuições de Putnam e Coleman; c) pelo fato do grupo de consumo responsável da rede Bem da

Terra, não se tratar de uma organização, que busca agregar valor por meio de seu capital social para obter vantagens competitivas diante de outras redes solidárias, mas por ser um grupo que consome e trabalha de forma conjunta, partilhando princípios para garantir a sustentabilidade econômica da feira virtual e beneficiar os empreendimentos de economia solidária da região de Pelotas-RS, se configurando em um capital social comunitário, exatamente o quê o proposto instrumento visa mensurar.

Neste estudo a coleta de dados da etapa quantitativa destina-se ao grupo de consumidores ativos e inativos da associação de consumidores da Rede Bem da Terra. O instrumento de coleta é um questionário estruturado organizado em duas seções, a primeira composta por 14 questões que registram informações sobre o perfil do respondente, e, a segunda, composta pelas 34 questões fechadas as quais estão organizadas em oito fatores que compõem os elementos do capital social conforme observado no apêndice A.

Essas variáveis foram medidas através de uma escala *Likert* de 1 a 4 pontos (1= não, nunca; 2= raramente; 3= frequentemente; e 4= sim, sempre), conforme utilizado no instrumento de Onyx e Bullen (2000). Esse tipo de escala destina-se a medir a frequência com que uma determinada atividade (variável) é realizada, conforme os oito fatores do capital social apresentados na Figura 4.

Fator	Variáveis
Participação na Comunidade Local	Participa de algum grupo na comunidade ou bairro como voluntário
	Administra ou participa de um comitê de organização de algum grupo de associação
	Tomou parte de um projeto na comunidade
	Ajudou a organizar um novo serviço na comunidade
	Envolvimento em alguma ação da comunidade numa situação de emergência
	Ser membro ativo de uma organização comunitária
	Participa em eventos comunitários
Proatividade no Contexto Social	Ter iniciativa no ambiente de trabalho
	Ajudar espontaneamente os colegas de trabalho
	Sentir liberdade para discordar
	Buscar resolver impasses
	Ter acesso a informação para tomar decisões importantes
	Sair da comunidade local para visitar a família
	Recolher lixo deixado por outras pessoas
Sentimentos de Confiança e Segurança	Sentir-se seguro na rua à noite
	Localidade tem fama de ser um lugar seguro
	Deixar que estranhos entrem em sua casa numa emergência
	Acreditar que a maioria das pessoas é confiável

	Sentimento de lar na sua comunidade ou bairro
Vínculos de Vizinhança	Visitar os vizinhos
	Ajudar um vizinho doente
	Pedir a um vizinho que cuide de seus filhos
	Ao sair de casa, aproveitar para visitar vizinhos e amigos
	Ser ajudado por amigos quando precisa
Vínculos de Família e Amizade	Sair para almoçar/jantar com outras pessoas fora da sua família
	Telefonar aos amigos
	Conversar com muitas pessoas
Tolerância à Diversidade	Acreditar que o multiculturalismo é saudável
	Apreciar diferentes estilos de vida
Valor a Vida	Sentir-se valorizado pela sociedade
	Sentir-se satisfeito com a vida
Vínculos com o Trabalho	Sentir-se parte de uma equipe de trabalho
	Considerar colegas de trabalho também como amigos
	Sentir-se parte da comunidade do local onde trabalha

Figura 4 - Quadro com os elementos constituintes dos fatores do capital social

Fonte: Adaptado de Onyx e Bullen (2000, p. 40- 41)

A versão do instrumento de coleta de dados utilizado no presente estudo seguiu o modelo de Onyx e Bullen (2000) e Macke et al. (2010), aplicado ao contexto da associação de consumidores responsáveis da Rede Bem da Terra, seguindo os procedimentos de validação, sendo encaminhado para especialistas da área conforme recomenda Yin (2010).

A mensuração do capital social ocorre através da observação das médias das variáveis obtidas a partir das respostas e, com as médias individuais de cada variável, é realizado o cálculo para a média do fator.

O tamanho da amostra da população que será pesquisada na abordagem quantitativa precisa atender às especificações para a realização de uma análise fatorial. Segundo Hair et al. (2009), como regra geral, é recomendado que se tenha o mínimo de cinco respondentes para cada variável e que, preferencialmente, o tamanho da amostra venha a ser maior ou igual a cem (HAIR et al. 2009).

Field (2009) acrescenta que a confiabilidade das análises depende do tamanho da amostra, visto que os coeficientes de correlação flutuam conforme as especificações de cada amostra. No entanto, inúmeros estudos empíricos de avaliação do tamanho ideal da amostra destacam que o tamanho mínimo da amostra depende do projeto do estudo e, se a totalidades das comunalidades forem acima 0,6, amostras pequenas são perfeitamente adequadas. Pode-se também avaliar a medida de adequação da amostra de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO),

considerando valores de pelo menos 0,7 (MACCALLUM; WIDAMAN; ZHANG E HONG, 1999, apud. FIELD, 2009). Assim, amostras relativamente pequenas ($\cong 100$) são adequadas desde que atendam os níveis mínimos estabelecidos de comunalidades e do teste KMO.

O universo de consumidores ativos e inativos da Feira Virtual totaliza 440 pessoas, as quais receberam um e-mail com a apresentação do pesquisador, seu orientador, explicações singelas sobre o estudo e o link para responder o questionário fechado editado e armazenado na plataforma digital Google Drive. Os consumidores inativos são as pessoas que já realizaram compras na Feira, foram consumidores ativos (realizaram compras com frequência na feira), mas que por algum motivo deixam de consumir por mais de três meses.

A escolha por utilizar o universo total de 440 consumidores (ativos e inativos) ocorreu com a premissa de atender o segundo objetivo específico do estudo, que visa por meio das respostas deste universo encontrar diferenças entre os consumidores ativos e os inativos.

A coleta de dados para compor os elementos da amostra atende à seleção de forma aleatória conforme orienta Yin (2010).

3.3.2. Instrumento de Coleta e Seleção da Amostra Qualitativa

Segundo Yin (2010) estudos de casos oportunizam utilizar múltiplas fontes de evidências, sendo este seu ponto forte. Portanto, na abordagem qualitativa o estudo confere três fontes de evidências que possuem o objetivo de levantar informações: i) na compreensão da dinâmica da Feira, visando entender como surgiu; ii) seu funcionamento ao longo do tempo; iii) a forma de organização dos núcleos de consumidores e dos grupos de trabalhos; iv) a viabilidade econômica; v) além da percepção dos consumidores sobre as perspectivas futuras da mesma.

Neste estudo a abordagem utiliza como coleta de dados: (i) a técnica de observação direta; (ii) entrevistas abertas e semi-estruturadas (focadas); (iii) análise documental.

A observação direta ocorreu no período de janeiro a junho de 2019. Como ações desenvolvidas neste período, salienta-se a participação na reunião acolhida (forma de ingresso na associação de consumidores ativos da feira), integração ao núcleo de consumidores guardiões e logo ao grupo do núcleo guardiões no

WhatsApp, participação na separação e facilitação, participação de reuniões dos articuladores de núcleos e participação da assembleia para a proposta de redesenho da Feira.

O período em que as entrevistas foram realizadas compreendeu de fevereiro a julho de 2019, e englobaram três grupos distintos de públicos: no primeiro grupo encontram-se os informantes-chave no contexto do estudo; no segundo grupo, encontram-se os articuladores dos núcleos de consumo e; no terceiro grupo, os consumidores inativos. Os grupos passaram por tipos distintos de entrevista: no primeiro e terceiro, ocorreram entrevistas abertas na forma de conversa e, no segundo, entrevistas semi-estruturadas.

As entrevistas abertas destinadas ao grupo de informantes-chave no contexto do estudo apresentam caráter exploratório. Elas foram registradas na forma de áudio, com a gravação autorizada pelo entrevistado, e disponibilizadas em arquivo digital. Compõem este grupo: (i) um integrante do grupo de trabalho educação, vinculado ao NESIC-UCPel e atuante no fomento da Feira desde sua fase inicial; (ii) um integrante do grupo de trabalho financeiro e vinculada ao TECSOL-UFPe; (iii) um integrante vinculado ao TECSOL-UFPe e atuante como produtor e logo vinculado a associação de produtores da Rede.

As entrevistas semi-estruturadas, que destinam-se ao grupo de pessoas que integravam os articuladores dos núcleos de consumo, utiliza um roteiro para coleta de dados, o qual, além do nome do núcleo de consumo, o nome do articulador e o tempo em que este estava vinculado à feira, divide-se em quatro aspectos referentes a: (i) apresentações pessoais, esclarecimento sobre o objetivo da entrevista, autorização para gravar o diálogo; (ii) verificação da comunicação entre os membros do próprio núcleo, se havia comunicação com os participantes dos outros núcleos e a existência de vínculos e conexões internas ao núcleo; (iii) verificação da existência de confiança, participação e obrigações, questões/pontos sobre o cumprimento das tarefas, a união e a reciprocidade de forma geral no núcleo e a sensação de identidade do núcleo; (iv) verificação da existência de normas e valores partilhados, verificação se os objetivos da feira e os princípios da economia solidária eram compreendidas por todos os membros no núcleo. O roteiro que guiou as entrevistas semi-estruturadas encontra-se no apêndice B.

As entrevistas semi-estruturadas, destinadas aos 12 núcleos de consumidores pertencentes à associação de consumidores responsáveis da Rede

Bem da Terra, foram registradas na forma de áudio, utilizando-se um aparelho de smartphone, e arquivadas em arquivo digital.

Por último, as entrevistas abertas destinadas ao grupo de consumidores inativos também apresentam caráter exploratório, buscando entender os motivos que levaram a parar de consumir, sendo registradas na forma de áudio, com a gravação autorizada pelo entrevistado, e disponibilizadas em arquivo digital.

Para o fechamento do número de entrevistados, foi utilizada a saturação teórica dos dados. Esse vem sendo um modo de sistematizar e expor a análise dos dados coletados em pesquisas qualitativas. Nesse sentido, considera-se haver saturação quando o pesquisador constata que, na interação entre campo de pesquisa e investigador, não existem mais possibilidades para delinear e aprofundar a teorização (FONTANELLA et al., 2011).

3.4. Análise dos Dados

Para análise dos resultados da abordagem quantitativa será utilizada primeiramente, uma análise descritiva, e sequencialmente, a técnica estatística multivariada conhecida como análise fatorial exploratória. Finalmente, também serão utilizados o teste de diferença de média, teste t de student.

A análise descritiva se ocupa de descrever o perfil dos respondentes e destacar o motivo principal que leva o respondente a participar da feira. Seguidamente, procedeu-se a análise fatorial, utilizando o software estatístico SPSS (Statistical Package for the Social Sciences). Para avaliar a adequabilidade dos dados foram executados o teste de esfericidade de Bartlett (0.000) e de Medidas de adequação da amostra (MSA), KMO (0.804) e alfa de Cronbach (0.913) que mostraram valores superiores aos aceitáveis, portanto, sendo seguro seguir a análise fatorial (HAIR et al. 2009).

A análise fatorial, como já foi mencionado é uma técnica de estatística multivariada, visa analisar a variabilidade comum entre o conjunto de variáveis através da análise da correlação existente entre as variáveis. A técnica simplifica os dados, através da redução do número de variáveis em um número de fatores relativamente menor, o que facilita a compreensão dos dados. Todos os fatores extraídos foram rotacionados através da Rotação Varimax, e salvos para comporem

os resultados do estudo. Os fatores resultantes foram avaliados em relação ao grau de confiabilidade através do valor alfa Cronbach (HAIR et al., 2009).

A análise dos dados obtidos na abordagem qualitativa será realizada através de uma análise do conteúdo das entrevistas, esta possibilita interpretar o conteúdo dos áudios registrados nas entrevistas. Também serão utilizados documentos, relatórios, informativos e sites, todos relativos à associação de consumidores da Feira Virtual Bem da Terra. Estes documentos podem fornecer detalhes importantes para corroborar com informações obtidas com as entrevistas (YIN, 2010).

A fim de possibilitar mais credibilidade os dados foram triangulados. A triangulação dos dados consistiu em analisar um acontecimento através de várias fontes de evidência (YIN, 2010). A utilização da triangulação dos dados permitiu fundamentar ainda mais o conhecimento obtido nos diferentes métodos abordados neste estudo.

4. Resultados e Discussões

4.1. Contextualização da Feira Virtual na Rede Bem da Terra

A Rede Bem da Terra representa oficialmente a Associação de produtores Bem da Terra e Associação de Consumidores Responsável Bem da Terra, a qual é “uma associação civil de fins não lucrativos que congrega Empreendimentos de Economia Solidária (EES) da região sul do Rio Grande do Sul”. É constituída por empreendimentos associados, por iniciativas de distribuição e consumo, bem como, entidades de apoio e fomento. Caracteriza-se por desenvolver atividades de economia solidária na região Sul do Rio Grande do Sul, seguindo as práticas e os princípios do comércio justo e do consumo solidário. Os empreendimentos envolvidos realizam a comercialização dos seus produtos por meio de feiras, físicas e virtual e a banca 71, no mercado público de Pelotas-RS (NESIC; BEM DA TERRA, 2019, 2019).

A Rede Bem da Terra surgiu como uma rede informal em 2007, congregando 14 empreendimentos, urbanos e rurais, mas foi consolidada em 2009 na cidade de Pelotas, com apoio da Universidade Católica de Pelotas por meio do seu Núcleo de Economia Solidária (NESIC/UCPEL), do Fórum Microrregional de Economia Solidária e da Associação Cultural Rádio Com (NESIC, 2019).

Atualmente a Rede compreende as seguintes ramificações: Associação de Produtores; Associação de Consumidores; Feira Itinerante; Feira Virtual; Banca 71 do Mercado Público de Pelotas e o projeto de incubação Rizoma conforme observado na Figura 5.

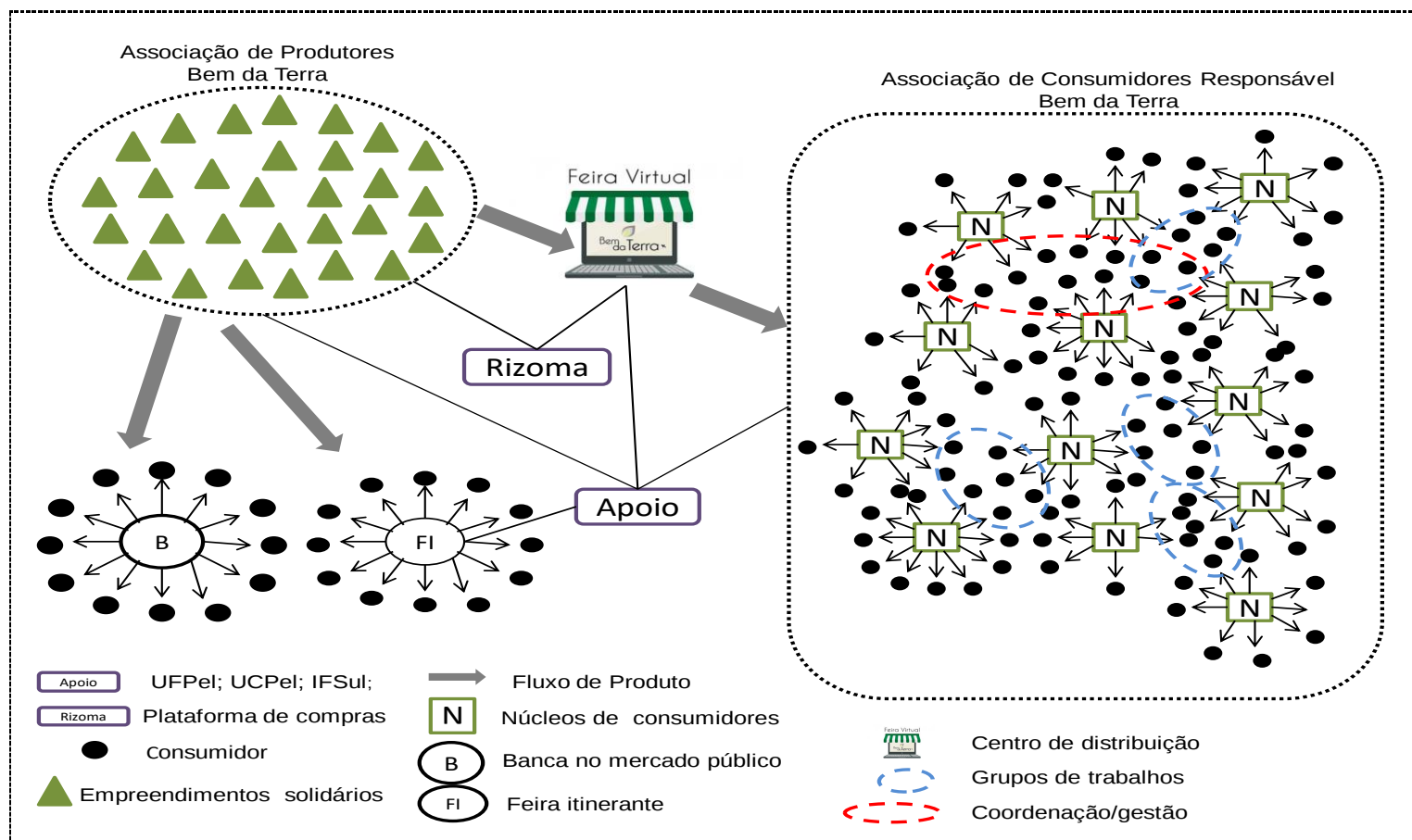


Figura 5 - Ilustração da Rede Bem da Terra

Fonte: Elaborado pelo Autor

A Associação de Produtores Bem da Terra, constituída em 2009, apresenta como objetivo, “reunir, congregar e fomentar empreendedores que atuam na perspectiva da Economia Solidária, incentivando-os nas práticas de autogestão e comercialização de seus produtos” (ESTATUTO DA ASSOCIAÇÃO BEM DA TERRA, p. 01, 2011). É composto por produtores, rurais e urbanos, organizados em grupos informais, associações ou cooperativas, sendo estes os empreendimentos que constituem a Associação Bem da Terra.

Atualmente a associação de produtores possui 27 empreendimentos solidários, nove no setor de alimentos, doze de artesanato, quatro hortifrúti-granjeiros, um de ervas naturais e um de produtos de limpeza e higiene pessoal. Produzem uma grande variedade de artigos, como alimentos e bebidas processadas, artesanato, artigos de higiene pessoal, conservas, doces, especiarias, grãos, cereais, hortaliças, verduras, legumes, frutas, laticínios, massas, produtos de limpeza, panificados, pescados, vestuário, calçados, entre outros. Estes e outros produtos são ofertados na Feira Itinerante mensalmente ou na Feira Virtual semanalmente (NESIC, 2019).

As Feiras Itinerantes são feiras “físicas” que expõem produtos dos empreendimentos da economia solidária, tanto rurais quanto urbanos, de frequência mensal, em cinco diferentes localizações no município de Pelotas: em frente a Universidade Católica de Pelotas (Campus I), no Instituto Federal Sul-rio-grandense (Campus I), na Universidade Federal de Pelotas, Campus Anglo, ICH e Capão do Leão. Nestas feiras, ocorre interação entre os produtores que estão expondo, assim como interação com os consumidores. Podem expor os produtos todos os empreendimentos associados que cumprem as regras da Associação Bem da Terra.

Diferentemente das feiras Itinerantes, a Feira Virtual é uma plataforma de comercialização de produtos dos empreendimentos da economia solidária da Associação Bem da Terra, destinada especificamente à consumidores previamente organizados em núcleos de consumo responsável (BEM DA TERRA, 2019). Estes consumidores se estabelecem em núcleos de consumo, conforme vínculos de amizade, afinidades profissionais, ideológicas, político-partidárias, proximidade geográfica, entre outras. Atualmente existem 13 núcleos de consumo, situados em sua maioria no município de Pelotas, Jaguarão e São Lourenço do Sul. Somam mais de 200 associados formando o Grupo de Consumo Responsável (GCR) da Associação

Educacional para o Consumo Responsável da Rede Bem da Terra (BEM DA TERRA, 2019).

A Banca 71 do Mercado Público, Loja Bem da Terra, é um espaço permanente de comercialização para escoar especialmente a produção urbana e local dos empreendimentos da Associação, como artesanatos e enfeites, visa também difundir a imagem da Rede Bem da Terra funcionando conforme os horários estipulados pela administração do mercado. (NESIC, 2019).

Os apoiadores, ou associados apoiadores, são os núcleos de fomento vinculados à entidades de ensino NESIC (Núcleo de Economia Solidária e Incubação de Cooperativas) na Universidade Católica de Pelotas (UCPel), TECSOL (Núcleo Interdisciplinar de Tecnologias Sociais e Economia Solidária) da Universidade Federal de Pelotas (UFPe) e NESOL (Núcleo de Economia Solidária) do Instituto Federal Sul-riograndense de Pelotas (IFSul).

O Rizoma, foi desenvolvido em parceria com os núcleos universitários TECSOL e NESIC, é uma tecnologia social que o objetivo inicial era articular compras conjuntas de produtos e insumos agroecológicos, trazidos de outras regiões do Rio Grande do Sul e do Brasil, como exemplo, café do sul de Minas Gerais, farinhas de Santa Rosa (RS), erva-mate e outros produtos de Ipê (RS), sucos e molho de tomate de Antônio Prado (RS), leite e derivados de São Miguel do Oeste (SC), vinhos de Garibaldi (RS) etc., para diversificar o leque de escolhas ofertado pela Feira Virtual, ampliando o número de consumidores responsáveis.

Assim como a compra conjunta, o Rizoma também viabilizou a aquisição direta de insumos destinados à produção dos empreendimentos solidários da região sul do Rio Grande do Sul, não necessariamente de empreendimentos da Rede Bem da Terra, mas de outras redes da região, como o Armazém da Economia Popular e Solidária que fica no município vizinho, Rio Grande. Também, possibilita a aquisição de produtos processados que não são encontrados na região para o abastecimento dos associados da Rede Bem da Terra (NESIC, 2019).

A Feira Virtual Bem da Terra, foi constituída em dezembro de 2014, é um programa de distribuição constituído pela Associação Educacional para o Consumo Responsável da Rede Bem da Terra (GCR- Bem da Terra), oferta produtos dos empreendimentos vinculados à Associação Bem da Terra: Comércio Justo e Solidário.

No período inicial da sua trajetória, entre 2014 e 2016, a Feira Virtual recebeu o apoio de diferentes entidades como, Associação dos Docentes da Universidade Federal

de Pelotas (ADUFPel), Sindicato Nacional dos Servidores Federais da Educação (SINASEFE), Sindicato dos Professores do Ensino Privado no Rio Grande do Sul (SINPRO-RS), Sindicato dos Bancários de Pelotas e Região e Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias e Cooperativas da alimentação de Pelotas. No mesmo período, ainda contou com o apoio de instituições educacionais, como da Universidade Católica de Pelotas (UCPel), da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), e do Instituto Federal Sul-riograndense de Pelotas (IFSul). Também integrou-se com outros propósitos, como o Programa de Apoio a Extensão Docente (PROEXT), do Programa Nacional de Incubadoras (PRONINC), do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) e da Secretaria Nacional da Economia Solidária (SENAES).

No período de 2017 até 2019 ainda contou com o auxílio das instituições de ensino UFPel e UCPel, através do assessoramentos dos alunos bolsistas dos programas TECSOL e NESIC. No entanto, os auxílios universitários findaram no primeiro semestre de 2019, sem possibilidade de renovação. A Universidade Católica de Pelotas permanece como apoiadora oportunizando o espaço para o centro de distribuição da Feira Virtual.

A Feira Virtual pode ser entendida como sendo um Grupo de Consumo Responsável (GCR) da Rede Bem da Terra. Cada consumidor é um associado, cada associado é parte integrante de um dos 13 núcleos, os quais são responsáveis pela gestão da Feira. Assim, cada consumidor associado participa de um núcleo, que por sua vez responde pela coordenação coletiva da feira.

Cada núcleo de consumidor reúne no mínimo sete associados, estes escolhem um membro para ser o Articulador do núcleo, o qual passa a ser o representante do núcleo na reunião de Conselho de Núcleos. Esta pessoa também é o responsável por coordenar a comunicação do núcleo, montar a escala dos participantes do seu núcleo nas tarefas básicas da Feira. Como tarefas básicas são compreendidas, a facilitação, a separação, e participação nos GTs (grupos de trabalho). A participação dos membros dos núcleos nestas atividades é o que garante agilidade na entrega dos produtos contribuindo para o bom funcionamento da Feira.

A atividade de Facilitação se resume em auxiliar de forma geral no atendimento da feira, no caixa e na entrega de produtos. Já na Separação, ocorre a distinção dos produtos, separando-os de acordo com cada pedido. Ambas as

atividades são realizadas aos sábados, no entanto, a participação nos GTs (grupos de trabalho) ocorre em dias específicos. Toda a divisão das tarefas, e a participação, ocorrem de forma voluntária entre os associados de cada núcleo.

Existem quatro grupos de trabalho (GTs) na organização da Feira Virtual, denominados: Organização, Educação, Provisão e Finanças. Eles são os órgãos “executivos” da Feira, são formados por um representante de cada Núcleo de Consumidores, reúnem-se com frequência de 15 dias, e cada GT (grupo de trabalho) desempenha um papel específico no funcionamento da Feira, como por exemplo; o grupo finanças realiza a gestão financeira, e contábil. Todo o trabalho desenvolvido nestes órgãos é essencial para o bom funcionamento da Feira.

Os Articuladores dos núcleos reúnem-se uma vez a cada trimestre na reunião do Conselho de núcleos, sendo o mesmo um órgão deliberativo da Feira. Atualmente os núcleos existentes são denominados: Bancários, Kilariô, Pelotense, Anglo/Tese-onze, Porto, IF-Sul, Centro, Guardiões, ADUFPeI, IMA, PSOL, São Lourenço e Jaguarão. As deliberações são primeiramente retratadas no Encontro de Consumidores, seguido pelo Conselho de núcleos.

Conforme manifestação verbal durante a entrevista do informante chave B, os consumidores da Feira Virtual, são em sua grande maioria, pessoas que não estão conformadas com o modo que a vida material e econômica está estruturada atualmente. O apelo ao consumismo, a artificialização e contaminação dos alimentos, a exploração do trabalho, a destruição ambiental, a manipulação midiática são elementos que fazem os participantes optarem pela Feira Virtual. Para ser um associado da Feira Virtual, a pessoa precisa partilhar de no mínimo um dos três pilares da economia solidária, que são: Consumo Responsável, Trabalho Coletivo e Autogestão.

Em entrevista com informante chave C, a confiança e o diálogo são princípios centrais da Autogestão, seguidos pela decisão coletiva e democrática, caracterizando relações horizontalizadas de convivência e de decisão. O poder de voto é aberto a todos os consumidores associados e todas as decisões ocorrem por consenso, sempre que possível, e por maioria, apenas quando for necessário. No entanto, o GCR Bem da Terra, organiza a sua gestão através da Coordenação da Associação de Consumidores (em caráter executivo e deliberativo), primeiramente pelo Encontro de Consumidores, seguida pelo Conselho de Núcleos de Consumidores, ambos

(em caráter deliberativo), pelo Grupos de Trabalho (de caráter permanente consultivo), e por Comissões Especiais (de apoio em caráter transitório).

Diante destas, foi possível perceber através da técnica de observação direta durante a participação no Conselho de Núcleos e, no Encontro de Consumidores, que mesmo que a proposta da Autogestão busque a horizontalização nas relações e possibilita o poder de voto a todos os consumidores, existe uma hierarquia organizacional bastante rígida na Rede Bem da Terra, conforme observado na Figura 6. A instância maior do poder de decisão é concedida a todos os consumidores (Encontro de Consumidores), as decisões conferidas neste Encontro são passadas para o Conselho de Núcleos, que tem o poder de aprovar ou não, e encaminhar para a Coordenação, que também tem poder de aprovar ou não as decisões, além de realizar a gestão, e encaminhar as diretrizes para os grupos de trabalhos executarem as decisões.

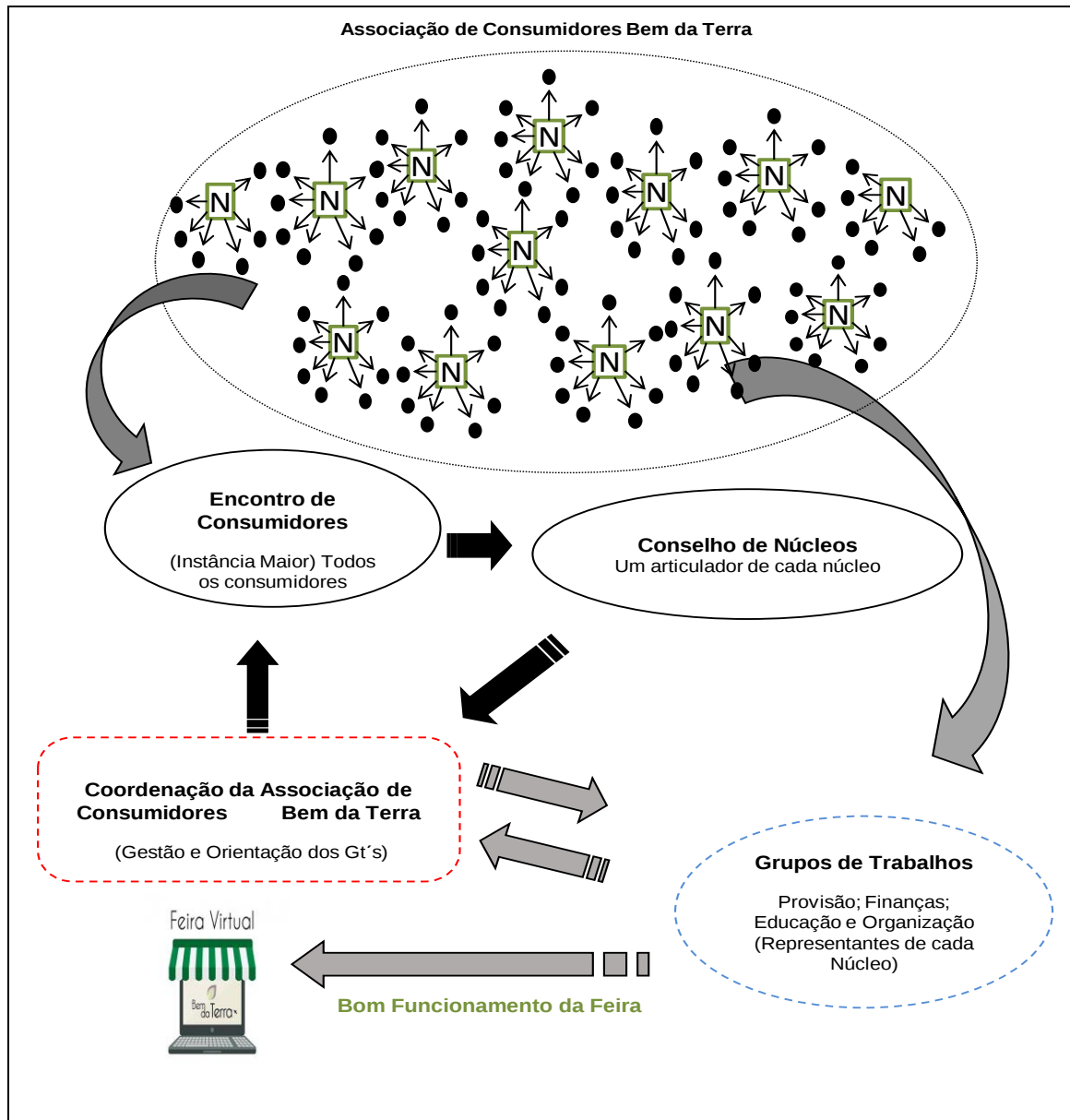


Figura 6 - Sistema organizacional do Grupo de GCR Rede bem da Terra que mantém o funcionamento da Feira Virtual.

Fonte: Elaborado pelo Autor

Com esta organização a Feira Virtual consegue oferecer produtos (alimentos) de qualidade superior aos seus consumidores à um preço acessível. Além disso, também consegue uma boa remuneração aos seus produtores, em parte, pela redução dos custos absorvidos pelo trabalho voluntário dos associados e bolsistas (TECSOL e NESIC). Essa dinâmica é benéfica tanto aos consumidores associados, como aos empreendimentos associados, pois prioriza a relação entre as pessoas, à remuneração justa, condições dignas de trabalho para os produtores e a igualdade para a tomada de decisões.

Conforme expressão verbal do informante chave B, o consumo responsável, ético e sustentável, não só é um dos pilares da economia solidária, como também é essencial para a construção de uma qualidade de vida melhor, pois permite ao consumidor escolher produtos menos industrializados, naturais, livres de agrotóxicos, alguns agroecológicos, à preços acessíveis.

Ainda conforme a informante chave B, o trabalho coletivo permite criar um sentimento de comunidade entre os consumidores, pois se todos são responsáveis, todos precisam partilhar atitudes, trabalho e benefícios. Em observação direta, durante os dias de entrega dos produtos e, em realizando a Facilitação-Separação dos produtos da feira, foi possível perceber que os consumidores, utilizam *eco bags* (sacolas ecológicas) para levar seus produtos, levam embalagem de ovos, vidros entre outras para serem reutilizados, ratificando o consumo responsável. Também foi possível observar a existência de relações de amizade entre os membros, as conversas demonstram que os consumidores se encontram em ambientes fora do contexto da Feira, combinam encontros de cunho político, atividades de lazer, enfim, é possível perceber a existência de afinidades ideológicas, amizade e parentesco entre os consumidores da Feira Virtual.

Diante destas considerações, para se tornar um consumidor da Feira e um associado ao GCR Bem da Terra, a pessoa precisa primeiramente, participar da oficina de formação que ocorre aos sábados às 10h no Centro de Distribuição, estar ciente dos seus compromissos e escolher um núcleo de consumo para integrar. Como associado, a pessoa passa a ter como compromissos solidários: (i) participar das reuniões do seu Núcleo de Consumidores, geralmente de frequência mensal ou bimensal; (ii) contribuir com trabalho voluntário, quatro horas em cada trimestre (tempo de trabalho em uma manhã de separação); (iii) consumir na Feira o valor mínimo de cento e quarenta reais com cinquenta e cinco centavos (R\$ 140,55) a cada trimestre, uma média de consumo mensal de quarenta e seis reais com oitenta e cinco centavos (R\$ 46,85 por mês). Caso o consumidor não venha a cumprir com estes compromissos solidários é cobrado uma taxa associativa de vinte oito reais e onze centavos (R\$ 28,11) a cada trimestre.

A dinâmica de consumo ocorre sem interação, produtor-consumidor, os produtos são ofertados pela internet, através de uma plataforma virtual, no portal

cirandas.net⁹. Neste portal, os consumidores associados podem realizar os pedidos dos produtos de sua preferência, semanalmente, especificamente entre a segunda e a quinta-feira de cada semana. Na quinta-feira à tarde, encerra-se o período para os pedidos, e os totais de pedidos são repassados aos grupos de produtores. Aos sábados, entre 8 e 12:30h, os consumidores recolhem seus pedidos no Centro de Distribuição Bem da Terra e fazem o pagamento correspondente.

O centro de distribuição da Feira Virtual é um local que funciona, de segunda à sábado, em horários específicos, para a retirada das compras e para atividades formativas nas temáticas específicas da autogestão, economia solidária, agroecologia e comércio justo, além de servir como espaço de reunião aos demais empreendimentos da rede. Atualmente o local se encontra dentro de um espaço da Universidade Católica de Pelotas, Campus I, à rua Gonçalves Chaves (NESIC, 2019).

O método de distribuição adotado na Feira Virtual é similar a rede singular¹⁰, neste sistema ocorre o recolhimento dos produtos diretamente nas propriedades dos produtores e entregue na sede da Associação dos Consumidores, ou seja, no centro de distribuição através de um transportador terceirizado (contratado). Ainda no sábado pela manhã os pedidos de cada um dos consumidores é separado e entregue. A separação dos pedidos é feita por consumidores voluntários que se organizam em seus grupos a partir de escalas de trabalho predefinidas em reuniões ou pela articulação em grupos de Whatsapp.

Para finalizar, através da técnica de observação direta, durante o encontro do conselho de núcleos, ocorrido em março de 2019, destaca-se o comunicado de que a Rede Bem da Terra foi contemplada com mais de uma tonelada de sementes orgânicas, para serem doadas aos produtores da Associação de Produtores Bem da Terra. Esta doação foi resultado de um projeto elaborado pela coordenação do GCR

⁹ O Cirandas.net pode ser entendido com uma rede social e econômica, tem como objetivo oferecer ferramentas na internet, em software livre, para apoiar a articulação econômica, social e política de quem faz Economia Solidária. É um espaço democrático de divulgação da economia solidária e da busca de seus produtos e serviços para consumidoras individuais e coletivos (CIRANDAS, 2019).

¹⁰ Rede Singular: nome dado ao sistema de distribuição utilizados nos GCR's de todo o país, caracteriza-se por transportar os produtos colhidos ou produzidos até o local da gestão geral (centralizada) do grupo de consumo. este funciona como um ponto de retirada para os consumidores, que vão até lá buscar seus produtos. Em alguns grupos, há também a possibilidade de o consumidor receber seus produtos em casa. (KAIRÓS, 2011).

Bem da Terra, via edital aberto no Banco do governo do estado do Rio Grande Sul, no ano de 2018.

Diante desta, evidencia-se à presença de ajuda mútua, devoção à Rede, iniciativa (proatividade) de tentar acessar um recurso disponível, empenhando um grande trabalho voluntário dos consumidores (GCR Bem da Terra) a fim de beneficiar os produtores pertencentes à Rede. Através destas ações pode-se perceber a presença do capital social entre os membros do GCR do Bem da Terra, no entanto, não um capital social comunitário configurado pela delimitação física de um território, como em um bairro ou região, mas no âmbito de rede, conforme evidenciado por Putnam (2000). O capital social observado neste caso dá-se nas redes sociais, não apenas nas comunidades, mas nas interações que ocorrem entre atores dispersos localmente, mas agregados por identificação, por contatos sociais que geram valor. Este capital social é esperado de elevar a produtividade dos indivíduos e dos grupos.

Seguindo as ideias de Putnam (2000), as ações apresentadas pelo GCR do Bem da Terra, podem ser entendidas como um capital social de união, pois reforça as identidades exclusivas do grupo por escolha e não por necessidade, envolvendo mobilização, solidariedade, reforçando as identidades, sempre com olhar interno à rede.

4.2. Análise Descritiva dos Dados

A amostra da população investigada soma 108 respondentes, sendo eles membros ativos ou inativos da associação de consumidores da Feira Virtual. Representam 24.5% do total de 440 consumidores associados da Rede Bem da Terra, sendo 213 consumidores ativos e 227 consumidores inativos. Dos 108 respondentes, 63.9% são consumidores ativos e 36.1% inativos, sendo inativos os associados que não realizam compras por mais de 3 meses seguidos na Feira.

Como características gerais da amostra, salienta-se que os respondentes são majoritariamente da cidade de Pelotas (75.9%), com maior participação do gênero feminino (64.8%), e com predomínio de pessoas que atualmente tem atividade remunerada (81.5%). A idade média dos respondentes é próxima aos 41 anos, sendo a mínima 20 e máxima 71 anos. Destaca-se por apresentarem um elevado nível de instrução, onde 59.2% dos respondentes apresenta titulação de pós-

graduação ou superior, como mestrado e doutorado, a renda predominante fica entre um à seis salários mínimos como pode ser observados na (Tabela1).

Destaca-se também que do total de respondentes 47.2% são casados ou possui união estável, enquanto 36.1% são solteiros e 11.1% divorciados. Do total dos entrevistados, 56.5% possuem filhos, destes apenas 16.7% são filhos menores de 10 anos de idade. Como motivação principal para a participação na Feira Virtual está a afinidade com os Princípios da Economia Solidária, seguido pela busca por uma forma de consumo mais sustentável e pela opção por uma alimentação mais saudável.

Tabela 1. Dados descritivos dos consumidores respondentes ativos e inativos da Feira Virtual.

Consumidor da Feira	Respondente		Total	Significância do Teste de Qui Quadrado
	Inativo	Ativo		
Gênero				
Feminino (%)	61.5	66.7	64.8	.592
Masculino (%)	38.5	33.3	35.2	
Total (%)	100	100	100	
Renda				
Até seis salários mínimos (R\$998,00) (%)	59.0	59.4	59.3	.075
Acima seis salários mínimos (R\$998,00) (%)	41.0	40.5	40.7	
Total (%)	100	100	100	
Grau de Instrução				
Até Graduação (%)	43.6	39.1	40.8	.258
Acima de Pós-Graduação (%)	56.4	60.9	59.2	
Total (%)	100	100	100	
Possui Filhos				
Sim (%)	43.6	63.8	56.5	.105
Não (%)	56.4	36.2	43.5	
Total (%)	100	100	100	
Filiado ou participa de partido político				
Sim (%)	15.4	53.6	39.8	.000
Não (%)	84.6	46.4	60.2	
Total (%)	100	100	100	
Membro ou participa de religião				
Sim (%)	20.5	20.3	20.4	.978
Não (%)	79.5	79.7	79.6	
Total (%)	100	100	100	
Membro ou Participa de Sindicato ou Associação				
Sim (%)	35.9	65.2	54.7	.003
Não (%)	64.1	34.8	45.3	
Total (%)	100	100	100	
Municípios de Abrangência				
Pelotas (%)	79.3	73.9	75.9	.005
Jaguarão (%)	0.0	14.5	9.3	
São Lourenço (%)	2.6	10.1	7.4	
Outros (%)	18.1	1.5	7.4	
Total (%)	100	100	100	
Motivo Participação				
Economia Solidária (%)	23.1	49.4	39.8	
Consumo Sustentável (%)	23.1	30.4	27.8	

Alimentação Saudável (%)	25.6	13.0	17.6	
Compras direto da produção (%)	17.9	5.8	10.2	.003
Outros (%)	10.3	1.4	4.6	
Total (%)	100	100	100	

Fonte: Elaborado pelo Autor

A (Tabela 1) apresenta ainda uma síntese da tabulação cruzada produzida no SPSS (Statistical Package for the Social Sciences), para as variáveis acima em relação à condição do respondente, se ativo ou inativo. Na última coluna da tabela é apresentado o valor da significância para o teste qui-quadrado de Pearson, se o valor for inferior ao estabelecido por convenção (menor que 0.05), pode-se dizer que as duas variáveis possuem associações estatisticamente significativas (FIELD, 2009).

Entre os consumidores ativos da Feira Virtual, há forte prevalência de respondentes participantes de partidos políticos, enquanto que entre os inativos esta prevalência não é observada no mesmo nível ($p < 0.01$). Tal resultado evidencia uma associação positiva entre ser membro (participar) de partido político e engajamento na feira virtual.

Observou-se também que ser consumidor ativo da feira virtual está associado significativamente a ser membro de sindicatos e associações vinculadas ao trabalho. Mais de 65% dos respondentes ativos da feira são vinculados a estas instituições, enquanto que dos inativos apenas 35,9% são participam de sindicatos e associações ($p < 0.01$). Destaca-se também, uma associação significativa entre ser um consumidor ativo e o motivo da participação na Feira. Vê-se que quem é ativo é muito mais motivado por apresentar afinidades com a economia solidária e também por buscar uma forma de consumo mais sustentável do que os inativos ($p < 0.01$). Por outro lado, percebe-se que os consumidores inativos são mais motivados por outras razões, como a busca por um alimento saudável ou pela oportunidade de comprar diretamente do produtor. Tal distinção caracteriza claramente que os consumidores são motivados por razões diferentes. Ou seja, aqueles que se mantêm ativos estão mais propensos a valores altruístas e pelo bem da coletividade, enquanto os inativos são mais influenciados pela busca de valores individuais, como a preservação da própria saúde.

4.3. Análise da Estrutura Fatorial do Capital Social dos Consumidores da Rede Bem da Terra

A análise fatorial foi utilizada para extrair as diferentes dimensões do capital social, medidos através do instrumento criado por Onyx e Bullen (2000). O instrumento foi enviado via e-mail para 440 pessoas, estas consumidores ativos e inativos da Feira Virtual, no período de vinte de abril à dez de maio de 2019, tendo sido utilizado três chamadas (envio de e-mail convidando para responder o questionário), para obter-se um número significativo de respondentes. A maior taxa de resposta ocorreu na primeira chamada com 66 respondentes. A amostragem foi baseada na disponibilidade dos contatos, procurando diversificar os respondentes entre ativos e inativos dentro da Feira. No total foram obtidas 108 respostas, sendo que duas foram excluídas (valores omissos), permanecendo 106 respostas válidas. Embora esse número não atenda a regra geral de cinco respondentes para cada variável conforme recomenda Hair et al. (2009), satisfaz o tamanho mínimo da amostra, maior ou igual a cem, necessária para realizar análise fatorial (HAIR et al. 2009).

Dando seguimento na sumarização dos dados, os resultados dos testes de adequabilidade da amostra da análise fatorial foram satisfatórios, conforme Kaiser (1974) e Corrar et al. (2014). Tal adequabilidade pode ser confirmada por meio dos valores do teste KMO (*Kaiser-Meyer-Olkin*), do teste de Bartlett e do alfa de Cronbach, apresentados na Tabela 2.

Tabela 2. Resultados dos testes de KMO, Bartlett e alfa de Cronbach

Teste	Dados da amostra
KMO	0.804
Teste de esfericidade de Bartlett	0.000
Alfa Cronbach	0.913

Fonte: Elaborado pelo Autor

A medida de adequação da amostra, KMO (*Kaiser-Meyer-Olkin*) maior que (0.5) é admitido por Kaiser (1974) e Corrar et al. (2014), pois conseguem representar as variações dos dados originais, explicando de forma aceitável tal variação, ou seja, o valor geral encontrado para o KMO (0.816), é considerado adequado e suficientemente bom para a realização da análise fatorial. O teste de Bartlett

também demonstra que a aplicação da análise fatorial para o tratamento dos dados é adequada. O valor do teste de Bartlett (0.000) confere que ele foi significativo a 1%, indicando que existe correlações suficientes entre as variáveis, estando de acordo com os pré-requisitos para seguir a análise fatorial, conforme Hair et al. (2009).

A medida de confiabilidade do alfa de Cronbach mostra que a escala utilizada no questionário para a obtenção das respostas foi adequada, conforme orienta Malhotra (2001), este considera ideal para pesquisas exploratórias em ciências sociais um valor de alfa superior de 0.60.

Após satisfeitas todas as condições de adequabilidade do uso da análise fatorial, esta foi realizada no software *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), versão 21, por meio do método análise de componentes principais (*Principal Component Analysis*), com rotação *varimax* e tratamento *listwise*.

Na primeira rodada da análise fatorial, foram utilizadas todas as 34 variáveis, resultando em 9 fatores (após convergência de 11 iterações), observando o critério do autovalor maior que a unidade. Todas as variáveis apresentaram comunalidades acima de (0.5) e o teste KMO (*Kaiser-Meyer-Olkin*) apresentou valor de 0.792 com um percentual da variância explicada de 66.677% pelos nove fatores extraídos. Observando as cargas de cada variável em todos os nove fatores, três variáveis apresentaram cargas baixas, entre (0.380 e 0,427). Após observação, as variáveis 11 (*Se você discorda da “opinião da maioria”, você se sente à vontade “livre” para expressar opinião em contrário?*), 12 (*Se você se desentende-se com um vizinho “por qualquer motivo”, você se esforça para mediar “resolver de forma pacífica e consensual” a situação?*), e 20 (*Você recebe ajuda de amigos quando precisa?*) foram excluídas da análise sem acarretar em eventuais prejuízos.

Na segunda rodada, a análise fatorial foi processada com 31 variáveis, após eliminadas as variáveis 11, 12, e 20, resultando também em 9 fatores (após convergência de 10 iterações), todas as comunalidades apresentaram valores acima de 0.5. O teste KMO (*Kaiser-Meyer-Olkin*) apresentou valor de 0.804 e total da variância explicada de 69.310 %. Embora o teste KMO e o percentual explicativo nesta segunda rodada tenha aumentado seus valores em relação à primeira, algumas variáveis ainda apresentam cargas fracas, como as variáveis 8 (0.438), 17 (0.519) e 23 (0.461). Após observação, optou-se por eliminar as variáveis 8 (*Você alguma vez recolheu o lixo de outras pessoas em local público?*) e 17 (*Se o veículo*

de alguém estraga em frente a sua casa, você oferece seu telefone pessoal/residencial ao motorista com o objetivo de ajudá-lo?) e preservar a variável 23 (*Quando você sai para fazer compras no seu bairro ou comunidade, você se sente entre amigos e conhecidos?*). A decisão por eliminar a variável 17 e não a 23 baseou-se não somente na carga fatorial de cada variável, mas também na contribuição que cada uma trouxe para a estabilidade da estrutura fatorial dos dados como um todo.

Processada a terceira e última rodada da análise fatorial, realizada com 29 variáveis (eliminadas 8, 11, 12, 17 e 20), o resultado convergiu em 11 interações resultando em 8 fatores, os quais explicam 68.014% da variação total existente nos dados e teste KMO com valor de 0.809 conforme Tabela 3.

Tabela 3. Número de fatores obtidos, autovalores e suas variâncias após rotação varimax

Fatores	Autovalor	Variância Explicada pelo fator	Variância Explicada (%)
1	8,291	28,589	28,589
2	2,661	9,176	37,765
3	2,223	7,664	45,429
4	1,598	5,511	50,939
5	1,433	4,941	55,881
6	1,272	4,386	60,267
7	1,195	4,120	64,387
8	1,052	3,627	68,014

Fonte: Elaborado pelo Autor

Através desta manipulação (eliminação de variáveis), os fatores resultantes ficaram relativamente mais congruentes com a estrutura fatorial proposta por Onyx e Bullen (2000). Portanto, coerentes em relação à teoria do Capital Social e satisfazendo as premissas estatísticas conforme descrito acima.

A obtenção dos oito fatores, através da análise fatorial possibilitou confrontar os resultados com outros estudos sobre capital social, sobretudo, aos que também utilizaram o instrumento desenvolvido por Onyx e Bullen (2000), como Macke et al. (2010). Os dados que concerne aos fatores resultantes da análise fatorial estão expostos na Tabela 4, junto as suas cargas fatoriais e comunalidades após a rotação ortogonal varimax.

Tabela 4. Variáveis agrupadas nos fatores, comunalidades e cargas fatoriais.

Fator	Elementos do fator	Comunalidades	Cargas Fatoriais
Fator 1	Q19- Sentimento de lar na sua comunidade ou bairro	0.626	0.462
	Q25- Telefonar para os amigos	0.614	0.504
	Q26- Conversar com muitas pessoas	0.527	0.632
	Q27- Sair para almoçar/jantar com outras pessoas fora da sua família	0.707	0.501
	Q30- Sentir-se valorizado pela sociedade	0.694	0.594
	Q31-Sentir-se satisfeito com a vida	0.551	0.707
	Q32- Sentir-se parte da comunidade do local onde trabalha	0.728	0.549
	Q33- Considerar colegas de trabalho também como amigos	0.682	0.728
	Q34-Sentir-se parte de uma equipe de trabalho	0.678	0.613
Fator 2	Q1-Participar de algum grupo na comunidade ou bairro como voluntário	0.658	0.706
	Q2-Participar em eventos comunitários	0.666	0.679
	Q3-Ser membro ativo de uma organização comunitária	0.693	0.778
	Q4-Administra ou participa de um comitê de organização de algum grupo de associação	0.716	0.822
	Q5-Envolvimento em alguma ação da comunidade numa situação de emergência	0.733	0.540
	Q6-Tomou parte de um projeto na comunidade	0.823	0.559
Fator 3	Q15-Sentir-se seguro na rua à noite	0.633	0.708
	Q16-Acreditar que a maioria das pessoas é confiável	0.556	0.585
	Q18-Localidade tem fama de ser um lugar seguro	0.654	0.767
	Q19-Sentimento de lar na sua comunidade ou bairro	0.626	0.405
	Q23-Ao sair de casa, aproveitar para visitar vizinhos e amigos	0.617	0.453
Fator 4	Q21-Pedir a um vizinho que cuide de seus filhos	0.568	0.644
	Q22-Visitar os vizinhos	0.672	0.727
	Q24- Ajudar um vizinho doente	0.732	0.741
	Q25- Telefonar para os amigos	0.614	0.482
Fator 5	Q13-Ter iniciativa no ambiente de trabalho	0.770	0.788
	Q14-Ajudar espontaneamente os colegas de trabalho	0.842	0.858
Fator 6	Q5-Envolvimento em alguma ação da comunidade numa situação de emergência	0.733	0.574
	Q6-Tomou parte de um projeto na comunidade	0.823	0.629
	Q7-Ajudou a organizar um novo serviço na comunidade	0.733	0.803
Fator 7	Q28-Acreditar que o multiculturalismo é saudável	0.758	0.828
	Q29-Apreciar diferentes estilos de vida	0.743	0.778
Fator 8	Q9-Sair da comunidade local para visitar a família	0.653	0.793
	Q10-Ter acesso a informação para tomar decisões importantes	0.697	0.782

Fonte: Elaborado pelo Autor

Também foram calculados os alfas de Cronbach para os oito fatores, a média de cada uma das variáveis e a média geral de cada fator conforme apresentado na Tabela 5.

Tabela 5. Alfa dos fatores, médias das variáveis individuais e dos fatores.

Nome e Alpha de Cronbach	Composição dos fatores	Média da variável	Média do Fator
Fator 1 (Identificação social e satisfação pela vida) (0.842)*	Q19- Sentimento de lar na sua comunidade ou bairro	2.583	2.789
	Q25- Telefonar para os amigos	2.259	
	Q26- Conversar com muitas pessoas	3.148	
	Q27- Sair para almoçar/jantar com outras pessoas fora da sua família	2.861	
	Q30- Sentir-se valorizado pela sociedade	2.574	
	Q31-Sentir-se satisfeito com a vida	3.157	
	Q32- Sentir-se parte da comunidade do local onde trabalha	2.676	
	Q33- Considerar colegas de trabalho também como amigos	2.861	
	Q34-Sentir-se parte de uma equipe de trabalho	3.065	
Fator 2 Participação na Comunidade Local (0.866)*	Q1-Participar de algum grupo na comunidade ou bairro como voluntário	1.991	2.006
	Q2-Participar em eventos comunitários	2.000	
	Q3-Ser membro ativo de uma organização comunitária	2.185	
	Q4-Administra ou participa de um comitê de organização de algum grupo de associação	1.602	
	Q5-Envolvimento em alguma ação da comunidade numa situação de emergência	2.038	
	Q6-Tomou parte de um projeto na comunidade	2.185	
Fator 3 Sentimento de confiança e segurança (0.766)*	Q15-Sentir-se seguro na rua à noite	2.259	2.397
	Q16-Acreditar que a maioria das pessoas é confiável	2.602	
	Q18-Localidade tem fama de ser um lugar seguro	2.694	
	Q19-Sentimento de lar na sua comunidade ou bairro	2.583	
	Q23-Ao sair de casa, aproveitar para visitar vizinhos e amigos	2.537	
Fator 4 Vínculos com a vizinhança (0.715)*	Q21-Pedir a um vizinho que cuide de seus filhos	1.870	2.000
	Q22-Visitar os vizinhos	1.870	
	Q24-Ajudar um vizinho doente	2.000	
	Q25-Telefonar para os amigos	2.259	
Fator 5 Proatividade no contexto de trabalho	Q13-Ter iniciativa no ambiente de trabalho	3.593	3.537
	Q14-Ajudar espontaneamente os colegas de trabalho	3.481	

(0.861)*			
Fator 6 Envolvimento comunitário (0.804)*	Q5-Envolvimento em alguma ação da comunidade numa situação de emergência	2.038	2.025
	Q6-Tomou parte de um projeto na comunidade	2.185	
	Q7-Ajudou a organizar um novo serviço na comunidade	1.815	
Fator 7 Tolerância à Diversidade (0.766)*	Q28-Acreditar que o multiculturalismo é saudável	3.565	3.523
	Q29-Apreciar diferentes estilos de vida	3.481	
Fator 8 Proatividade em um contexto social (0.500)*	Q9-Sair da comunidade local para visitar a família	3.500	3.491
	Q10-Ter acesso a informação para tomar decisões importantes		
		3.481	

**Alfas de Cronbach* do fator

Fonte: Elaborado pelo Autor

Conforme a Tabela 5 é possível observar que os fatores encontrados embora congruentes, diferem ligeiramente com aqueles apresentados na pesquisa de Onyx e Bullen (2000). Mas como a pretensão do estudo não foi ratificar os resultados obtidos pelos pesquisadores australianos, mas sim investigar os níveis de capital social dos consumidores da Feira Virtual, assumi-se que a estrutura fatorial dos dados reflete a realidade do capital social trazida pelos consumidores de um projeto social, como é o caso da feira virtual. Assumindo esta condição, resolvemos prosseguir com as análises, até por que existe inequívoca proximidade com a estrutura fatorial encontrada tanto por Onyx e Bullen (2000) como por Macke et al. (2010).

O primeiro fator mesclou variáveis que inicialmente compunham diferentes fatores na estrutura de Onyx e Bullen (2000) e que caracterizam os vínculos de amizade (Questões 25 a 27), vínculos com o trabalho (Questões 32 a 34) e os vínculos com a comunidade e o valor na vida (Questões 30, 31 e 19). O fator reuniu os elementos de identificação dos compradores da feira virtual no trabalho, na comunidade e as amizades que são tão importantes na construção da sociedade. Estes elementos em seu conjunto dão sentido a existência humana e o senso de pertencimento.

É possível considerar que essa mescla de variáveis de diferentes fatores do instrumento proposto e reunidas no primeiro fator deste estudo, pode ter sido ocasionado pelo ajuste dos dados ao instrumento, sendo que o objeto deste estudo

não é uma comunidade territorialmente organizada ou um bairro, configuração que o instrumento foi desenvolvido, mas um grupo de consumo com objetivos e afinidades comuns, e que desenvolvem relacionamentos através de um histórico de interações (GRANOVETTER, 1973).

Corroborando, Milani (2003) acrescenta que o capital social não pode ser isolado do seu contexto e construído artificialmente, pois está fundado nas relações sociais devidamente contextualizadas, visto que refere-se à habilidade das pessoas de conectarem-se e através dessa conexão deixar fluir as informações.

Neste ponto Coleman (1988) destaca que um importante capital social pode ser formado quando uma organização criada para um propósito se torna disponível para outros propósitos, esta situação pode ser percebida no GCR da Rede Bem da Terra, embora o propósito inicial que desencadeou o surgimento do grupo tenha sido proporcionar um mercado mais alinhado, retirando o intermediário, aproximando o consumo da produção, oferecendo um produto orgânico ou agroecológico com valor menor aos encontrados em outras estruturas convencionais, como observamos, na expressão verbal do articulador do núcleo PSOL:

[...]A proposta inicial que se apresentou vinha se justificar por alguns motivos: primeiro motivo, uma alimentação saudável, sem presença de agrotóxicos, que tendia ao orgânico, ao agroecológico, hããã, mas também por uma questão econômica, porque ao estimular a economia solidária, a pequena agricultura, retirando o intermediário, ali que faz, e, o que é que realmente encarece o produto agroecológico e orgânico, a gente quer é uma oportunidade de alavancar um outro tipo de produção, um outro tipo de comércio, um outro tipo de consumo. Então vinha, hããã, basicamente esses dois elementos eram os principais, mas tinha um e, aí sim subjetivo que era o estar presente, por exemplo, aos sábados, fazer a separação era uma coisa que no início, assim hããã, me satisfazia muito[...] (ARTICULADOR DO NÚCLEO PSOL, 2019).

Outros propósitos surgiram dentro da estrutura organizacional do GCR da Rede Bem da Terra, como pode ser observada nas variáveis, Q32, Q34 e Q19, que demonstram o sentimento de ser parte integrante daquele grupo, um sentimento de pertencimento como num lar, como pode ser percebido na expressão verbal do articulador do núcleo Pelotense “procurava fazer do nosso lugar, do nosso ponto, vamos dizer assim, da nossa perspectiva, tentar se esforçar ao máximo, para tentar fazer de tudo, para que a Feira se mantivesse”, e, na expressão verbal do articulador do núcleo PSOL “a cada tarefa nova que eu fui ocupando, eu fui me sentindo mais parte integrante daquilo...”.

Neste ponto, por meio desse sentimento de pertencimento e sentir se parte integrante observa-se que as colaborações bem sucedidas em um esforço

constroem conexões e confiança (Putnam, 1996). Assim, também pode ser identificado a presença de conexões de amizade “capital social de união”, que reforçam as identidades exclusivas de grupos (Putnam, 2000), no caso, entre os membros do GCR Bem da Terra como pode ser observado nas variáveis Q25, Q26 e Q27. Putnam (2000) descreve esse tipo de capital como uma boa forma de promover maior reciprocidade, mobilizar solidariedade e apoiar identidades estreitas.

Percebe-se, portanto, o capital social como um recurso que, ao mesmo tempo apresenta um aspecto coletivo e individual, não sendo de posse de nenhum indivíduo e sim de uma coletividade, mas que também pode ser usado por cada indivíduo para satisfazer seus interesses próprios (PUTNAM, 2000). Sendo o capital social individual “propriedade de quem pode se beneficiar disso” e o capital social comunitário “propriedade de ninguém, mas contribui ao benefício do grupo” (DURSTON, 2000).

Identifica-se, portanto, que o capital social verificado no GCR da Bem da Terra desenvolve benefícios coletivos por meio do trabalho voluntário de seus membros, contribuindo para manter o bom funcionamento da estrutura da Feira Virtual, e também proporciona benefícios pessoais, visto que a pessoa que realiza o investimento de trabalhar voluntariamente em prol da Feira pode adquirir produtos de qualidade (orgânicos, agroecológicos e coloniais) com custo reduzido.

Para Onyx e Bullen (2000) o capital social é um fenômeno “bottom-up”. Se origina com pessoas que formam conexões sociais e redes baseadas em princípios de confiança, reciprocidade mútua e normas de ação. Para Fukuyama (2000, p. 28) “são as normas informais ou um conjunto de valores, comuns aos membros de um grupo, que permite a cooperação entre eles”.

Como última consideração sobre esse primeiro fator, destaca-se que além da identificação social e sentimento de pertencimento apresentado pelos membros do GCR Bem da Terra, percebe-se a satisfação e sentido para a vida, como pode ser observado pelas variáveis Q30 e Q31, assim como na expressão verbal dos articuladores de núcleos PSOL e Pelotense, respectivamente, “...estrutura da feira, ela começou a ter outros formatos, ali tive, senti tendo um papel importante, para, assim, era muito gratificante estar ocupando aquele espaço ali...” e “quando tu faz lá a separação é muito interessante, porquê a gente vai aprendendo...quando tu participa desse processo é muito, muito interessante e a gente procura divulgar isso para as pessoas...”.

Portanto, percebe-se que, por meio do resultado das escolhas pessoais, na busca de uma alimentação mais saudável, uma forma de consumo mais sustentável, assim como, uma economia mais solidária configura-se um conjunto de valores comuns ao GCR Bem da Terra. Isso possibilita o desenvolvimento de conexões, identidade e cooperação resultando em um sentimento de pertencimento e responsabilidade. Ademais, confere bem estar e satisfação pessoal, possibilitando que esse fator possa ser nomeado como **“Identificação social e satisfação pela vida”**.

O segundo fator deste estudo, **“Participação na Comunidade Local”**, ficou similar ao primeiro fator encontrado por Onyx e Bullen (2000), com exceção apenas da variável Q7. As variáveis deste fator são consideradas muito importante para analisar o capital social, seus elementos identificam a participação social e, neste estudo, não apresentou um peso conceitual tão forte como no estudo de Onyx e Bullen (2000), com média global de (2.006). Isto pode ser um indicador que os membros do GCR Bem da Terra, podem não serem tão atuantes em suas comunidades ou bairros, por falta de identificação social com o local em que residem. Isto pode ser observado na expressão verbal do articulador do núcleo IF-Sul:

[...] eu vou te citar um outro exemplo, em relação ao questionário que tu botô, a minha, o meu, o conjunto da minha obra, da minha resposta, sinceramente parece esquizofrênico porquê eu moro num bairro, no qual eu não tenho nenhuma ligação, os meus amigos não moram no meu bairro. Eu não tenho relação nenhuma com o bairro. Então é um bairro pra eu dormi e descansar nos finais de semana, depois eu volto a minha vida social pra cá [...]. (ARTICULADOR IF-SUL, 2019).

É possível considerar também que os resultados encontrados no segundo fator deste estudo, tenham apresentado um peso menor, ao encontrado pelos pesquisadores australianos, por não referir-se a uma comunidade territorialmente organizada ou um bairro, mas um grupo de consumo com objetivos e afinidades comuns, e neste ponto, podemos destacar as considerações de Putnam (2000) e Fukuyama (2000), sobre o declínio do sentimento de pertencimento comunitário e consequentemente ampliação do capital social no âmbito de redes sociais, como consequências das experiências resultantes das dinâmicas de grandes centros urbanos e transformações ocasionadas pela era globalizada.

Para corroborar com as observações apresentadas por Putnam (2000) e Fukuyama (2000), acrescenta-se, a grande dificuldade de realizar reuniões presenciais, apresentada pelos sete articuladores de núcleos entrevistados, como

pode ser observado por meio da expressão verbal da articuladora do núcleo IMA (Instituto Mário Alves):

[...] no início a gente tentava mais por meio de reunião, tá, hãã. Mas era muito difícil a gente conseguir reunir todos os consumidores do núcleo, aí a gente começou a se utilizar, aí a gente utilizava o e-mail, mas aí a gente viu que era uma comunicação mais demorada. Então, com o tempo a gente passou a usar o Watsapp, que foi umas das ferramentas que mais deu certo [...] (ARTICULADOR DO IMA, 2019).

Diante disto, entende-se que a dinâmica social das pessoas em cidades de porte maior como Pelotas-RS dificulta o encontro presencial, o que para Onyx e Bullen (2000) é essencial, visto que no entendimento de tais autores, o capital social consiste na matéria-prima da sociedade civil. Ele ocorre a partir das inúmeras interações diárias entre pessoas, não estando localizado dentro da pessoa individual ou dentro da estrutura social, mas no espaço entre as pessoas, na conexão entre elas.

No entanto, Fukuyama (2000) compreende que à medida que a tecnologia muda, novas formas de comunicação são adotadas, assim como novas formas de organizações sociais, possibilitando que exista cooperação em diferentes grupos dentro de uma sociedade complexa, mesmo que atualmente se disponha de total liberdade para que se viva socialmente isolada.

Neste contexto, pode-se compreender que as tecnologias vêm sendo uma forma de comunicação importante para que os membros do GCR Bem da Terra, possam firmar os laços solidários que possibilitem defender interesses compartilhados. Assim, fica evidente que nesse contexto de estudo, o capital social não está tão vinculado ao espaço físico de um território, mas nas relações por muitas vezes mediadas pelas mídias sociais.

O terceiro fator deste estudo, **“Sentimento de confiança e segurança”**, foi o mesmo apresentado por Onyx e Bullen (2000), com exceção da incorporação da variável Q23 (Quando você sai para fazer compras no seu bairro, ou comunidade, você se sente entre amigos, entre conhecidos?). Este fator retrata a confiança, um indicador extremamente importante para o capital social, pois, ao se confiar em determinada pessoa, logo se compartilha valores e sentimentos. Isso ocorre de forma mútua, vai aumentando a intensidade da troca e reforçando-se mutuamente fortalecendo as relações.

Segundo Putnam (1996) e Fukuyama (1996), a confiança é a condição primeira para que haja cooperação e trabalho conjunto, mesmo havendo objetivos

comuns entre as pessoas. Somente com a existência de confiança é possível ocorrer a cooperação. Para este estudo, o fator apresentou uma média geral 2.397 (na escala variando de 1 a 4), indicando níveis significativos de confiança.

O quarto fator deste estudo “**Vínculos com a vizinhança**”, também foi o mesmo que o apresentado pelos pesquisadores australianos, somente diferindo por integrar ao fator a variável Q25 (Você costuma telefonar frequentemente “diariamente” para seus amigos?). Este fator caracteriza-se por evidenciar ajuda mútua nas relações sociais próximas, como a vizinhança e amigos, são ações que fortalecem o capital social. Neste estudo a média global de (2.000), indica que não existe tanta interação na vizinhança pelos membros do GCR Bem da Terra. Isto também fica evidenciado na expressão verbal do articulador do núcleo IF-Sul;

[...] as pessoas onde eu moro, as casas são relativamente distantes, umas das outras, são terrenos grandes. Então, eu não tenho relação nenhuma com aquelas pessoas, no máximo é o vizinho bem do lado, que é aquela coisa de cumprimentar, ó, bom dia, boa tarde, quando eu estou saindo, porquê eu tenho umas muralhas, na altura não sei o quê, e, todas as casas são assim ali, hããã. E o bairro em si, embora eu tenha sido o bairro que me criei, que é o Fragata, eu não tenho relação nenhuma com o bairro [...]
(ARTICULADOR DO IF-SUL).

Como já foi mencionado, o contexto do estudo, não está limitado à uma demarcação territorial de um bairro ou região, mas em um território rede, onde as pessoas estão conectadas através de princípios éticos e identificação social.

O quinto fator, engloba questões que compunham inicialmente o fator “Proatividade no contexto social” no estudo de Onyx e Bullen (2000), no entanto, neste estudo, as variáveis ficaram direcionadas especificamente num contexto de trabalho, passando a ser nomeada “**Proatividade no contexto de trabalho**”. As variáveis desse fator agregam iniciativa, reciprocidade, lealdade, canais de informações num ambiente de trabalho, são elementos importantes que refletem a presença de capital social.

Neste estudo o fator apresentou uma alta média (3.537), podendo ser compreendida como as atitudes e ações que os membros do GCR Bem da Terra apresentam dentro do seu contexto de trabalho “profissional”. Por meio de laços e colaboração estabelecidos entre os seus colegas de trabalho, há a construção de redes de relacionamentos que vão além do ambiente de trabalho. São encontrados de forma explícita nos nomes dos núcleos de consumidores que compõem o GCR Bem da Terra, ADUFPEL (reúne pessoas que trabalham na Universidade Federal de Pelotas), Pelotense (reúne pessoas que trabalham na escola municipal Pelotense),

Bancários (pessoas que trabalham no Banrisul), entre outros, evidenciando que vínculo conferido pelo trabalho profissional ultrapassa esse ambiente e, é reforçado por meio de outra identificação social, a Feira Virtual.

O sexto fator reuniu três variáveis que compunham inicialmente a “Participação na Comunidade Local” no estudo de Onyx e Bullen (2000). O fator reúne variáveis que se ocupam da ação coletiva e cooperação em estruturas formais, através da interação em organizações que estabelecem relações mais horizontais. As variáveis que compõem esse fator buscam verificar a participação efetiva, como o envolvimento maior na comunidade local, algumas levando em consideração a cronologia (no intervalo de tempo de três anos), no contexto do estudo, compreendeu-se que envolvimento maior seria referente aos integrantes do grupo de consumo na Feira (comunidade), quando houve a necessidade de envolver-se com mais comprometimento do que apenas uma participação eventual, como pode ser observado pela expressão verbal do informante chave D.

[...] quando acabou o apoio, né, dos bolsistas da universidade, tanto da Católica, quanto da Federal, também gerou que, eles sem querendo, claro, foram solicitando cada vez mais atividades e mais tarefas das pessoas. Então se tornou uma coisa de tempo maior, e aí, tu deixa de ser um consumidor que vai e separa, e passa a ser um dos que, hã, um dos administradores, sei lá da Feira e isso demanda muito mais ...e derrepente eu preciso dedicar sei lá, X horas da minha semana pra esse projeto. Então passou a ser uma coisa mais militante mesmo, né, que as vezes fica difícil hãã, no dia a dia, tu destinar, na tua rotina de trabalho, na rotina particular também, tu destinar X horas, que não é mais só a separação” (INFORMANTE CHAVE D, 2019).

Portanto, entende-se que a participação na separação e facilitação é um trabalho no qual não se tenha que assumir tantas responsabilidades e pode ser de mais fácil adesão, do que a participação nos grupos de trabalhos, com base nessas observações o fator passou a ser nomeado “**Envolvimento comunitário**”.

O sétimo fator deste estudo ficou similar ao apresentado pelos pesquisadores australianos, “**Tolerância à Diversidade**”. Ele reflete a conexão estabelecida entre pessoas de diferentes origens e estilos de vida, expressa o capital social de ponte, que estabelece laços horizontais entre pessoas desconhecidas e que possuem diferentes grupos sociais e culturais. É muito importante no capital social, pois amplia a confiança e difunde informações e nesse estudo apresentou uma alta média (3.523) e um alfa de 0.766.

Para Putnam (2000), o capital social de união é forte e estabelecido por grupos homogêneos, muitas vezes identificados entre familiares e amigos. Pode apresentar um perfil mais “exclusivo” ocasionando em um isolamento de outros

grupos que não partilham dos mesmos valores. Por outro lado, o capital social de ponte, apresenta-se um capital social mais frágil, no entanto mais inclusivo, permitindo ampliar a rede de relacionamentos.

Identifica-se que no GCR Bem da Terra o grupo é formado por pessoas de diferentes clivagens sociais, que acreditam que o multiculturalismo é importante, permitindo com isso a ampliação do grupo. No entanto, a forte identificação do grupo por meio de suas escolhas como os princípios da economia solidária, do consumo sustentável e de uma alimentação mais saudável, confere características específicas que configuram o grupo bem exclusivo. Portanto, mesmo que a possibilidade de se tornar consumidor da Feira virtual possa incluir pessoas de diferentes culturas e estilos de vida, só permanece aquelas que encontram alguma identificação, ou por partilhar os mesmos valores e até mesmo por que estabeleceram vínculos de amizades que gostam de cultivar.

O oitavo e último fator reuniu duas variáveis que integram inicialmente o fator **“Proatividade em um contexto social”** nos estudos de Onyx e Bullen (2000). As variáveis que compõem este fator refletem as ações de preservação de relações entre as pessoas próximas como familiares e o apoio familiar na tomada de decisões importantes na vida. Na média este fator está bem saliente entre os respondentes deste estudo (média = 3.491), contudo a confiabilidade do mesmo é baixa visto que o Alpha de Cronbach foi de apenas 0.500.

Por último, Fulkerson e Thompson (2008) salientaram que diante da diversidade de conceitos, destacam-se dois tipos de capital social: o primeiro como um recurso, onde os autores referem-se a uma forma de investimento em redes de relacionamentos que conferem prestígio e acúmulo de poder que irá trazer benefícios futuros e o segundo descrito como capital social normativo, considerando os agregados de condições na estrutura social que resultam em participação conjunta para conseguir benefícios mútuos.

Neste ponto, identifica-se no GCR Bem da Terra, um tipo de capital social normativo, que atua estritamente no âmbito de um grupo ou comunidade, não estando ele ocupado em obter vantagens em relação à outras redes de consumo solidário, no entanto esta “comunidade” não se vincula a um bairro ou delimitação física de um território, mas compreende os aspectos internos a rede de relacionamentos estabelecidos pelo GCR Bem da Terra.

Portanto, como resultado da análise fatorial, a rede de relacionamentos interna ao GCR Bem da Terra, apresenta vínculos de amizade entre pessoas com diferentes estilos de vida e com origens culturais diferentes, essas pessoas possuem proatividade em seus ambientes de trabalho profissional, partilham de sentimentos de segurança e confiança e, acima de tudo se identificam socialmente pelos princípios da economia solidária e pelo senso de responsabilidade no ato de consumir, estabelecendo-o de forma mais consciente.

Aliada a essa percepção transmitida pela análise fatorial e análise descritiva dos dados, acrescenta-se a atenção que todos os entrevistados, tanto informantes-chaves, como os articuladores de núcleos apresentaram para com a pesquisadora, recebendo-a prontamente em suas residências ou em seus ambientes de trabalho, com rapidez no agendamento de data, recebendo-a com muita presteza sem conhecê-la previamente. Por meio dessa atitude, interpreta-se que estas pessoas apresentam confiança e solidariedade especialmente com pessoas engajadas com a feira virtual, elementos importantes do capital social que corroboram com as demais análises.

Ainda, tem-se por meio da observação direta, a constatação da amizade que as pessoas da feira partilham e o projeto de sementes orgânicas que beneficiou os produtores da Associação de produtores Bem da Terra, ressaltando vínculos de amizade e proatividade para com os integrantes da rede, elementos do capital social que também corroboram com as análises.

Diante de todas estas observações é possível constatar a existência de capital social no Grupo de Consumo Responsável da Associação de Consumidores Bem da Terra, em níveis bons e significativos no âmbito da rede na qual participam, mas pouco relevante no contexto comunitário vinculado a um território geograficamente delimitado, ou seja, dos bairros e vizinhanças.

4.4. O Capital Social difere entre os membros ativos e inativos?

Através de análise de variância, buscou-se identificar as diferenças estatísticas entre os membros ativos e inativos da Feira Virtual. Como a hipótese era de que os membros ativos apresentam níveis de capital social maiores que os membros inativos utilizou-se o test t de diferenças de média unicaudal, conforme Tabela 6.

Tabela 6. Teste t de student entre médias dos fatores para consumidores ativos e inativos

Fatores	Escores Fatores Consumidores Ativos	Escores Fatores Consumidores Inativos	T	P-valor
Identificação Social e Satisfação pela vida	0.1047028	-0.1873628	1.450	0.075
Participação na Comunidade Local	0.1458202	-0.2609414	2.038	0.022
Sentimentos de Confiança e Segurança	0.2372071	-0.4244759	3.430	0.000
Vínculos com a Vizinhança	0.0206471	-0.0369474	0.283	0.389
Proatividade no Contexto de Trabalho	0.0707419	-0.265908	0.974	0.166
Envolvimento comunitário	-0.288880	0.0516942	-0.396	0.346
Tolerância à Diversidade	0.0270076	-0.0483293	0.370	0.356
Proatividade no Contexto Social	-0.0669659	0.1198337	-0.922	0.179

Fonte: Elaborado pelo Autor

Como resultado da análise de variância, percebe-se que as médias dos consumidores ativos da Feira apresentaram valores superiores em seis dos oito fatores. Apenas nos fatores “Envolvimento comunitário” e “Proatividade no contexto social” as médias dos consumidores ativos não foram superiores ao dos inativos.

Destaca-se, que a diferença entre consumidores ativos e inativos apresentou-se estatisticamente significativa para os três primeiros fatores (Tabela 7), sendo estes o “Sentimento de segurança e confiança” a “Participação da Comunidade Local”, e em nível de 10% de probabilidade o fator “Identificação social e satisfação pela vida”.

Corroborando, com a análise apresentada na (Tabela 6), acrescenta-se a expressão verbal de dois consumidores inativos.

[...] inicialmente eu fui a, como se chama o nome da pessoa responsável? articuladora, durante um ano. Procurava comprar semanalmente....aconteceu a questão da qualidade dos produtos, principalmente dos hortifrutis, as vezes eu comprava uma coisa e era outra, as vezes eu chegava lá e não tinha quantidade, produtos de não tão boa qualidade com preços que a gente comprava na própria feira, dos mesmos produtores....e outros produtores vendiam em feira com valores mais baixos do que na feira onde nós estávamos consumindo principalmente, assim, pela ideia assim, não tem atravessador, hããã, é um consumo solidário, onde não está se visando o lucro, quer dizer, claro, a subsistência deles é obvio....mas eu me senti em um determinado momento explorada para com o produtor, pois eu estou comprando para auxiliar essas pessoas, mas cadê a rede ?.... foi muito isso que me fez parar, a questão do consumo mínimo também, justamente por eu morar sozinha, aí as vezes eu queria comprar alguns produtos mas não chegava na cota mínima. Eu gostava muito até, hãã, de participar, de quando eu era separadora, por exemplo, aquele momento né, de conversar com as outras pessoas, de experimentar

alguns produtos da feira, então eu conheci lá o queijo, determinado tipo de bolo, determinada manteiga, o café que era, aquele momento era um momento muito importante, não só para socializar, mas de experimentar os produtos, e isso terminou quando o centro de distribuição foi para o Santa Margarida “lugar atual”... todo esse convívio, então essa questão se perdeu (CONSUMIDOR INATIVO A, 2019).

[...] com relação aos produtos, hãã eu nem, não tão, não tinha problema muito com relação a, a peressibilidade deles, ou a cara do produto né, vamos dizer assim, né. Hãã comprava me satisfazia, não tinha esse problema assim, hãã algo que eu vinha como um déficit era da oferta de produtos em geral, não tinha frutas, né, não tem frutas por exemplo, hãã, e tinha alguns produtos quee, que é comum a gente consumir na semana, numa sexta básica que também não tinham assim, na época, e aí, a gente tinha que fazer uma parte das compras semanais vamos dizer assim, na Feira e outra parte no mercado tradicional, hãã, para fechar aquela semana assim. Hããã mas com relação até a experiência em si, foi bem legal na realidade, o fato de tu estar toda semana, todo sábado né, ta encontrando um grupo de pessoas ali em comum, e majoritariamente você encontrar as mesmas pessoas toda a semana, acaba criando um vínculo a mais, assim né, por diversos interesses, ou nem que seja pra tomar um café, isso era bem interessante assim, embora eu não encontrasse muito as pessoas do núcleo que eu fazia parte, acho isso um pouco irônico até. Mais eu encontrava mais o pessoal, que é justamente, que era justamente da estrutura de apoio da Feira, vamos dizer assim né, do TECSOL, do NESIC, que faziam aquela parte de apoio, até pelas amizades que já tinha na vida acadêmica, da UFPel assim, então essa parte era bem interessante. Hããã outro ponto que me atrapalhava um pouco assim era a questão da cota mínima mensal, porque, hããã eu não tinha uma renda muito alta, então as vezes por mais que os produtos fossem com preço competitivo e até abaixo de mercado, se for parar para olhar, mas as vezes não fechava assim, e tu tinha aquela obrigação de gastar um mínimo de x reais no mês, então alguns meses deu uma pesada assim... minha saída foi mais por, por juntar um pouco desses empecilhos na realidade assim, eu acabava não comprando toda semana mais, num processo de quinze em quinze dias, depois de uma vez por mês, ou as vezes até, faltava produtos né, ofertavam e começou a faltar, e isso começou a ser um coisa um pouco rotineira e me desanimou um pouco e eu acabei parando de consumir, assim não, sem fazer uma saída formal, mas uma saída informal, hãã embora sempre tivesse contato com as pessoas que participam assim, até hoje na realidade (CONSUMIDOR INATIVO B, 2019).

Percebe-se, portanto que a não permanência como consumidor ativo na feira virtual resulta de um conjunto de fatores, dos quais pode-se destacar: a) qualidade de produto; b) adequabilidade ao modo de consumo “compras à cegas”; c) cota mínima de consumo; d) Oscilação de oferta dos produtos; e) confiança no sistema; f) participação e socialização durante a separação e facilitação; g) contribuição social evidenciada com a redução do atravessador e, conferindo maior renda para o produtor. No momento em que estes aspectos foram deixando de existir, as motivações que levaram o consumidor a permanecer vinculado ao GCR Bem da Terra foram se enfraquecendo e, a permanência no grupo passou a não mais fazer sentido, visto que elementos importantes foram sendo esvaziados.

Diante destes fatos pode-se concluir que os elementos do capital social, principalmente a socialização entre os membros no momento de separação e facilitação, confiança, reciprocidade, responsabilidade social são importantes para manter parte dos consumidores ativos na Feira virtual, são eles que conferem significado e sentido para se abrir mão do tempo individual em prol de trabalho voluntário, e, no momento em que estes elementos não estão mais presentes permanece apenas a relação de consumo, que pode ser realizada em qual quer outro lugar.

Estes achados podem ser contrastados com os observados por Genari, Macke e Faccin (2012), que identificaram em sua investigação sobre capital social nas indústrias vitivinícolas no vale dos vinhedos (na serra gaúcha), que a maior participação na comunidade local, vai aumentando significativamente em grupos de respondentes com maior idade, maior tempo de empresa e maior renda. Neste sentido, pode-se sugerir que, a participação mais efetiva entre os membros do GCR da rede Bem da Terra, também esteja relacionada a maturidade, tempo de participação e a renda, no entanto, são apenas possibilidades, pois não foi possível explorar os dados a ponto de confirmar tais observações.

Com todas estas observações, é possível considerar que os consumidores ativos apresentam maiores níveis de confiança nas pessoas e instituições, são mais participativos em suas comunidades locais, bairros ou grupos e possuem maior identificação social por meio dos princípios da economia solidária, ou na busca por um consumo mais sustentável e, ou na busca por uma alimentação mais saudável do que os consumidores inativos.

5. Considerações Finais

Os fatores do capital social que mais se destacaram estão relacionados ao multiculturalismo, aos estilos de vida diversos e a proatividade no contexto do trabalho. Já os fatores que apresentam as médias mais baixas foram aqueles relacionados com a participação comunitária e as relações com a vizinhança.

A interação social na Rede Bem da Terra, conforme mostra o estudo, ocorre pelas afinidades comuns, valores e normas partilhadas através de vínculos de amizade e de trabalho. Trata-se de um grupo aberto a diferentes culturas e estilos de vida, com um bom nível de confiança entre os membros, o que representa um bom indicador para facilitar a cooperação no grupo.

Assim, observa-se que a primeira hipótese do estudo, a qual afirmava que o nível de capital social existente no GCR da rede Bem da Terra apresenta níveis que garantem o bom funcionamento da Feira Virtual, é parcialmente aceita. Se, nem todas as dimensões ou facetas do capital social estão presentes em níveis altos, há farta evidência que aquelas dimensões importantes para o pleno funcionamento da rede estão presentes. Quando cotejados pelos dados qualitativos, através da observação direta acrescida pelo conteúdo das entrevistas, observa-se que nem todas as dimensões do capital social conforme preza a literatura são fundamentais para o funcionamento da GCR da rede Bem da Terra.

Como elementos importantes encontrados no contexto da pesquisa, salienta-se a forte identificação social e, a confiança, sendo o primeiro o que confere consistência ao grupo, permite a busca de soluções conjuntas, possibilitando que eles encontrem estratégias para garantir a permanência da Feira Virtual. O segundo, isto é a confiança, a qual foi construída entre pessoas de origens culturais diferentes e sendo reforçado ao longo do tempo, é essencial para possibilitar a cooperação do grupo. Neste ponto, difere-se das considerações apresentadas por Fukuyama (1996, p. 41), que entende que o capital social, decorre da prevalência de confiança em uma sociedade, ou em parte dela, e, geralmente é criado e transmitido pelos seus mecanismos culturais, como hábitos e costumes herdados de gerações anteriores em determinadas regiões ou localidades.

Destaca-se como um fator importante deste estudo a escolha por uma metodologia mista, visto que o instrumento escolhido para realizar a mensuração quantitativa, embora já tivesse sido testado empiricamente em outros contextos, não

estava devidamente ajustado para o contexto de estudo do Grupo de Consumo Responsável da Rede Bem da Terra. As variáveis estavam focadas na participação comunitária no âmbito de bairro, vinculadas ao território físico, e não através da conexão em rede, como as relações que ocorrem no GCR da Rede Bem da Terra. Portanto, para estudos futuros em contextos similares, sugere-se a adequação do instrumento.

No entanto, os ajustes necessários na parte quantitativa foram contrabalançados pelas informações levantadas por meio da participação direta e pelas entrevistas com os articuladores dos núcleos e informantes chaves. Ambas possibilitaram compreender não só os resultados das análises, mas também compreender como ocorre a estrutura organizacional da Feira e o sistema de gestão.

Portanto, a análise conjunta possibilitou perceber que, houve mudanças na forma como o capital social se configurou diante das novas tecnologias e do novo formato de comercialização, corroborando com observações de Fukuyama (1996), parece-nos, que os momentos de socialização partilhados aos sábados, durante a separação e, a facilitação, são essenciais para o fortalecimento dos laços de amizade, trocas de conhecimentos, acolhimento para novos consumidores e momento de divulgação de produtos, conferindo satisfação e significado na ação conjunta.

Em fim, são as associações voluntárias e redes de relacionamentos que mantém ativa a comunidade cívica identificada por Putnam (1996) e Onyx e Bullen (2000) possibilitando primeiramente que a Feira Virtual permaneça existindo, mesmo em um sistema de economia capitalista, e contribuindo para a sustentabilidade dos Empreendimentos de Economia Solidária na região sul do estado do Rio Grande do Sul.

De outro lado, o fato dos consumidores inativos terem menos capital social demonstra que, mesmo eles tendo ingressado de forma voluntária por meio da acolhida e, portanto, conscientes da conduta que seria demandada, eles diferem dos consumidores ativos. A diferença é significativa nas dimensões do capital social “Sentimentos de Segurança e Confiança”, “Participação Comunitária” e “Identificação Social”. As consequências desta diferença podem estar impactando na permanência destes respondentes na feira. Estes respondentes ao apresentarem menores níveis destas dimensões do capital social podem ser menos identificados e

motivados com a proposta da economia solidária e, portanto, não estão dispostos a assumir a responsabilidade e o compromisso da participação.

Fica evidente que são as interações sociais no grupo que aumentam os recursos à disposição dos indivíduos que se encontram imersos em tais relações. O capital social presente pode ser caracterizado como um atributo desta Rede conferindo-lhe valor não tangível, mas altamente valioso, possibilita a cooperação e melhora a eficiência, auxiliando na construção de caminhos alternativos para superar as transformações e crises que vem acontecendo atualmente confirmando as observações de Putnam (1996).

Iniciativas e estratégias fundamentadas nos princípios da Economia Solidária, como a observada no Grupo de Consumo Responsável da Rede Bem da Terra, são experiências associativas, que se nutrem do comportamento solidário e cooperativo, gradados por nível significativo de capital social. Sem estes requisitos, os empreendimentos seriam incapazes de se sustentarem e serem alternativas ao modelo capitalista predominante. O desenvolvimento do espírito solidário e cooperativo, assim como a confiança, entre outros elementos do capital social são importantes para possibilitar a inserção social de pessoas que se encontram às margens do modelo de produção e passando por dificuldades, especialmente nos momentos de crise.

Como contribuição e motivação pessoal, este estudo, possibilitou à pesquisadora refletir sobre como a forma que vivemos, consumimos, produzimos e nos relacionamos resulta em consequências na estrutura social na qual estamos inseridos. Um simples ato de consumir, mesmo que, primeiramente possa parecer uma atividade isolada e individual, acaba contribuindo para custear a cadeia de produção-distribuição-comercialização-consumo daquele produto, gerando reflexos econômicos, ambientais e sociais, positivos ou negativos.

Neste sentido o simples ato de consumir passa a ter dimensões mais abrangentes, podendo ser percebida como um ato que resulta em responsabilidades que refletem não só no presente, mas especialmente no futuro das próximas gerações e, isso vale tanto para as pessoas individuais como organizações ou governo, para empresas, produtores, ou seja, todos aqueles que consomem.

Portanto, ao adotar uma postura mais ativa e comprometida, como aquela dos consumidores ativos do Bem da Terra, as ações pessoais, passam a ter caráter transformador da realidade. A busca de uma perspectiva mais humana que

englobe a natureza, a cultura e a sociedade e não somente o lucro, possibilita a Feira Virtual contribuir no fomento de um desenvolvimento mais justo e sustentável, mesmo que em escala regional.

Como possibilidade para estudos futuros, destaco a necessidade de se estudar e desenhar modelos de gestão que estimulem a participação, mas que sejam menos hierarquizados e engessados possibilitando melhor fluidez. Também em estudos futuros, poder-se-á estudar a estrutura organizacional ótima de governança para os empreendimentos de economia solidária. O GCR da Rede Bem da Terra, embora se apresente como uma estrutura horizontalizada, onde todos os membros partilham de igualdade e poder de voto, a realidade empírica mostrou que ela é bastante verticalizada. Há muitas, camadas hierárquicas, umas se sobrepondo a outras, muitas vezes, dificultando o processo decisório, reduzindo a transparência, o que pode diminuir a eficácia/eficiência da gestão.

6. Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE, Paulo Peixoto de. Autogestão. In: CATTANI, Antonio David (Org.). **A outra economia**. Porto Alegre: Veraz Editores, p.20-25, 2003.

PELOTAS. **Estatuto da Associação Bem da Terra**. Pelotas: Rio Grande do Sul, 2009. 13p.

BALTHAZAR, Ubaldo Cesar; CARDOSO, Venusto da Silva. A isenção de ICMS incidente sobre a saída de bens e produtos nos empreendimentos econômicos solidários como fator de desenvolvimento econômico e social. **Revista de Direito**, Viçosa, v.8, n.2, p. 217-238, 2017.

BOURDIEU, Pierre. Le trois états Du capital culturel. **Actes de la recherche em sciences sociales**, Paris, v.30, p.3-6, 1979.

BOURDIEU, Pierre. Le capital social. **Actes de la recherche em sciences sociales**, Paris, v.31, p.2-3,1980.

BOURDIEU, Pierre. The forms of capital. In: RICHARDSON, John. (Ed). **Handbook of theory and research for the sociology of education**. New York: Greenwood Press, p. 214-258, 1986.

CALABRÓ, Guilherme. **Criando um Grupo de Consumo Responsável: um passo a passo para começar e estabelecer um GCR**. Piracicaba: Instituto Terra Mater, 2016. 18p.

CIRANDAS.NET. Disponível em: <<http://cirandas.net/>> Acesso em: 10 mai. 2019

COLEMAN, James. Social Capital in the Creation of Human Capital. **American Journal of Sociology**, Chicago, v. 94, p. 95-120, 1988.

COLEMAN, James. **Foundations of social theory**. Cambridge: Harvard University Press, 1990. 993p.

CORRAR, Luiz; PAULO, Edison; DIAS FILHO, José Maria (Org.) **Análise Multivariada: para cursos de administração, ciências contábeis e economia**. São Paulo: Atlas, 2014. 568p.

COLLIS, Jill; HUSSEY, Roger. **Pesquisa em administração: um guia prático para alunos de graduação e pós-graduação**. Porto Alegre: Bookman, 2005. 352p.

CRESSWELL, John W. **Projeto de pesquisa: Método qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: Artmed, 2010. 296p.

CRUZ, A. Os 'grupos de consumo responsável' no Brasil ? experiências inovadoras de comercialização solidária. In: X Seminario Académico Internacional PROCOAS AUGM, Mendoza. **Anais do X Seminario Académico Internacional PROCOAS AUGM** Mendoza: Marcos Mattar Ediciones, 2014. p. 203-215.

DOVEY, Ken; ONYX, Jenny. Generating social capital at the workplace: a South African case of inside-out social renewal. **International Journal Of Lifelong Education**, London, v.20, n. 3, p. 151-168, 2001.

DURSTON, John. Construyendo Capital Social comunitário. **Revista del Cepal**, Santiago de Chile, v. 69, p. 103-118, 1999.

DURSTON, John. **Que es capital social comunitário?** Santiago do Chile: Cepal, 2000. (Serie de Políticas Sociales).

ESPERANZA, Vera Toscano *et al.* Are theories about social capital empirically supported? Evidence from the farming sector. **Social Indicators Research**, Canadá, v. 114, n.3, p.1331-1359, 2013.

PELOTAS. **Estatuto da Associação Bem da Terra**. Pelotas: Rio Grande do Sul, 2011. 17p.

EVANS, Peter. Government Action, Social Capital and Development: Reviewing the Evidence on Synergy. **World Development**, Reino Unido, n. 24, p. 1119-1132, 1996.

FIELD, Andy. **Descobrimdo a estatística usando o SPSS**. Porto Alegre: Artmed, 2009. 688p.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009. 408p.

FONTANELA, Bruno Jose Barcellos *et al.* Amostragem em pesquisas qualitativas: proposta de procedimentos para constatar saturação teórica. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.27, n. 2, p. 384-394, 2011.

FUKUYAMA, Francis. Social capital and the global economy. **Foreign Affairs**, Nova Iorque, v. 74, n. 5, p. 89-103, 1995.

FUKUYAMA, Francis. **Confiança**: as virtudes sociais e a criação da prosperidade. Rio de Janeiro: Rocco, 1996. 455p.

FUKUYAMA, Francis. **A grande ruptura**: a natureza humana e a reconstituição da ordem social. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. 348p.

FULKERSON, Gregory; THOMPSON, Gretchen. The Evolution of a Contested Concept: A Meta-Analysis of Social Capital Definitions and Trends (1988-2006). **Sociological Inquiry**, Reino Unido, v. 78, n. 4, p. 536-557, 2008.

GAIGER, Luiz Inácio. A economia solidária diante do modo de produção capitalista. **Caderno CRH**, Salvador, n.39, p. 181-211, 2003.

GAIGER, Luiz Inácio. **A economia solidária no Brasil**: uma análise de dados nacionais. São Leopoldo: Oikos, 2014. 158p.

GENARI, Denise; MACKKE, Janaina; FACCIN, Kadígia. Mensuração do capital social organizacional em redes de indústrias vitivinícolas brasileiras. **BASE - Revista de**

administração e contabilidade da Unisinos, São Leopoldo, v.9, n. 1, p. 53-67, 2012.

GRANOVETTER, Mark. The strength of weak ties. **The American Journal of sociology**, Chicago, v. 78, n.6, p. 1360-1380, 1973.

HAIR, Joseph *et al.* **Análise Multivariada dos dados**. Porto Alegre: Bookman, 2009. 688p.

HANIFAN, Lyda Judson. The rural school community center. **Annals of the American Academy of Political and Social Science**, Pensilvania, v. 67, n. New Possibilities in Education, p. 130-138, 1916.

HUNT, Emery Kay. **História do pensamento econômico**: uma perspectiva crítica. Rio de Janeiro: Campus, 1985. 1021p.

IPEA. **Os novos dados do mapeamento de economia solidária no Brasil: nota metodológica e análise das dimensões socioestruturais dos empreendimentos**. Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/7410/1/RP_Os%20Novos%20dados%20do%20mapeamento%20de%20economia%20solid%C3%A1ria%20no%20Brasil_2016.pdf> Acesso em: 02 jun.2019.

IPEA. **Mercado de Trabalho conjuntura e análise**. Disponível em:<http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=34732&Itemid=9> Acesso em: 02 jun. 2019.

KAIRÓS-INSTITUTO. **Caminhos para práticas de consumo responsável**. São Paulo: O Instituto, 2011. 36p.

KAIRÓS-INSTITUTO. **Levantamento do Perfil dos Grupos de Consumo no Brasil**. Disponível em: <<https://institutokairos.net/wp-content/uploads/2012/04/Kairos-grupos-de-consumo-no-brasil.pdf>> Acesso em: 25 abr. 2019.

KAISER, Henry. An index of factorial simplicity. **Psychometrika**, Nova Iorque, v.39, n.1, p.31-36, 1974.

KOCHHANN, Aline Gonzalez. **Governança de Redes de Economia Solidária: análise dos modos e dimensões de redes solidárias da região Sul do Rio Grande do Sul**. 2017. 149 fl. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Territorial e Sistemas Agroindustriais), Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2017.

LACHMANN, Ludwig. **Capital and its structure**. Kansas: Sheed Andrews and McMeel, 1978. 133p.

LIN, Nan. Building a network theory of social capital. **Connections**, Duke, v.22, n.1, p.28-51,1999.

LOURY, Glenn. **A Dynamic Theory of Racial Income Differences**. In: WALLACE, P. A.; LAMOND, A. M. (Eds.). *Women, Minorities, and Employment Discrimination*. Lexington, MA: Lexington Books, 1977.

MACCALLUM, Robert. *et al.* Sample size in factor analysis. **Psychological Methods**. Kingston, v. 4, n. 1, p. 84-99. 1999.

MACKE, Janaína; SARATE, João Alberto Rubim; DAMACENA, Cláudio. A avaliação do capital social em uma cidade gaúcha: a percepção dos estudantes de administração. **REAd**, Porto alegre, v.16, n.3, p. 611-635, 2010.

MACKE, Janaína; SARATE, João Alberto Rubim; VALLEJOS, Rolando Vargas. Collective competence and social capital analysis in collaborative networks. **Systemics, cybernetics and informatics**, v.8 n.3, p. 18-23, 2010.

MAIA, Mara. Economia solidária e o microcrédito no Brasil: avanços ou insuficiências? **Revista de Administração de Roraima - RARR**, Roraima, v. 4, n.1, p.119-133, 2014.

MALHOTRA, Naresh. *Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada*. Porto Alegre: Bookman, 2001. 768p.

MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981. 208p.

MELO, Paulo Tiago Nunes Bezerra; REGIS, Helder Pontes; BELLEN, Hans Michael. Princípios epistemológicos da teoria do capital social na área da administração. **Cadernos EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p.136-164, 2015.

MELO, Paulo Tiago Nunes Bezerra; BELLEN, Hans Michael; ZARO, Elise Soerger. A Qualidade do Capital Social com as Partes Interessadas: Fator de Desenvolvimento Espúrio ou Sustentável. **Revista de Gestão Ambiental e Sustentabilidade – GeAS**, São Paulo, v. 4, n. 2, p.1-17, 2015.

MILANI, Carlos. Teorias do capital social e desenvolvimento local: lições a partir da experiência de Pintadas (Bahia, Brasil). **Organizações & sociedade**, Salvador, v.11, p.95-113, 2003.

MINAYO, Maria Cecília Souza. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis-RJ: Vozes, 2006. 114p.

MONASTÉRIO, Leandro Monteiro. **Medindo o capital social**: uma análise das regiões do Rio Grande do Sul. In: CORREA, Silvio Marcus de Souza (org.). *Capital Social e Desenvolvimento Regional*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

NAHAPIET, Janine; GOSHAL, Sumantra. Social capital, intellectual capital, and the organizational advantage. **Academy of Management Review**, Nova Iorque, v.23, p.242-266, 1998.

NESIC-UCPEL. Disponível em: <<http://antares.ucpel.tche.br/nesic/quemsomos.php>> Acesso em: 10 mai. 2019.

OLIVEIRA, Alysson André Regis. O movimento de economia solidária: essencialidades do princípio educativo. **Revista Iberoamericana de Educación**, Madrid, v.76, p. 187-208, 2018.

ONYX, Jenny; BULLEN, Paul. **Measuring socialcapitalin five communities in NSW**. Sydney-Australia: Management Alternatives Pty Ltd, 1998. 59p.

ONYX, Jenny; BULLEN, Paul. Measuring social capital in five communities. **Journal of Applied Behavioral Science**, Austrália, v. 36, n. 1, p.23- 42, 2000

PASE, H. L.; SANTOS, E. **Capital Social e Desenvolvimento no Rio Grande do Sul**. <<http://www.capitalsocialsul.com.br/capitalsocialsul/arquivos/mt/Livro%20completo%20desenvolvimento%20regional%202008.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2019.

PUTNAM, Robert. **Comunidade e Democracia**: a experiência da Itália moderna. Rio de Janeiro: FGV,1996. 295p.

PUTNAM, Robert. **Bowling Alone**: The collapse and revival of American community. New York: Simon & Schuster, 2000. 544p.

REDE BEM DA TERRA. Disponível em: <http://bemdaterra.org/>. Acesso em: 03 mar. 2019.

REDE-RIZOMA. PROJETO: Rede Rizoma – circuito local de comércio justo na Região Sul do Rio Grande do Sul (Incubadora TECSOL-UFPel), Documento impresso contendo 30 p. Pelotas, 2017

REGULAMENTO DA FEIRA VIRTUAL. Disponível em: <http://bemdaterra.org/redede-consumidores/regulamento-da-feira/>. Acesso em: 14 mai. 2019.

RIBEIRO, Kleber Àvila; OLIVIERA, Luiz Henrique Felipe Santos. Entraves e Desafios a Sustentabilidade dos Empreendimentos Solidários na Região do Submédio São Francisco. **Revista Brasileira de Assuntos Regionais e Urbanos**, Goiânia, v.3, n. 1, p. 106-119, 2017.

SANTOS, Milton. **Por outra globalização do pensamento único a consciência universal**. São Paulo: Editora Record, 2001. Disponível em: <http://www.geografia.fflch.usp.br/semangeo/pdf/Capitulos_do_livro.pdf> Acesso em: 14 mai. 2019.

SANTOS, Luiz Miguel Luzio; VIEIRA, Saulo Fabiano Amâncio Vieira; BORINELLI, Benilson. Economia Solidária e Estratégia: Entre Princípios e Pragmatismo. **Revista Ibero-Americana de Estratégia**, São Paulo, v.12, n. 4, p. 261-278, 2013.

SAMPIERI, Hernández *et al.* **Metodologia de Pesquisa**. Porto Alegre: Penso, 2013. 624p.

SIES. Disponível em: <<http://sies.ecosol.org.br/sies>> . Acesso em: 09 mar. 2019.
SINGER, P. **Introdução à Economia Solidária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.

SINGER, Paul. Economia Solidária. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 22, n. 62, p. 289-314, 2008.

SILVA, Rafaelle Amado; OLIVEIRA, Verônica Macário; CORREIA, Suzanne. Impactos da participação de mulheres em iniciativas de economia solidária no Cariri Paraibano. **RACE: Revista de Administração, Contabilidade e Economia**, Joaçaba, v. 17, n. 3, p. 851-866, 2018.

TONINI, Hernanda; MACKE, Janaina. Confiança e capital social para o desenvolvimento de comunidades rurais: o caso da Aprovele. **RGSA - Revista de Gestão Social e Ambiental**, Recife, v. 1, n. 3, p. 99-111, 2007.

TONDOLO, Rosana Rosa Portella; TONDOLO, Vilmar Antonio Gonçalves; BITENCOURT, Claudia Cristina. Correlações entre elementos do capital social e orientação empreendedora: um estudo exploratório. **RECADM**, Curitiba, v. 12, n.1, p. 96-109, 2013.

TONDOLO, Rosana Rosa Portella; BITENCOURT, Claudia Cristina; VACCARO, Guilherme Luís Roehe. Capital Social organizacional em um projeto interorganizacional: um estudo desenvolvido no terceiro setor. **Revista de Administração UFSM**, Santa Maria, v. 10, n. 1, p. 08-23, 2017.

TOQUEVILLE, A. **Democracy in American**. Disponível em: <<http://books.google.com.br/books?id=gTXSzS2fAC&printsec=frontcover&dq=democracy+in+america#PPR1,M1>>. Acesso em: 02 fev. 2018.

TSAI, Wenpin; GHOSHAL, Sumantra. Social capital and value creation: the role of intrafirm networks. **The Academy of Management Journal**, Nova Iorque, v. 41, n. 4, p. 464-47, 1998.

YIN, Robert. **Estudo de Caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2010. 200p.

WOODHOUSE, Andrew. Capital social e desenvolvimento econômico regional na Austrália: um estudo de caso. **Journal of Rural Studies**, Inglaterra, v. 22, p. 83 – 94, 2006.

XIMENES, Tereza. Capital Social, Redes Sociais e Inovações Produtivas. **Ambiente e Sociedade**. Campinas, n. 2, p. 389-404, 2008.

Apêndices

APÊNDICE A - Instrumentos para coleta de Dados Quantitativos

Texto que foi no corpo do e-mail:

Olá

Sou RETIELE VELLAR, mestranda do Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Territorial e Sistemas Agroindustriais da UFPel. Meu co-orientador, Prof. Lúcio de Oliveira Fernandes, e eu estamos realizando uma pesquisa sobre as dinâmicas sociais na Associação de Consumidores da Rede Bem da Terra e queremos contar com a sua colaboração. Isso nos possibilitará perceber como a dinâmica das pessoas contribui no bom funcionamento da Feira e ajudará aprimorar aspectos importantes para a manutenção da Associação.

O questionário dura apenas 3 minutos e suas respostas serão tratadas de forma totalmente anônima. É permitido responder ao questionário apenas uma vez! As perguntas marcadas com um asterisco (*) são obrigatórias.

Caso tenha alguma dúvida sobre o questionário, envie-nos um email: retielevellar@hotmail.com

Sua participação é de fundamental importância para nós!

Questionário de Pesquisa: Capital Social na Feira Virtual Bem da Terra

O questionário a seguir está dividido em dois blocos de questões, o primeiro busca captar informações sobre o perfil pessoal dos integrantes da Associação de Consumidores da Feira Virtual Bem da Terra e o segundo visa encontrar nas ações desses consumidores elementos pertencentes ao Capital Social.

***Obrigatório**

1. Qual município em que você reside? *

Outra (); Capão do Leão (); Cerrito (); Arroio Grande (); Turuçu ();
Morro Redondo (); Rio Grande (); Pelotas (); Piratini (); Jaguarão ();
Canguçu (); São Lourenço (); Pedro Osório (); Arroio do Padre ();

2. Qual a sua idade?

Responda somente números _____

3. Qual seu sexo? *

Masculino

Feminino

4. Você trabalha (exerce atividade com remuneração)? *

Sim (); Não (); Aposentado ();

5. Qual o seu nível de instrução?

Até a 4 série do ensino fundamental (); Ensino fundamental incompleto ();

Ensino fundamental completo (); Ensino médio incompleto ();

Ensino médio completo (); Ensino superior incompleto ();

Ensino superior completo (); Pós-Graduação ();
Mestrado (); Doutorado/Pós-Doutorado ()

6. Qual sua renda familiar considerando o salário mínimo atual de R\$ 998,00 *
Até um salário mínimo (); De 1 à 3 salários mínimos ();
De 4 à 6 salários mínimos (); De 6 à 8 salários mínimos ();
De 8 à 10 salários mínimos (); Acima de 10 salários mínimos ();

7. Qual seu estado civil?
Solteiro (a) (); Casado (a)/ União estável (); Divorciado (a) ();
Viúvo (a) (); Outro (a) ();

8. Você tem filhos? *
Não (); 1 filho (); 2 filhos (); 3 filhos (); mais de 3 filhos ();

9. Qual a idade de seus filhos?

	0 à 5 anos	5 à 10 anos	10 à 15 anos	15 à 20 anos	20 à 30 anos	Mais de 30 anos
1 filho						
2 filhos						
3 filhos						
4 filhos						
Mais de 4 filhos						

10. Você é filiado a partido político ou participa de atividades políticas?
Sim (); Não ();

11. Você é membro de alguma religião ou participa de atividades religiosas?
Sim (); Não ();

12. Você participa de algum sindicato ou associação vinculado à sua profissão ou trabalho? *
Sim (); Não ();

13. Você é consumidor ativo da Feira Virtual Bem da Terra? *
Sim (); Não ();

14. Qual o principal motivo que levou você a ser consumidor da Feira Virtual? *
Por ser Vegetariano (a) (); Por ser Vegano (a) ();

Busco uma forma de consumo mais sustentável ();
 Busco uma alimentação mais saudável (); Por questões de saúde ();
 Afinidade com os princípios da Economia Solidária ();
 Gosto da forma de comercialização (encomendas pela internet com dia específico para buscar) ();
 Gosto de comprar os produtos diretos do produtor (circuitos curtos de comercialização) (); Outro ();

Questionário de Pesquisa: Capital Social na Feira Virtual Bem da Terra

*Obrigatório

Nesta seção, busca-se avaliar o Capital Social, sendo ele reflexo do modo de agir das pessoas onde vivem e da interação que existe entre elas, por isso nas questões seguintes marque a opção que melhor representa sua posição sobre cada pergunta, de acordo com a escala abaixo:

Opção 1- Para respostas - **Não, Nunca**

Opção 2- Para respostas - **Raramente**

Opção 3- Para respostas- **Frequentemente**

Opção 4- Para respostas- **Sim, Sempre**

1. Você participa de algum grupo na sua comunidade ou bairro como voluntário? *

1 (); 2 (); 3 (); 4 ();

2. Você participou de algum evento na sua comunidade ou bairro nos últimos 6 meses? *

1 (); 2 (); 3 (); 4 ();

3. Você é membro ativo de alguma organização na sua comunidade (clubes sociais, associação de bairro, comitê de pais na escola, associação de consumidores, cooperativas, etc)?

1 (); 2 (); 3 (); 4 ();

4. Você administra ou participa do comitê de organização de algum grupo ou associação do seu bairro ou comunidade?

1 (); 2 (); 3 (); 4 ();

5. Nos últimos 3 anos, você envolveu-se em alguma ação da comunidade ou bairro para ajudar em alguma emergência?

1 (); 2 (); 3 (); 4 ();

6. Nos últimos 3 anos, você tomou parte em algum projeto ou trabalho da sua comunidade ou bairro? *

1 (); 2 (); 3 (); 4 ();

7. Você já participou de algum projeto para organizar algum novo serviço na sua comunidade ou bairro (ajuda à criança, auxílio à deficientes, etc) *

1 (); 2 (); 3 (); 4 ();

8. Você alguma vez recolheu lixo de outras pessoas em local público? *

1 (); 2 (); 3 (); 4 ();

9. Você precisa sair da sua comunidade ou bairro para visitar seus familiares? *

1 (); 2 (); 3 (); 4 ();

10. Se você necessita de informações para tomar uma decisão importante para a sua vida, você sabe onde encontrá-las? *

1 (); 2 (); 3 (); 4 ();

11. Se você discorda da “opinião da maioria”, você se sente à vontade (livre) para expressar opinião em contrário? *

1 (); 2 (); 3 (); 4 ();

12. Se você desentende-se com um vizinho (por qualquer motivo), você se esforça para mediar (resolver de forma pacífica e consensual) a situação? *

1 (); 2 (); 3 (); 4 ();

13. No trabalho, você toma iniciativa para fazer o que é necessário e certo, mesmo sem que alguém peça a você? (Questão válidas para trabalho remunerado). *

1 (); 2 (); 3 (); 4 ();

14. No seu trabalho, você costuma ajudar seus colegas, mesmo nas atividades que não façam parte das suas atribuições? (Questão válidas para trabalho remunerado). *

1 (); 2 (); 3 (); 4 ();

5. Na sua comunidade ou bairro, você se sente seguro andando na rua sozinho à noite? *

1 (); 2 (); 3 (); 4 ();

16. Você concorda que se pode confiar na maioria das pessoas? *

1 (); 2 (); 3 (); 4 ();

17. Se o veículo de alguém estraga em frente a sua casa, você oferece o seu telefone pessoal/residencial ao motorista com o objetivo de ajudá-lo? *

1 (); 2 (); 3 (); 4 ();

18. Sua comunidade ou bairro tem fama de ser um local seguro para se morar? *

1 (); 2 (); 3 (); 4 ();

19. Existe um sentimento de "lar" na sua comunidade ou bairro? *

1 (); 2 (); 3 (); 4 ();

20. Você recebe ajuda de amigos quando precisa? *

1 (); 2 (); 3 (); 4 ();

21. Se você está tomando conta de uma criança (filho, sobrinho ou outros) e precisa sair por alguns instantes, você solicita ajuda de algum vizinho? *

1 (); 2 (); 3 (); 4 ();

22. Você visitou algum vizinho na semana passada? *

1 (); 2 (); 3 (); 4 ();

23. Quando você sai para fazer compras no seu bairro ou comunidade, você se sente entre amigos, entre conhecidos? *

1 (); 2 (); 3 (); 4 ();

24. Nos últimos 6 meses, você ajudou algum vizinho doente ou necessitado? *

1 (); 2 (); 3 (); 4 ();

25. Você costuma telefonar freqüentemente (diariamente) para seus amigos? *

1 (); 2 (); 3 (); 4 ();

26. Você conversa com muitas pessoas diariamente? *

1 (); 2 (); 3 (); 4 ();

27. E no fim de semana, você costuma almoçar ou jantar com alguém além dos familiares que moram com você? *

1 (); 2 (); 3 (); 4 ();

28. Você acredita que a diversidade de culturas torna melhor a vida no seu bairro ou comunidade? *

1 (); 2 (); 3 (); 4 ();

29. Você gosta de viver entre pessoas de diferentes estilos de vida? *

1 (); 2 (); 3 (); 4 ();

30. Você se sente valorizado na sua comunidade ou bairro? *

1 (); 2 (); 3 (); 4 ();

31. Se você morresse amanhã, ficaria satisfeito com o significado que sua vida teve? *

1 (); 2 (); 3 (); 4 ();

32. Você se sente parte integrante da comunidade ou bairro onde você trabalha? *

1 (); 2 (); 3 (); 4 ();

33. Seus colegas de trabalho são também seus amigos? *

1 (); 2 (); 3 (); 4 ();

34. Você se sente parte de uma “equipe de trabalho”? *

1 (); 2 (); 3 (); 4 ();

APÊNDICE B – Roteiro Entrevista Semi-Estruturada

Direcionada: Gestores dos Núcleos de Consumidores e integrantes dos Grupos de Trabalho da Feira Virtual Bem da Terra- Pelotas-RS

Conduzida: pela mestrandia, com perguntas abertas e registro de áudio simultaneamente ao registro escrito das informações mais relevantes.

Primeiro Momento: Apresentações pessoais, esclarecimento sobre objetivo da entrevista, autorização para gravar a o diálogo e condução das perguntas que visam obter informações de como ocorre à dinâmica dos grupos.

Segundo Momento: Verificar a existência de Laços (fortes e fracos).

- Nome do Núcleo:
 - Nome do Gestor do Núcleo:
 - Tempo que está vinculado a Feira:
1. Converse livremente sobre como você percebe o seu núcleo quanto a:
 - Comunicação do núcleo (as pessoas conversam);
 - Vínculo entre as pessoas (são amigos, parentes, etc....);
 - Conexão (as pessoas se encontram, só na feira, ou fora também);
 - Comunicação entre com outros núcleos da feira;
 2. Como Gestor do núcleo você percebe mais facilidade de acessar alguma informação sobre a feira ou qualquer membro consegue obter informações sobre a feira no momento que desejar?

Terceiro Momento: Verificar a existência de confiança, participação e obrigações.

1. Converse livremente sobre como você percebe a participação no núcleo?
 - Cumprimentos das tarefas;
 - União;
 - Reciprocidade (exemplo na troca das escalas);
 - Confiança (entre os membros e na qualidade dos produtos);
2. Além da feira, existe algo que identifique esse grupo? O quê?

Quarto Momento: Verificar a existência de valores, normas e linguagem compartilhadas.

1. Como você percebe os princípios da economia solidária no seu núcleo?
2. Você percebe que os objetivos da Feira Virtual são claros a todos os integrantes?